

**AVALIAÇÃO DE UMA VEGETAÇÃO DE  
CERRADO *SENSU STRICTO* SUBMETIDO A  
DIFERENTES SISTEMAS DE MANEJO  
SUSTENTÁVEL**

**FLÁVIA NASCIMENTO DE SOUZA**

**2010**

**FLÁVIA NASCIMENTO DE SOUZA**

**AVALIAÇÃO DE UMA VEGETAÇÃO DE CERRADO *SENSU STRICTO*  
SUBMETIDO A DIFERENTES SISTEMAS DE MANEJO  
SUSTENTÁVEL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, área de concentração em Ciências Florestais, para a obtenção do título de “Mestre”.

Orientador

Prof. Dr. José Roberto Soares Scolforo

LAVRAS  
MINAS GRAIS - BRASIL  
2010

**Ficha Catalográfica Preparada pela Divisão de Processos Técnicos da  
Biblioteca Central da UFLA**

Souza, Flávia Nascimento de.

Avaliação de uma vegetação de cerrado *sensu stricto* submetido a diferentes sistemas de manejo sustentável / Flávia Nascimento de Souza. – Lavras : UFLA, 2010.

142 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2010.

Orientador: José Roberto Soares Scolforo.

Bibliografia.

1. Manejo florestal. 2. Ecologia florestal. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 634.92

**FLÁVIA NASCIMENTO DE SOUZA**

**AVALIAÇÃO DE UMA VEGETAÇÃO DE CERRADO *SENSU STRICTO*  
SUBMETIDO A DIFERENTES SISTEMAS DE MANEJO  
SUSTENTÁVEL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, área de concentração em Ciências Florestais, para a obtenção do título de “Mestre”.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2010.

Prof. Dr. José Márcio de Mello	UFLA
Prof. Dr. Rubens Manoel dos Santos	UFLA
Prof. Dra. Thelma Shirlen Soares	UFVJM

Prof. Dr. José Roberto Soares Scolforo  
UFLA  
(Orientador)

LAVRAS  
MINAS GERAIS - BRASIL

*O homem de sucesso é o que viveu bem, riu muitas vezes e amou bastante; que conquistou o respeito dos homens inteligentes e o amor das crianças; que galgou uma posição respeitada e cumpriu suas tarefas; que deixou este mundo melhor do que encontrou, ao contribuir com uma flor mais bonita, um poema perfeito ou uma alma resgatada; que jamais deixou de apreciar a beleza do mundo ou falhou em expressá-la; que buscou o melhor nos outros e deu o melhor de si.*

*Robert Louis Stevenson*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, porque “Por mais árdua que seja a luta, por mais distante que um ideal se apresente, por mais difícil que seja a caminhada, existe sempre uma maneira de vencer: a nossa fé!”.

A minha família, meu alicerce, pelo inestimável amor e carinho.

A todos os meus amigos, pelos momentos inesquecíveis que vivemos juntos.

Ao Rafael, pelo companheirismo, compreensão e incentivo.

À Universidade Federal de Lavras e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), pela oportunidade, estrutura e apoio financeiro.

Ao professor Dr. José Roberto Soares Scolforo, pela confiança depositada e orientação.

A todos os professores, funcionários e colegas do Departamento de Ciências Florestais e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Manejo Florestal (LEMAF) que, de alguma forma, contribuíram para o enriquecimento deste trabalho. Em especial, Charles, Rubens e Hisaias.

## APRESENTAÇÃO

Grande parte das áreas de cobertura primitiva do bioma Cerrado tem se perdido com a ocupação de diferentes paisagens antrópicas, devido ao desmatamento para a construção de centros urbanos, formação de pastagem, atividades agrícolas e exploração madeireira, além da frequente ocorrência de incêndios.

A destruição desordenada do Cerrado representa enorme perda de biodiversidade e de recursos potenciais e, portanto, o presente estudo, intitulado “Avaliação de uma vegetação de cerrado *sensu stricto* submetido a diferentes sistemas de manejo sustentável”, tem como iniciativa fornecer informações que possam contribuir para o estabelecimento de estratégias que visem à utilização racional desse bioma.

O estudo foi estruturado em dois artigos, de acordo com a nova opção de formatação de dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, preparados para submissão à Revista Cerne. No primeiro artigo, o objetivo foi avaliar o efeito de diferentes sistemas de manejo sustentável na composição florística e diversidade de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizado em Brasilândia de Minas (MG), onze anos após as intervenções. No segundo artigo, buscou-se avaliar o comportamento da estrutura, área basal, número de indivíduos, volume, peso de matéria seca e carbono desta vegetação, mediante essas intervenções.

Lavras, 24 de fevereiro de 2010.

**Flávia Nascimento de Souza**

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
RESUMO	i
ABSTRACT	ii
ARTIGO 1: Avaliação do efeito de diferentes sistemas de manejo sustentável na composição florística e diversidade de uma área de cerrado <i>sensu stricto</i> .....	1
1 Resumo.....	2
2 Abstract.....	3
3 Introdução.....	4
4 Material e Métodos.....	5
5 Resultados e Discussões.....	8
5.1 Florística.....	8
5.2 Similaridade florística.....	17
5.3 Diversidade florística.....	21
6 Conclusões.....	25
7 Referências Bibliográficas.....	26
ARTIGO 2: Comportamento da estrutura e de variáveis dendrométricas de uma área manejada de cerrado <i>sensu stricto</i> .....	32
1 Resumo.....	33
2 Abstract.....	34
3 Introdução.....	35
4 Material e Métodos.....	37
5 Resultados e Discussões.....	39
5.1 Análise estrutural.....	39
5.2 Distribuição diamétrica.....	45
5.3 Resultados gerais do inventário.....	52
6 Conclusões.....	57
7 Referências Bibliográficas.....	57
ANEXOS.....	62



## RESUMO GERAL

SOUZA, Flávia Nascimento de. **Avaliação de uma vegetação de cerrado *sensu stricto* submetido a diferentes sistemas de manejo sustentável**. 2010. 142p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.<sup>1</sup>

Objetivou-se, com a realização deste estudo, avaliar o efeito de diferentes sistemas de manejo sustentável na composição florística, diversidade, estrutura, área basal, número de indivíduos, volume, peso de matéria seca e carbono de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizada em Brasilândia de Minas (MG), onze anos após as intervenções. Em 1997, foram alocadas 30 parcelas na área de estudo, com delineamento em blocos casualizados, nas quais foram instalados dez tratamentos com três repetições: remoção de 50%, 60%, 70% e 80% da área basal, envolvendo redução e acréscimo de 20% no valor original do quociente de De Liocurt; corte raso e testemunha. Antes da implantação dos tratamentos, foi realizado um levantamento, a fim de conhecer a vegetação original e, em 2004 e 2008, novos levantamentos foram realizados. A similaridade entre a composição florística antes e após a instalação dos tratamentos foi avaliada por meio dos índices de Sorensen e Bray-Curtis. Obteve-se a diversidade florística pelo índice de Shannon e equabilidade de Pielou, que foram comparados entre os levantamentos pelo teste de Hutcheson e T-pareado, respectivamente. Foram calculados os parâmetros para a análise estrutural, por espécie em cada tratamento e realizada a distribuição diamétrica, que foi testada por Kolmogorov-Smirnov. Estimaram-se o volume, o peso seco e o carbono que, juntamente, com o número de indivíduos e área basal, foram analisados quanto à ocorrência de modificações ao longo do tempo, por meio do teste T-pareado. Verificou-se que as intervenções em área de cerrado, seja corte seletivo ou corte raso, provocaram alterações na composição florística e diversidade da vegetação. No entanto, essas alterações também foram verificadas na testemunha, ou seja, áreas onde não foi efetuado nenhum tipo de corte. Constatou-se ainda que, onze anos após as intervenções, a vegetação foi capaz de manter um conjunto de espécies representativas semelhante à população anterior aos cortes, manter o padrão de exponencial negativo para a distribuição diamétrica e recuperar o número de indivíduos, área basal, volume, peso seco e carbono, independentemente do nível de intervenção.

---

<sup>1</sup> Orientador: José Roberto Soares Scolforo - UFLA.

## GENERAL ABSTRACT

SOUZA, Flávia Nascimento de. **Evaluation of a vegetation of cerrado sensu stricto submitted to different sustainable management system.** 2010. 142p. Dissertation (Master's degree in Forest Science) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.<sup>1</sup>

The objective of this study was to evaluate the effect of different sustainable management system in the floristic composition, diversity, structure, basal area, number of individuals, volume, dry weight and carbon content of the vegetation of cerrado sensu stricto, located in Brasilândia de Minas (MG), eleven years after the interventions. In 1997 an experiment was deployed in the study area containing 30 plots in a randomized block design, in which were installed in ten treatments with three replicates: removal of 50%, 60%, 70% and 80% of basal area involving reduction and an increase of 20% in the value of the ratio of De Liocourt; clearcutting and control. Before the implementation of the treatments a survey was employed to ascertain the original vegetation and, in 2004 and 2008 new surveys were conducted. The similarity between the floristic composition before and after the installation of the treatments was evaluated by using indexes of Sorenson and Bray-Curtis. The diversity was obtained by Shannon's index and Pielou's equability index, and compared between the surveys by means of the Hutcheson and the paired T-test, respectively. Parameters were calculated for the structural analysis of each species in each treatment and the diameter distribution was made and compared between surveys through Kolmogorov-Smirnov's test. The estimated volume, dry weight and carbon, together with the number of individuals and basal area, were analyzed for the occurrence of changes over time by means of the paired T-test. It was found that the interventions in cerrado, logging or clearcutting, caused changes in floristic composition and diversity of vegetation. However, these changes were also observed in areas where any kind of cut was done. It was also observed that, eleven years after the interventions, the vegetation was able to maintain a set of representative species similar to the population prior to the cuts, maintain the standard "inverted J" for the diameter distribution and retrieve the number of individuals, basal area, volume, dry weight and carbon content, regardless of the level of intervention.

---

<sup>1</sup> Major Professor: José Roberto Soares Scolforo - UFLA.

## ARTIGO 1

### AVALIAÇÃO DO EFEITO DE DIFERENTES SISTEMAS DE MANEJO SUSTENTÁVEL NA COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA E DIVERSIDADE DE UMA ÁREA DE CERRADO *SENSU STRICTO*

Flávia Nascimento de Souza<sup>1</sup>, José Roberto Soares Scolforo<sup>2</sup>, Rubens Manoel  
dos Santos<sup>2</sup>, Charles Plínio de Castro Silva<sup>3</sup>.

**(Preparado de acordo com as normas da Revista Cerne)**

---

<sup>1</sup> Engenheira Florestal, Mestranda em Ciências Florestais da Universidade Federal de Lavras – UFLA, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000, Lavras, MG – fleivians@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Ciências Florestais - UFLA, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000, Lavras, MG – jscolforo@ufla.br, santosfloracaatinga@yahoo.com.br .

<sup>3</sup> Engenheiro Agrônomo, Doutorando em Ciências Florestais da Universidade Federal de Lavras – UFLA, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000, Lavras, MG – charlesplinio@hotmail.com.

## 1 RESUMO

Objetivou-se, com a realização deste estudo, avaliar o efeito de diferentes sistemas de manejo sustentável na composição florística e diversidade de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizado em Brasilândia de Minas (MG), onze anos após as intervenções. Em 1997, foram implantadas, na área de estudo, 30 parcelas, com delineamento em blocos casualizados, nas quais foram instalados 10 tratamentos com três repetições: remoção de 50%, 60%, 70% e 80% da área basal, envolvendo redução e acréscimo de 20% no quociente de De Liocurt; corte raso e testemunha. Antes da implantação dos tratamentos, foi realizado um levantamento, a fim de conhecer a vegetação original. Nos anos de 2004 e 2008, novos levantamentos foram realizados. Verificou-se que as intervenções em área de cerrado provocaram alterações na composição florística e diversidade da vegetação, no entanto, essas alterações também foram verificadas em áreas onde não foram efetuados planos de manejo.

## **2 ABSTRACT**

The objective of this study was to evaluate the effect of different sustainable management system in the floristic composition and diversity of the vegetation of cerrado, located in Brasilândia de Minas (MG), eleven years after the interventions. In 1997 an experiment was implanted in the study area containing 30 plots in a randomized block design, in which were installed in ten treatments with three replicates: removal of 50%, 60%, 70% and 80% of basal area involving reduction and increase of the ratio of De Liocurt; clearcutting and control. Before the implementation of the treatments a survey was employed to ascertain the original vegetation. In 2004 and 2008 new surveys were conducted. It was found that the interventions in cerrado have led to changes in floristic composition and diversity of vegetation, however, these changes were also found in areas where they nomangement plans were done.

### 3 INTRODUÇÃO

O Bioma Cerrado ocupava, originalmente, cerca de 25% do território brasileiro, estendendo-se da margem da Floresta Amazônica até os estados de São Paulo e Paraná (Ratter & Dargie, 1992; Oliveira Filho & Ratter, 1995; Ratter et al., 1997). Trata-se do segundo maior bioma do país, destacando-se pela diversidade de formas fitofisionômicas e por sua enorme biodiversidade, estimada em um terço da biota brasileira e 5% da flora e fauna mundiais (Ratter & Dargie, 1992; Alho & Martins, 1995).

Em Minas Gerais, o Cerrado está localizado, predominantemente, na porção central, noroeste e oeste do estado (Carvalho & Scolforo, 2008). No entanto, amplas áreas de vegetação nativa deste bioma foram substituídas por culturas agrícolas e florestais ou transformadas para a implantação de atividades agropecuárias (Drummond et al., 2005). Menos de 3% de sua superfície está protegida em unidades de conservação (Aguiar et al., 2004) e mais da metade da região já foi profundamente modificada pela ocupação antrópica (Klink & Machado, 2005). Segundo Carvalho & Scolforo (2008), no ano de 2007, a vegetação de Cerrado em Minas Gerais ocupava cerca de 20% da extensão territorial do estado.

Considerando-se que a forma desordenada de ocupação e exploração do cerrado vem acarretando prejuízos sociais, econômicos e ambientais nessas regiões (Oliveira et al., 1998), a aplicação de técnicas de manejo pode ser uma estratégia efetiva, visando o uso sustentável da vegetação nativa. O manejo fundamenta-se na produção contínua e sustentada do ecossistema florestal, buscando encontrar o balanço entre a produção e as funções ecológicas desse ecossistema (Wakeel et al., 2005). Contudo, conhecer e quantificar os impactos na vegetação após a adoção de planos de manejo constitui importante ferramenta na avaliação do desempenho desses planos (Gomes et al., 2004).

De acordo com Meira Neto (2001), os levantamentos florísticos são de extrema importância em estudos de manejo com o objetivo de promover a conservação do Cerrado, já que fornecem informações básicas e essenciais para a execução de estudos mais detalhados sobre a vegetação. As análises florísticas informam sobre a composição de espécies de uma determinada comunidade vegetal (Oliveira & Rotta, 1982) e como determinadas espécies e grupos de espécies respondem a distúrbios, possibilitando uma melhor compreensão da ecologia dessas espécies e da capacidade de resiliência da floresta (Martins, 1999).

A composição florística também pode ser expressa por meio de sua diversidade (Reis et al., 2007). A diversidade é um conceito que congrega a riqueza de espécies e sua abundância relativa, que consiste no número de indivíduos de cada espécie (Magurran, 1988), além de ser uma medida da variedade de táxons numa comunidade que se altera com o tempo, de forma natural ou por influências antrópicas (Ricklefs, 2001).

A maioria dos trabalhos que analisaram a vegetação do Cerrado teve como enfoque principal o estudo da composição florística e a análise da estrutura, porém, são escassos aqueles relacionados ao manejo da vegetação, podendo citar os de Lima (1997), Scolforo et al. (2000) e Oliveira et al. (2006).

Nesse contexto, este trabalho foi realizado com o objetivo de avaliar o comportamento da composição florística e a diversidade de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizada em Brasilândia de Minas (MG), submetida a diferentes sistemas de manejo sustentável, onze anos após as intervenções.

#### **4 MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo foi conduzido em uma área de Cerrado *sensu stricto*, com aproximadamente 343 ha, pertencente à empresa V&M Florestal e situada no

município de Brasilândia de Minas (MG), nas coordenadas 17°02'S e 45°50'W, à altitude de 575 m. Na Figura 1A-Anexos, é mostrada a localização da área de estudo. O clima da região é do tipo Aw, conforme a classificação de Köppen, caracterizando clima tropical com inverno seco. A temperatura média anual está em torno de 22,5°C e a precipitação média anual é de 1.441,5 mm. Os solos encontrados, predominantemente, são do tipo Cambissolo, Latossolo Vermelho-Amarelo e Latossolo Vermelho-Escuro (Oliveira et al., 2006).

No ano de 1997, foram demarcados, nesta área, 30 ha (600 x 500 m) contendo três blocos casualizados (200 x 500 m). Cada bloco foi subdividido em dez parcelas de 100 x 100 m e, no centro de cada parcela, foi disposta uma subparcela de 1800 m<sup>2</sup> (30 x 60 m), na qual foram feitas identificações taxonômicas e medições de circunferência a 1,30 m do solo (CAP) e altura total de todos os indivíduos que apresentavam CAP maior ou igual a 15,7 cm. A partir desse levantamento, foi possível designar os diferentes sistemas de manejo (tratamentos) a serem implantados, bem como conhecer a composição florística e a estrutura da vegetação original. Logo, foram instalados dez tratamentos por bloco, distribuídos de forma aleatória nas parcelas (100 x 100 m) correspondentes: testemunha (T), corte raso (CR), sistema de corte seletivo, com remoção de 50% (50N), 60% (60N), 70% (70N) e 80% (80N) da área basal, mantendo-se, para estas quatro situações, redução de 20% no valor original do quociente de De Liocurt e sistema de corte seletivo, com remoção de 50% (50Q), 60% (60Q), 70% (70Q) e 80% (80Q) da área basal, mantendo-se, para estas quatro situações, um acréscimo de 20% no valor original do quociente de De Liocurt. O acréscimo e o decréscimo de 20% no valor original do quociente de De Liocurt promovem, respectivamente, maior remoção dos indivíduos das maiores classes diamétricas e maior remoção dos indivíduos das menores classes diamétricas.



Nos anos de 2004 e 2008, novos levantamentos foram realizados nas subparcelas (1800 m<sup>2</sup>), a fim de monitorar as áreas submetidas aos diferentes sistemas de manejo. Nestes levantamentos, foram medidos e identificados todos os indivíduos com CAP maior ou igual a 15,7 cm. A identificação botânica desses indivíduos foi realizada *in loco* e com o auxílio de literatura especializada e consultas ao herbário da Universidade Federal de Lavras (Herbário ESAL) e a especialistas. O sistema de classificação adotado foi o Angiosperm Phylogeny Group II (2003).

Para a análise qualitativa da composição florística, antes e após as intervenções, foi gerada uma lista baseada em presença e ausência de espécies por tratamento, para cada levantamento, e estas foram comparadas, duas a duas, quanto à similaridade pelo índice de Sorensen (Kent & Coker, 1992). A análise quantitativa foi fundamentada no número de indivíduos por espécie, utilizando-se o índice de similaridade de Bray-Curtis (Magurran, 1988). Ambos os índices variam de 0 a 1, sendo que valores próximos de 1 indicam maior similaridade. A partir desses índices, foram construídos dendrogramas, utilizando-se o método de aglomeração de algoritmos de médias não ponderadas (UPGMA) (Sneath & Sokal, 1973), por meio do *software* PC-ORD for Windows versão 5.1 (McCune & Mefford, 2006), para que possíveis agrupamentos pudessem ser visualizados.

Por meio do índice de diversidade de Shannon (H') (Brower & Zar, 1984), avaliou-se a diversidade florística da área estudada, submetida a cada tratamento, que foi comparada aos pares entre os diferentes levantamentos por meio do teste t de Huchteson (Magurran, 1988). Para representar a uniformidade de distribuição dos indivíduos entre as espécies existentes nos tratamentos, calculou-se o índice de equabilidade de Pielou (J) (Brower & Zar, 1984) e utilizou-se do teste T-pareado para averiguar possíveis mudanças antes e após a implantação dos regimes de manejo, após verificação da normalidade da diferença dos dados pelo teste Shapiro-Wilk (Ferreira, 2005). Os testes Shapiro-

Wilk e T-pareado foram realizados com o auxílio do *software* R versão 2.9 (R Development Core Team, 2009).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 Florística

Com base na área total amostrada, de 5,4 ha (30 subparcelas de 1800m<sup>2</sup>), no ano de 1997, referente ao levantamento anterior a execução dos regimes de manejo, foram observados 60 espécies, 51 gêneros e 31 famílias, em um total de 4.577 indivíduos com  $CAP \geq 15,7$  cm. Em 2004, 3.843 indivíduos ( $CAP \geq 15,7$  cm) distribuíram-se em 65 espécies, 54 gêneros e 32 famílias, enquanto no levantamento de 2008 encontraram-se 74 espécies pertencentes a 59 gêneros e 33 famílias, em um total de 5.196 indivíduos com  $CAP \geq 15,7$  cm. A lista de espécies verificadas nas três ocasiões de medição pode ser vista na Tabela 1 e os tratamentos nos quais estas ocorrem consta na Tabela 1A dos Anexos. Todas as espécies listadas foram relacionadas por Oliveira Filho & Scolforo (2008) no levantamento da flora nativa do estado de Minas Gerais.

Analisando a composição florística por tratamento (Tabela 2), nota-se que todos os tratamentos, no ano de 2008, apresentaram número de espécies, gêneros e famílias, iguais ou superiores ao encontrado em 1997. Esse aumento ocorreu em função do recrutamento, da identificação taxonômica dos indivíduos que constavam no primeiro levantamento não identificados e da contribuição dos regimes de manejo para o surgimento de novas espécies, gêneros e famílias. Vale ressaltar que este é um aumento líquido, ou seja, não significa apenas entrada de novas espécies, mas representa o resultado final da entrada e saída destes.

TABELA 1 Relação das espécies amostradas em 30 subparcelas (1.800m<sup>2</sup>) no município de Brasilândia de Minas (MG), em ordem alfabética de família, nas três ocasiões de medição, em que o índice 1 corresponde às espécies encontradas no primeiro levantamento (1997) e os índices 2 e 3 àquelas encontradas no segundo (2004) e terceiro levantamento (2008), respectivamente.

TABLE 1 List of species sampled in 30 subplots (1800m<sup>2</sup>) in the municipality of Brasilândia de Minas (MG), in alphabetical order of family, in the three measurement occasions. Where, the index 1 corresponds to the species found in the first measurement (1997) and the index 2 and 3 to the second (2004) and third measurement (2008), respectively.

Família/Espécies	Família/Espécies
<b>ANACARDIACEAE</b>	<b>FABACEAE</b>
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng. (1, 2, 3)	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov. (1, 2, 3)
<b>ANNONACEAE</b>	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho (1, 2, 3)
<i>Annona coriacea</i> Mart. (1, 2, 3)	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke (2, 3)
<i>Annona crassiflora</i> Mart. (1, 2, 3)	<b>LAMIACEAE</b>
<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Benth. & Hook.f. (1)	<i>Aegiphila lhotskiana</i> Cham. (1, 3)
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart. (2, 3)	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham. (2, 3)
<b>APOCYNACEAE</b>	<b>LOGANIACEAE</b>
<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart. (3)	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)
<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC. (2, 3)	<b>LYTHRACEAE</b>
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. ex A.DC. (1)	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltld. (1, 2, 3)
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart. (1)	

Continua...  
To be Continued...

TABELA 1 Continuação.

TABLE 1 Continued.

<b>Família/Espécies</b>	<b>Família/Espécies</b>
<b>APOCYNACEAE</b>	<b>MALPIGHIACEAE</b>
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes (1, 2, 3)	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth (1, 2, 3)
<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson (2, 3)	<i>Byrsonima sericea</i> DC. (1, 3)
<b>ARALIACEAE</b>	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC. (1, 2, 3)
<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin (1, 2, 3)	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss. (2, 3)
<b>ARECACEAE</b>	<b>MALVACEAE</b>
<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc. (1)	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns (2, 3)
<b>ASTERACEAE</b>	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl. (1, 2, 3)
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker (1, 2, 3)	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns (1, 3)
<b>BIGNONIACEAE</b>	<b>MELIACEAE</b>
<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart. (3)	<i>Trichilia pallens</i> C.DC. (3)
<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos (1, 2, 3)	<b>MORACEAE</b>
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose (1, 2, 3)	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul (2, 3)
<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore (1, 2, 3)	<b>MYRTACEAE</b>
<b>CARYOCARACEAE</b>	<i>Eugenia dysenterica</i> DC. (1, 2, 3)
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess. (1, 2, 3)	<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC. (3)

Continua...

To be Continued...

TABELA 1 Continuação.

TABLE 1 Continued.

Família/Espécies	Família/Espécies
<b>CELASTRACEAE</b>	<b>NYCTAGINACEAE</b>
<i>Plenckia populnea</i> Reissek (2, 3)	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell (1)
<b>CLUSIACEAE</b>	<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell (2, 3)
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc. (1, 2, 3)	<i>Neea theifera</i> Oerst. (1, 2, 3)
<b>COMBRETACEAE</b>	<b>OCHNACEAE</b>
<i>Terminalia argentea</i> (Cambess.) Mart. (1)	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill. (1, 2, 3)
<b>CONNARACEAE</b>	<b>OPILIACEAE</b>
<i>Connarus suberosus</i> Planch. (1, 2, 3)	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook. (1, 2, 3)
<b>DILLENACEAE</b>	<b>RUBIACEAE</b>
<i>Curatella americana</i> L. (1, 2, 3)	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC. (1, 2, 3)
<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)	<i>Palicourea rigida</i> Kunth (1, 2, 3)
<b>EBENACEAE</b>	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schldl.) K.Schum. (1, 2, 3)
<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq. (1, 2, 3)	<b>RUTACEAE</b>
<b>ERYTHROXYLACEAE</b>	<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl. (2, 3)
<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil. (2, 3)	<b>SALICACEAE</b>
<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)	<i>Casearia sylvestris</i> Sw. (1, 2, 3)
<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart. (1, 2, 3)	

Continua...  
To be Continued...

TABELA 1 Continuação.

TABLE 1 Continued.

<b>Família/Espécies</b>	<b>Família/Espécies</b>
<b>FABACEAE</b>	<b>SAPINDACEAE</b>
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev (1, 2, 3)	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev (1, 2, 3)	<b>SAPOTACEAE</b>
<i>Andira vermifuga</i> (Mart.) Benth. (1)	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk. (1, 2, 3)
<i>Bauhinia pulchella</i> Benth. (1)	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk. (1, 2, 3)
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth (1, 2, 3)	<b>SIMAROUBACEAE</b>
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth. (1, 2, 3)	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)
<i>Dipteryx alata</i> Vogel (2, 3)	<b>SOLANACEAE</b>
<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr. (1, 2, 3)	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne (1, 2, 3)	<b>VOCHYSIACEAE</b>
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel (1, 2, 3)	<i>Qualea grandiflora</i> Mart. (1, 2, 3)
<i>Machaerium opacum</i> Vogel (2, 3)	<i>Qualea multiflora</i> Mart. (3)
<i>Machaerium villosum</i> Vogel (2, 3)	<i>Qualea parviflora</i> Mart. (1, 2, 3)
<i>Platycyamus regnellii</i> Benth. (2, 3)	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil. (1, 2, 3)
<i>Platymiscium pubescens</i> Micheli (3)	<i>Vochysia rufa</i> Mart. (1, 2, 3)
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel (1, 2, 3)	

TABELA 2 Número de espécies, gêneros e famílias da vegetação lenhosa, antes (1997) e após a implantação dos tratamentos (2004 e 2008).

TABLE 2 Number of species, genera and families of woody plants, before (1997) and after the implementation of the treatments (2004 and 2008).

Tratamento	Espécies			Gêneros			Famílias		
	1997	2004	2008	1997	2004	2008	1997	2004	2008
50N	32	40	46	27	34	40	20	19	23
60N	35	44	49	31	38	41	22	20	22
70N	38	45	52	34	38	43	24	24	26
80N	32	35	40	27	30	35	19	21	24
50Q	35	42	46	31	36	40	22	21	22
60Q	29	35	36	28	30	31	19	18	20
70Q	31	39	43	27	33	37	20	22	24
80Q	36	39	46	30	33	38	22	21	26
CR	33	37	43	29	32	37	21	20	24
T	34	34	38	30	28	30	22	20	23

Os tratamentos relacionados às remoções de até 70% da área basal, envolvendo maior retirada de indivíduos em classes diamétricas inferiores, foram os que apresentaram os maiores ganhos em número de espécies, quando comparados aos tratamentos que utilizavam mesmas intensidades de remoção, porém, retirando-se os indivíduos mais grossos. Este comportamento pode ser visto de forma clara nos tratamentos 60N e 60Q. Já os tratamentos de manejo mais intensivo, como 80N, 80Q e CR, embora tenham apresentado recuperação mais lenta, com um ganho no número de espécies inferior à média, não acarretaram em impacto negativo na florística.

A família que apresentava o maior número de espécies, antes de se realizar os planos de manejo, era a Fabaceae (12 espécies). Em 2004 e 2008, esta família continuou ocupando posição de destaque (15 e 16 espécies, respectivamente). No entanto, 19 famílias foram representadas por apenas uma

espécie, tanto em 1997 quanto em 2008, embora este mesmo número não implique necessariamente que sejam as mesmas famílias.

A família Fabaceae tem sido apontada como a de maior riqueza em muitos levantamentos realizados em áreas de cerrado (Mendonça et al., 1998; Costa & Araújo, 2001; Marimon & Lima, 2001; Weiser & Godoy, 2001; Silva et al., 2002; Assunção & Felfili, 2004; Fiedler et al., 2004; Teixeira et al., 2004; Silva et al., 2008).

De acordo com Goodland (1979), isso ocorre por esta apresentar espécies não acumuladoras de alumínio com diversas estratégias para se desenvolverem em solos de Cerrado. Martins (1993) afirma que o predomínio de Fabaceae pode estar relacionado à presença de nódulos radiculares, que funcionam como mecanismo de retenção e transferência de nutrientes (nitrogênio) no ecossistema. Além disso, uma razão para que esta família tenha permanecido como destaque nos levantamentos posteriores à aplicação dos tratamentos seria que muitas espécies são heliófilas e emergentes (Lorenzi, 1992).

A família Vochysiaceae, contudo, foi a que se destacou quanto ao número de indivíduos, nas três ocasiões de medição (289, 289 e 296 indivíduos.ha<sup>-1</sup>, em 1997, 2004 e 2008, respectivamente), devido à alta densidade do gênero *Qualea*. As espécies desta família apresentam maior vantagem competitiva sobre as outras plantas, principalmente em áreas de solos distróficos (Haridasan, 2000) e álicos, por serem essencialmente acumuladoras de alumínio e a alta concentração desse elemento encontrada em seus tecidos não interferir na absorção de outros nutrientes (Haridasan & Araújo, 1988).

Nas áreas manejadas, novas espécies foram detectadas (23), das quais 17 passaram a ocorrer no ano de 2004 (*Aegiphila sellowiana*, *Aspidosperma tomentosum*, *Brosimum gaudichaudii*, *Dipteryx alata*, *Enterolobium gummiferum*, *Eriotheca gracilipes*, *Erythroxylum deciduum*, *Guapira*



*graciliflora*, *Heteropterys byrsonimifolia*, *Himatanthus articulatus*, *Machaerium opacum*, *Machaerium villosum*, *Platycyamus regnellii*, *Plenckia populnea*, *Vatairea macrocarpa*, *Xylopia aromatica* e *Zanthoxylum riedelianum*), e permaneceram em 2008, e 6 novas espécies foram verificadas apenas no último levantamento (*Aspidosperma parvifolium*, *Cybistax antisiphilitica*, *Myrcia tomentosa*, *Platymiscium pubescens*, *Qualea multiflora* e *Trichilia pallens*).

Por outro lado, 10 espécies deixaram de ocorrer na área após as intervenções (*Andira vermifuga*, *Aspidosperma macrocarpon*, *Aspidosperma subincanum*, *Bauhinia pulchella*, *Duguetia furfuracea*, *Guapira noxia*, *Syagrus flexuosa* e *Terminalia argentea*). As espécies *Aegiphila lhotskiana*, *Byrsonima sericea* e *Pseudobombax longiflorum*, presentes em 1997, apesar de não terem sido detectadas em 2004, foram encontradas no último levantamento (2008). A maioria destas espécies era pouco abundante, corroborando à afirmação de Rezende et al. (2005) de que as espécies que de alguma forma venham a desaparecer em algum levantamento são aquelas que ocorrem em baixa densidade e, portanto, qualquer mortalidade as eliminaria da área, a menos que haja algum recrutamento.

Várias espécies do Cerrado apresentam o sistema radicular bem desenvolvido, tanto em profundidade quanto em espessura, reproduzindo vegetativamente via gemas de raízes ou rizomas, o que favorece a recuperação de áreas que sofreram intervenções (Ramos, 1990; Felfili & Santos, 2002). No entanto, nas áreas do presente estudo, verificou-se que a trajetória da sucessão está relacionada não apenas com a reprodução vegetativa, mas com a composição dos propágulos disponíveis, ou seja, o banco de sementes e plântulas do solo e a dispersão de sementes. Isso pode ser constatado com base no aumento da riqueza florística, bem como no surgimento de espécies características de matas.

Nas áreas onde não houve remoção da vegetação (testemunha), foram detectadas 6 novas espécies a partir de 2004, como *Acosmium subelegans*, *Erythroxylum deciduum*, *Eriotheca gracilipes*, *Machaerium acutifolium*, *Plenckia populnea* e *Salvertia convallariodora*. Além destas, em 2008, quatro novas espécies foram observadas (*Aegiphila lhotskiana*, *Aegiphila sellowiana*, *Byrsonima sericea* e *Neea theifera*). Porém, as espécies *Aspidosperma macrocarpon*, *Astronium fraxinifolium*, *Byrsonima verbascifolia*, *Eriotheca pubescens* e *Stryphnodendron adstringens*, registradas no ano de 1997, não foram mais encontradas no segundo e no terceiro levantamento. *Piptocarpha rotundifolia*, verificada em 1997, deixou de ocorrer em 2004, no entanto, foi novamente observada em 2008, enquanto a espécie *Dimorphandra mollis* apresentou-se nos anos de 1997 e 2004, mas não esteve presente no ano de 2008. As mudanças na florística observadas nestas áreas são decorrentes da dinâmica natural.

Das 85 espécies registradas no decorrer das medições, 49 são comuns a todos os levantamentos (57%), ou seja, foram encontradas nos anos de 1997, 2004 e 2008. Dentre essas espécies comuns, 22 estiveram presentes em um maior número de tratamentos no ano de 2008, quando comparadas ao primeiro levantamento, enquanto 7 espécies reduziram sua ocorrência.

Espécies como *Acosmium dasycarpum*, *Annona crassiflora*, *Byrsonima coccolobifolia*, *Davilla elliptica*, *Erythroxylum suberosum*, *Eugenia dysenterica*, *Hymenaea stigonocarpa*, *Kielmeyera coriacea*, *Lafoensia vandelliana*, *Magonia pubescens*, *Ouratea hexasperma*, *Pouteria ramiflora*, *Qualea grandiflora*, *Qualea parviflora*, *Tocoyena formosa* e *Vochysia rufa* foram observadas em todos os tratamentos para as três ocasiões. Assim, o fato de estas espécies terem sido encontradas em todos os tratamentos pode estar relacionado ao seu poder adaptativo aos diferentes níveis de intervenção. Ainda, duas espécies, como

*Diospyros coccolobifolia* e *Piptocarpha rotundifolia*, que antes ocorriam em todos os tratamentos, retornaram a este estado apenas em 2008.

Conforme Pires et al. (1999), pouco se conhece sobre o comportamento de espécies de Cerrado em relação à dinâmica sucessional, no entanto, algumas tendem a se destacar em áreas perturbadas.

Barreira et al. (2002), com o objetivo de conhecer o processo de regeneração natural de uma área de cerrado, no município de Brasilândia de Minas (MG), verificaram que a espécie *Aspidosperma tomentosum*, seguida por *Casearia sylvestris*, *Erythroxylum deciduum*, *Qualea parviflora*, *Eugenia dysenterica*, *Kielmeyera coriacea*, *Magonia pubescens* e *Qualea grandiflora* foram consideradas as de maior importância na regeneração natural.

As espécies *Magonia pubescens* e *Qualea parviflora* foram apontadas, por Santos & Vieira (2005), adaptadas a diferentes graus de perturbação, ao analisarem fragmentos de cerrado em diferentes estádios de conservação no município de Três Marias (MG). Sena & Pinto (2008), avaliando o comportamento da regeneração natural da vegetação nativa do Cerrado em áreas sob diferentes tipos de interferências antrópicas (fogo, depósito de entulho e empréstimo de subsolo), verificaram que as espécies *Kielmeyera coriacea* e *Ouratea hexasperma*, também listadas no presente estudo, têm alta capacidade de recolonização de áreas perturbadas.

## **5.2 Similaridade florística**

Por meio da análise qualitativa da composição florística das áreas referentes à vegetação de cerrado em 1997, ou seja, antes da adoção dos regimes de manejo, e estas mesmas áreas sete e onze anos após a aplicação dos diferentes níveis de remoção, obteve-se similaridade variando entre 0,538 a 0,958 (Tabela 2A-Anexos).

Pela Figura 1 pode-se observar uma definição de quatro grupos distintos quando se adota um nível de corte de 25% no eixo de escala do dendrograma, já que este ponto é determinante na fusão de “cluster” semelhante, conforme recomendado por Muller-Dombois & Ellenberg (1974). O grupo 1 consiste das áreas nas quais ainda não haviam sido efetuadas as intervenções. Assim, esse grupo representa a vegetação original de cerrado, correspondente ao levantamento de 1997, enquanto os grupos 2, 3 e 4 compõem-se destas áreas após a aplicação dos diferentes tratamentos, nos anos de 2004 e 2008, indicando, portanto, a vegetação manejada de cerrado. No último grupo também encontram-se as áreas referentes à testemunha do segundo e do terceiro levantamento. Nota-se que houve tendência de agrupamento entre os tratamentos relacionados ao ano de 2004 e 2008, sugerindo que há mais espécies comuns entre estes levantamentos do que quando comparados ao levantamento anterior às intervenções.

Ainda é possível verificar que, mesmo nas áreas onde não se realizaram remoções da vegetação (testemunha), houve modificações na composição florística. As espécies encontradas no levantamento de 2004 e 2008 se diferenciaram daquelas encontradas em 1997, o que fez com que este tratamento não permanecesse no grupo 1. Isto se deve à atuação da dinâmica natural e o agrupamento com o tratamento 60Q pode ter ocorrido pelo fato de ambos terem apresentado os menores ganhos em número de espécies no decorrer do tempo (Tabela 3).

Quando se realiza a mesma análise, no entanto, para um nível de corte de 37,5%, a comunidade arbórea divide-se em 6 grupos. O grupo anteriormente definido como grupo 1, com base no nível de corte de 25%, se fragmentou em 2 grupos nesta nova situação, mostrando que a área estudada não é totalmente homogênea. Já o grupo 4, antes formado pelos tratamentos 60Q e testemunha, referentes ao ano de 2004 e 2008, se dividiu em dois novos grupos (5 e 6),

separando, assim, os dois tratamentos. Segundo Scolforo et al. (2008a), a cada redefinição do nível de corte para valores maiores, como, por exemplo, 37,5%, mais grupos florísticos serão discriminados e maior será a estratificação florística alcançada.

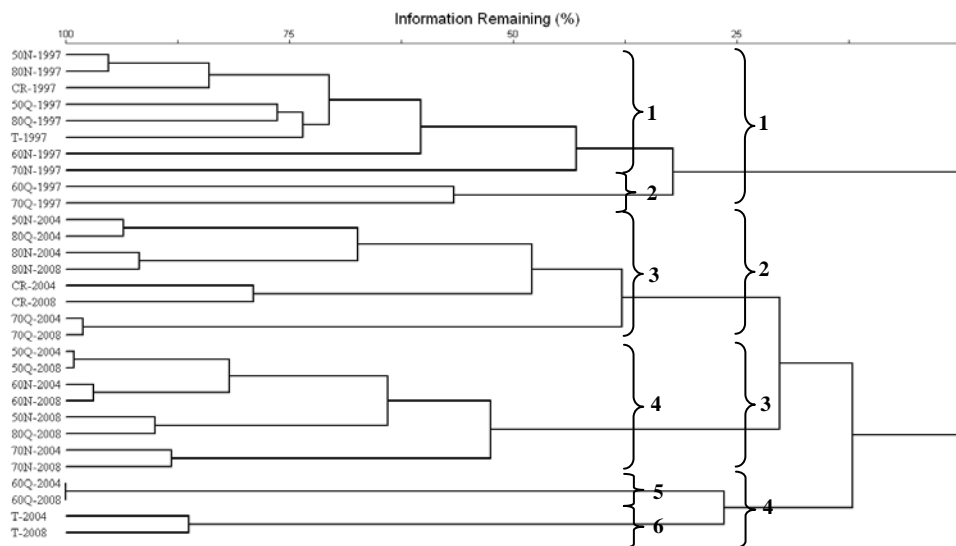


FIGURA 1 Dendrograma gerado a partir do índice de similaridade de Sorensen pelo método de aglomeração de algoritmos de médias não ponderadas (UPGMA) de uma área de cerrado, no município de Brasilândia de Minas (MG), antes (1997) e após (2004 e 2008) a aplicação dos regimes de manejo.

FIGURE 1 Dendrogram generated from Sorensen's similarity index using the method of clustering of the algorithms of unweighted averages (UPGMA) of a savannah area in the city of Brasilândia de Minas (MG), before (1997) and after (2004 and 2008) the implementation of the management systems.

Com relação à análise quantitativa da composição florística, na qual leva-se em consideração a abundância, o índice de similaridade de Bray-Curtis variou de 0,514 a 0,907 (Tabela 3A). Verificou-se que, para o mesmo nível de corte (25%), os tratamentos CR, em 2004 e 2008, foram os que mais se

diferenciaram em relação aos demais tratamentos (Figura 2). Assim como na análise qualitativa, a forma como os indivíduos se distribuíram por espécie, onze anos após a execução dos cortes, está próxima à forma encontrada em 2004, contudo, é diferente da vegetação original. O número de indivíduos por espécie para as áreas referentes à testemunha, no segundo e no terceiro levantamento, também encontra-se diferente do encontrado em 1997.

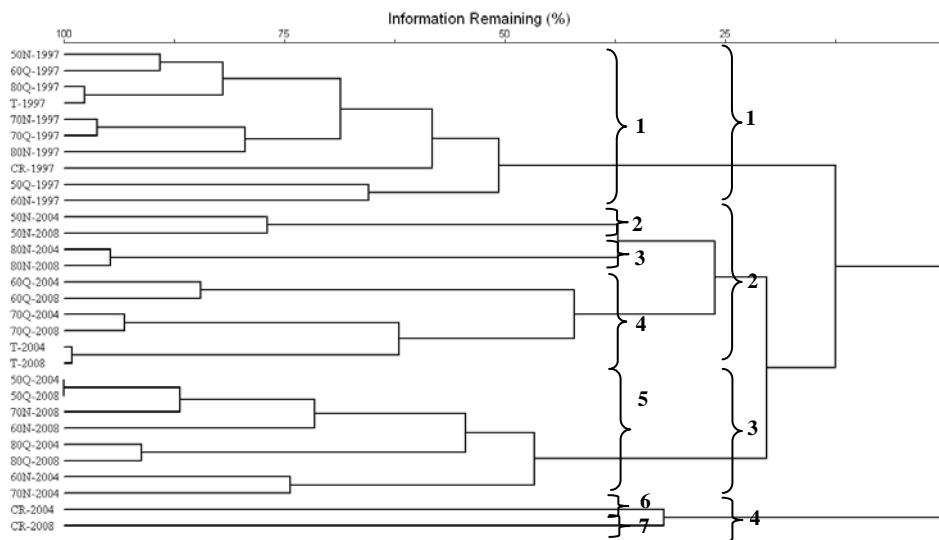


FIGURA 2 Dendrograma gerado a partir do índice de similaridade de Bray-Curtis pelo método de aglomeração de algoritmos de médias não ponderadas (UPGMA) de uma área de cerrado, no município de Brasilândia de Minas (MG), antes (1997) e após (2004 e 2008) a aplicação dos regimes de manejo.

FIGURE 2 Dendrogram generated from Bray-Curtis' similarity index using the method of clustering of the algorithms of unweighted averages (UPGMA) of a savannah area in the city of Brasilândia de Minas (MG), before (1997) and after (2004 and 2008) the implementation of the management systems.

Para um nível de corte de 37,5%, houve a formação de sete grupos distintos. Os grupos anteriormente definidos como 2 e 4 se fragmentaram,

respectivamente, em três novos grupos (o primeiro composto pelo tratamento 50N, o segundo pelo 80N e o terceiro pelos tratamentos 60Q, 70Q e T, no anos de 2004 e 2008) e dois novos grupos (um formado pelo tratamento CR no ano de 2004 e outro pelo CR no ano de 2008).

De acordo com Gauch (1982), um índice de similaridade maior que 0,50 é considerado alto. Com isso, poderia-se concluir, considerando apenas o intervalo de valores obtidos, alta similaridade florística entre a vegetação antes e após a execução dos regimes de manejo. No entanto, este estudo refere-se à similaridade de uma mesma área ao longo do tempo e a alta similaridade encontrada entre as medições pode ser atribuída a este fato, mesmo que esta área tenha sofrido intervenções. Dessa forma, quando se associa à análise um dendrograma, é possível inferir com maior clareza as diferenças existentes entre a composição florística dos três levantamentos e verificar que, embora os índices sejam altos, a vegetação, onze anos após os diferentes níveis de remoção, se encontra diferente da vegetação original, assim como para o tratamento considerado como testemunha.

Segundo Scolforo (1998), mesmo quando se utiliza o sistema de corte seletivo, que é um conjunto de tratamentos silviculturais, com base na produção sustentada, alterações locais são inevitáveis. As áreas alteradas, formadas por clareiras, serão recolonizadas e terão, provavelmente, diversidade e composição florística diferente da floresta original. Portanto, os resultados do presente estudo condizem com a premissa deste mesmo autor.

### **5.3 Diversidade florística**

Na Tabela 3 são apresentados os resultados do índice de diversidade Shannon ( $H'$ ) e do índice de equabilidade de Pielou ( $J$ ) para as medições de 1997, 2004 e 2008, considerando os dados conjuntos das parcelas referentes a

cada tratamento, bem como os resultados das comparações entre os valores do índice de Shannon, por meio do teste de Hutcheson.

TABELA 3 Índices de diversidade de Shannon (H'), equabilidade de Pielou (J) e resultados das comparações entre os valores do índice de Shannon por meio do teste de Hutcheson, verificados em cada tratamento antes (1997) e após (2004 e 2008) as intervenções, em que (\*) indica significativo e (ns) corresponde a não significativo, no nível de significância igual a 0,05, e valor de  $t_{tab}=1,96$ .

TABLE 3 Shannon's diversity index (H'), Pielou's equability index (J) and results of the comparisons between the values of Shannon index by means of the Hutcheson test, done by treatments before (1997) and after (2004 and 2008) the interventions. Where (\*) indicates significance and (ns) not significant at a significance level of 0.05, and  $t_{tab}$  value = 1,96.

Tratamento	Índice de Shannon (H')			Teste de Hutcheson (valor t)			Equabilidade de Pielou (J)		
	1997	2004	2008	1997/	2004/	1997/	1997	2004	2008
				2004	2008	2008			
50N	2,78	2,84	2,90	1,04 (ns)	1,17 (ns)	2,46 (*)	0,79	0,77	0,76
60N	2,80	3,07	3,13	4,45 (*)	1,09 (ns)	6,06 (*)	0,78	0,81	0,81
70N	2,89	2,99	3,09	1,58 (ns)	1,53 (ns)	3,50 (*)	0,78	0,79	0,78
80N	2,68	2,83	2,93	2,53 (*)	1,74 (ns)	4,64 (*)	0,77	0,80	0,79
50Q	3,00	3,08	3,15	1,51 (ns)	1,30 (ns)	2,92 (*)	0,84	0,82	0,82
60Q	2,79	2,82	2,86	0,53 (ns)	0,62 (ns)	1,31 (ns)	0,81	0,79	0,80
70Q	2,68	2,71	2,78	0,40 (ns)	1,09 (ns)	1,66 (ns)	0,77	0,74	0,74
80Q	2,89	3,07	3,12	3,02 (*)	1,01 (ns)	4,23 (*)	0,80	0,84	0,82
CR	2,87	2,86	2,95	0,09 (ns)	1,60 (ns)	1,70 (ns)	0,81	0,79	0,79
T	2,78	2,68	2,76	1,80 (ns)	1,43 (ns)	0,42 (ns)	0,78	0,76	0,76

Os valores encontrados para o índice de Shannon estão dentro do intervalo mencionado por Pielou (1966), que afirma que estes podem variar entre 1,5 e 3,5 nats/indivíduos e, em casos excepcionais, excedem 4,5 nats/indivíduos. Ainda, estão próximos a valores encontrados em outros



trabalhos, como o de Araujo et al. (2007) que, avaliando fragmentos de cerrado no extremo norte de Minas Gerais, constataram um índice de Shannon variando entre 2,7 e 3,32 nats/indivíduos; o de Scolforo et al. (2008a), que encontraram valores de 2,31 a 4,03 nats/indivíduos em diferentes fragmentos de cerrado *sensu stricto* no estado de Minas Gerais e valores de 2,89 e 3,13 nats/indivíduos para um fragmento situado no mesmo município do presente estudo e o de Teixeira et al. (2004), que observaram, em um remanescente de cerrado, no município de Patrocínio Paulista (SP), índice de diversidade igual a 3,05 nats/indivíduos.

Nota-se que a diversidade florística aumentou ao longo dos anos em todas as áreas que sofreram remoção da vegetação, embora, conforme o teste de Hutcheson, os tratamentos 60Q, 70Q e CR não tenham diferido, estatisticamente, entre os três levantamentos. As mudanças de diversidade não significativas para os tratamentos 60Q e CR podem ser atribuídas ao baixo ganho líquido em número de espécies verificado para estes tratamentos (Tabela 3). Quanto ao tratamento 70Q, as mudanças na riqueza e na distribuição dos indivíduos entre as espécies não foram suficientes para alterar a diversidade florística.

Segundo Santos & Vieira (2005), o índice de diversidade de Shannon (H) também capta a sucessão ecológica e, geralmente, áreas em processo intermediário de sucessão têm maior índice de diversidade, por apresentarem espécies tanto de estágio de sucessão avançada quanto espécies de sucessão inicial. Com base na premissa dos autores supracitados e nos resultados encontrados para o índice de diversidade de Shannon do presente estudo, poderia-se supor que as áreas manejadas do presente estudo se encontram em um processo de sucessão intermediária, onze anos após a instalação dos tratamentos. No entanto, é importante a investigação do estágio sucessional também com base em outros critérios, como descrito por Scolforo et al. (2008b).

Considerando o tratamento testemunha, a diversidade teve comportamento diferente dos tratamentos que sofreram intervenções. Nestas áreas houve diminuição da diversidade florística, porém, de forma não significativa. A testemunha apresenta espécies em estágio mais avançado de sucessão, enquanto as demais áreas apresentam espécies em diferentes estágios de sucessão, acarretando, portanto, em menor diversidade.

Com relação à equabilidade de Pielou, observa-se, pelos dados da Tabela 4, que, em média, este índice foi de 0,79 para todos os levantamentos. Este valor é considerado elevado e, portanto, sugere-se que há pequena concentração da abundância em espécies dominantes.

Costa & Araújo (2001), analisando uma área de cerrado em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural do Panga, localizada no município de Uberlândia (MG), encontraram valor de equabilidade próximo aos encontrados neste trabalho (0,84). Scolforo et al. (2008a), avaliando diferentes fragmentos de cerrado *sensu stricto* no estado de Minas Gerais, constataram uma amplitude de 0,63 a 0,87 para o índice de equabilidade, tendo, no município de Brasilândia de Minas, este índice sido de 0,65 e 0,71.

Percebe-se, ainda, que, num primeiro instante, a remoção de espécies aumentou ou diminuiu a heterogeneidade da distribuição dos indivíduos entre as espécies dentro da comunidade, em alguns tratamentos. No entanto, no decorrer do tempo, há uma tendência de aumento da concentração de abundâncias em um pequeno número de espécies, as quais dominam a comunidade, como pode ser verificado pela diminuição dos índices de equabilidade, 11 anos após as intervenções para a maioria dos tratamentos. A diminuição do índice de equabilidade ao longo do tempo também pôde ser observada no tratamento sem intervenção (testemunha).

Por meio do teste T-pareado, pôde-se avaliar estatisticamente a hipótese de igualdade da abundância relativa das espécies dentro de um tratamento antes

e após a adoção dos regimes de manejo (Tabela 4). Primeiramente, constatou-se, pelo teste de normalidade de Shapiro-Wilk, que a diferença entre os levantamentos foi não significativa, mostrando, então, que as diferenças tenderam à distribuição normal (Tabela 4). Logo, o teste de T-pareado foi significativo apenas entre os levantamentos de 2004 e 2008, mostrando que a hipótese de igualdade dos índices de equabilidade entre as duas medições foi rejeitada. Contudo, em relação ao ano de 1997, a equabilidade obtida para o ano de 2008 se manteve.

TABELA 4 Resultado do teste Shapiro-Wilk e T-pareado para o índice de equabilidade de Pielou, considerando os tratamentos antes (1997) e após (2004 e 2008) a realização do manejo, em que (\*) indica significativo e (ns) corresponde a não significativo, ambos no nível de significância igual a 0,05.

TABLE 4 Results of Shapiro-Wilk's test and paired t-test for the index of equability, considering the treatments before (1997) and after (2004 and 2008) the implementation of the management. Where (\*) indicates significance and (ns) not significant, both at a significance level of 0,05.

Levantamento	Teste Shapiro-Wilk		Teste T-pareado		
	Valor W	p-value	Média das diferenças	Valor t	p-value
1997 - 2004	0,0696	0,0988 (ns)	0,003	0,3862	0,3542 (ns)
2004 - 2008	0,8791	0,1274 (ns)	0,0057	2,6014	0,0143 (*)
1997 - 2008	0,906	0,2546 (ns)	0,0087	1,2557	0,1204 (ns)

## 6 CONCLUSÕES

Pode-se constatar que as intervenções efetuadas nas áreas de cerrado *sensu stricto*, nas condições do presente estudo, provocaram alterações na composição florística e na diversidade da vegetação. No entanto, estas

alterações também foram verificadas na testemunha, ou seja, áreas onde não foi efetuado nenhum tipo de corte.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, L. M. S.; MACHADO, R. B.; MARINHO FILHO, J. A diversidade biológica do Cerrado. In: AGUIAR, L. M. S.; CAMARGO, A. J. A. (Org.). **Cerrado: ecologia e caracterização**. Brasília: Embrapa Cerrados, 2004. v. 1, p. 17-38.
- ALHO, C. J.; MARTINS, E. S. **De grão em grão, o cerrado perde espaço**. Brasília: WWF/PROCER, 1995. 66 p.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the angiosperm phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, London, v. 141, n. 4, p. 399-436, Apr. 2003.
- ARAÚJO, E. J. G. de; SOUZA, F. N. de; SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; SILVA, C. P. C. Diversidade e estrutura de seis fragmentos de cerrado *stricto sensu* no extremo norte de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, p. 546-548, jul. 2007. Suplemento 2. Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/index>>. Acesso em: 10 jan. 2010.
- ASSUNÇÃO, S. L.; FELFILI, J. M. Fitossociologia de um fragmento de cerrado *sensu stricto* na APA do Paranoá, DF, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 903-909, out./dez. 2004.
- BARREIRA, S.; SCOLFORO, J. R. S.; BOTELHO, S. A.; MELLO, J. M. de. Estudo da estrutura da regeneração natural e da vegetação adulta de um cerrado *sensu stricto* para fins de manejo florestal. **Scientia Florestalis**, Piracicaba, n. 61, p. 64-78, jun. 2002.
- BROWER, J. E.; ZAR, J. H. **Field and laboratory methods for general ecology**. Columbus: McGraw-Hill Higher Education, 1984. 240 p.
- CARVALHO, L. M. T. de; SCOLFORO, J. R. S. **Inventário florestal de Minas Gerais: monitoramento da flora nativa 2005-2007**. Lavras: UFLA, 2008. 357 p.

- COSTA, A. A.; ARAÚJO, G. M. de. Comparação da vegetação arbórea de cerrado e de cerrado na reserva do Panga, Uberlândia, Minas Gerais. **Acta Botânica Brasílica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 63-72, Jan. 2001.
- DRUMMOND, G. M.; MARTINS, C. S.; MACHADO, A. B. M.; SEBAIO, F. A.; ANTONINI, Y. A. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005.
- FELFILI, J. M.; SANTOS, A. A. B. **Direito ambiental e subsídios para a revegetação de áreas degradadas no Distrito Federal**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. v. 4, 135 p. (Comunicações Técnicas Florestais, 2).
- FERREIRA, D. F. **Estatística básica**. Lavras: UFLA, 2005. 664 p.
- FIEDLER, N. C.; AZEVEDO, I. N. C.; REZENDE A. V.; MEDEIROS M. B.; VENTUROILI F. Efeito de Incêndios Florestais na Estrutura e Composição Florística de uma Área de Cerrado *Sensu Stricto* na Fazenda Água Limpa-DF. **Revista Árvore**, Viçosa, MG, v. 28, n. 1, p. 129-138, jan./fev. 2004.
- GAUCH, H. G. **Multivariate analysis in community ecology**. Cambridge: University, 1982. 298 p.
- GOMES, A. P. C.; SOUZA, A. L. de; MEIRA NETO, J. A. A. Alteração estrutural de uma área florestal explorada convencionalmente na bacia do Paraíba do Sul, Minas Gerais, nos domínios de floresta atlântica. **Revista Árvore**, Viçosa, MG, v. 28, n. 3, p. 407-417, maio/jun. 2004.
- GOODLAND, R. **Ecologia do cerrado**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 193 p.
- HARIDASAN, M. Nutrição mineral de plantas nativas do cerrado. **Revista Brasileira de Fisiologia Vegetal**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 54-64, jan./abr. 2000.
- HARIDASAN, M.; ARAÚJO, G. M. Aluminium-accumulating species in two forest communities in the cerrado region of central Brazil. **Forest Ecology and Management**, Amsterdam, v. 24, n. 1, p. 15-26, Apr. 1988.
- KENT, M.; COKER, P. **Vegetation description and analysis, a practical approach**. London: Belhaven, 1992. 363 p.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. Conservation of the Brazilian Cerrado. **Conservation Biology**, Malden, v. 19, n. 3, p. 707-713, June 2005.

LIMA, C. S. de A. **Desenvolvimento de um modelo para manejo sustentado do Cerrado**. 1997. 159 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**. Nova Odessa: Plantarum, 1992.

MAGURRAN, A. E. **Ecological diversity and its measurement**. Cambridge: University, 1988. 192 p.

MARIMON, B. S.; LIMA, E. de S. Caracterização fitofisionômica e levantamento florístico preliminar no pantanal dos rios Mortes-Araguaia, Cocalinho, Mato Grosso, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 213-229, mar./abr. 2001.

MARTINS, F. R. **Estrutura de uma floresta mesófila**. Campinas: Unicamp, 1993. 246 p.

MARTINS, S. V. **Aspectos da dinâmica de clareiras em uma floresta estacional semidecidual no município de Campinas, SP**. 1999. 233 p. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MCCUNE, B.; MEFFORD, M. J. **PC-ORD version 5.10**: multivariate analysis of ecological data, users guide. Glaneden Beach: MjM Software Design, 2006. 237 p.

MEIRA NETO, J. A. A. Bioprospecção em áreas do cerrado mineiro. In: ENCONTRO REGIONAL DE BOTÂNICOS, 23., 2001, Viçosa, MG. **Anais...** Viçosa, MG: UFV, 2001. p. 54-55.

MENDONÇA, R. C.; FELFILI, J. M.; WALTER, B. M.; SILVA JUNIOR, M. C.; REZENDE, A. V.; FIGUEIRAS, T. S.; NOGUEIRA, P. E. Flora vascular do Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. (Coord.). **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: Embrapa, 1998. p. 47-86.

MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York: J. Willey, 1974. 574 p.

OLIVEIRA FILHO, A. T.; RATTER, J. A. A study of the origin of central Brazilian forests by the analysis of plant species distribution patterns. **Edinburgh Journal of Botany**, Edinburgh, v. 52, n. 2, p. 141-194, abr. 1995.

OLIVEIRA FILHO, A. T.; SCOLFORO, J. R. S. **Inventário florestal de Minas Gerais: espécies arbóreas da flora nativa**. Lavras: UFLA, 2008. 619 p.

OLIVEIRA, A. D. de; LEITE, A. P.; BOTELHO, S. A.; SCOLFORO, J. R. S. Avaliação econômica da vegetação de cerrado submetida a diferentes regimes de manejo e de povoamentos de eucalipto plantado em monocultivo. **Cerne**, Lavras, v. 4, n. 1, p. 34-56, jan./jun. 1998.

OLIVEIRA, M. C. de; SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de.; OLIVEIRA, A. D. de; ACERBI JÚNIOR, F. W. Avaliação de diferentes níveis de intervenção na florística, diversidade e similaridade de uma área de cerrado *stricto sensu*. **Cerne**, Lavras, v. 12, n. 4, p. 342-349, out./dez. 2006.

OLIVEIRA, Y. M. M. de; ROTTA, E. Levantamento da estrutura horizontal de uma mata de araucária do primeiro planalto paranaense. **Boletim de Pesquisa Florestal**, Curitiba, n. 4, p. 1-46, jun. 1982.

PIELOU, E. C. Species diversity and pattern diversity in the study of ecological succession. **Journal of Theoretical Biology**, London, v. 10, n. 2, p. 370-383, Feb. 1966.

PIRES, A. P.; FELFILI, J. M.; ABREU, A. R. Florística e fitossociologia do cerrado *stricto sensu* na APA de Cafuringa-DF. **Boletim do Herbário Ezechias Heringer**, Brasília, v. 4, p. 5-20, abr. 1999.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. **R: a language and environment for statistical computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2009.

RAMOS, A. E. **O efeito da queima sobre a vegetação lenhosa do cerrado**. 1990. 142 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade de Brasília, Brasília.

RATTER, J. A.; DARGIE, T. C. D. An analysis of the floristic composition of 26 cerrado areas in Brazil. **Edinburgh Journal of Botany**, Edinburgh, v. 49, n. 2, p. 235-250, 1992.

RATTER, J. A.; RIBEIRO, J. F.; BRIDGEWATER, S. The Brazilian cerrado vegetation and threats to its biodiversity. **Annals of Botany**, London, v. 80, n. 3, p. 223-230, Sept. 1997.

REIS, H.; SCOLFORO, J. R. S.; OLIVEIRA, A. D. de; OLIVEIRA FILHO, A. T. de; MELLO, J. M. de. Análise da composição florística, diversidade e similaridade de fragmentos de mata atlântica em Minas Gerais. **Cerne**, Lavras, v. 13, n. 3, p. 280-290, jul./set. 2007.

REZENDE, A. V.; SANQUETTA, C. R.; FIGUEIREDO FILHO, A. Efeito do desmatamento no estabelecimento de espécies lenhosas em um cerrado *sensu stricto*. **Revista Floresta**, Curitiba, v. 35, n. 1, p. 69-88, jan./abr. 2005.

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001. 503 p.

SANTOS, R. M. dos; VIEIRA, F. de A. Análise estrutural do componente arbóreo de três áreas de cerrado em diferentes estádios de conservação no município de Três Marias, Minas Gerais, Brasil. **Cerne**, Lavras, v. 11, n. 4, p. 399-408, ago. 2005.

SCOLFORO, J. R. S. **Manejo florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998. 438 p.

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de.; OLIVEIRA, A. D. de; MELLO, A. A. de; FERREIRA, D. F. Avaliação de diferentes níveis de intervenção no desenvolvimento da área basal e número de árvores de uma área de cerrado *stricto sensu*. **Cerne**, Lavras, v. 6, n. 2, p. 25-34, jul./dez. 2000.

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de; PEREIRA, R. M.; SOUZA, F. N. de; GUEDES, I. C. de L. Volumetria, Peso de Matéria Seca e Carbono. In: SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de. **Inventário florestal de Minas Gerais - cerrado**: florística, estrutura, diversidade, similaridade, distribuição diamétrica e de altura, volumetria, tendências de crescimento e áreas aptas para manejo florestal. Lavras: UFLA, 2008b. cap. 8, p. 361-439.



SCOLFORO, J. R. S.; OLIVEIRA, A. D. de; FERRAZ FILHO, A. C.; MELLO, J.M. de. Diversidade, equabilidade e similaridade no domínio do cerrado. In: SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A.D de. **Inventário florestal de Minas Gerais - cerrado**: florística, estrutura, diversidade, similaridade, distribuição diamétrica e de altura, volumetria, tendências de crescimento e áreas aptas para manejo florestal. Lavras: UFLA, 2008a. cap. 7, p. 267-358.

SENA, A. L. M.; PINTO, J. R. R. Regeneração natural em áreas degradadas com enfoque na capacidade de resiliência das espécies lenhosas do cerrado. In: Simpósio Nacional de Cerrado, 9., 2008, Brasília. **Anais...** Brasília: Embrapa Cerrados, 2008. p. 1032-1039.

SILVA, C. P. C.; OLIVEIRA FILHO, A. T. de; BERG, E. van den; SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de. Composição florística no domínio do cerrado. In: SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D de. **Inventário florestal de Minas Gerais - cerrado**: florística, estrutura, diversidade, similaridade, distribuição diamétrica e de altura, volumetria, tendências de crescimento e áreas aptas para manejo florestal. Lavras: UFLA, 2008. cap. 3, p. 135-168.

SILVA, L. O.; COSTA, D. A.; SANTO FILHO, K. do S.; FERREIRA, H. D.; BRANDÃO, D. Levantamento florístico e fitossociológico em duas áreas de cerrado *sensu stricto* no parque estadual da Serra de Caldas Novas, Goiás. **Acta Botânica Brasílica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 45-53, jan. 2002.

SNEATH, P. H.; SOKAL, R. R. **Numerical taxonomy**. New York: W. H. Freeman, 1973.

TEIXEIRA, M. I. J. G., ARAÚJO, A. R. B.; VALERI, S. V.; RODRIGUES, R. R. Florística e fitossociologia de área de cerrado s.s., no município de Patrocínio Paulista, nordeste do estado de São Paulo. **Bragantia**, Campinas, v. 63, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2004.

WAKEEL, A.; RAO, K. S.; MAIKHURI, R. K.; SAXENA, K. G. Forest management and use/cover changes in a typical micro watershed in the mid elevation zone of Ventral Himalaya, India. **Forest Ecology and Management**, Amsterdam, v. 213, n. 1/3, p. 229-242, July 2005.

WEISER, V. de L.; GODOY, S. A. P. de. Florística em um hectare de cerrado *stricto sensu* na Arie: cerrado pé-de-gigante, Santa Rita do Passa Quatro, SP. **Acta Botânica Brasílica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 201-212, maio/ago. 2001.

## ARTIGO 2

### COMPORTAMENTO DA ESTRUTURA E DE VARIÁVEIS DENDROMÉTRICAS DE UMA ÁREA MANEJADA DE CERRADO *SENSU STRICTO*

Flávia Nascimento de Souza<sup>1</sup>, José Roberto Soares Scolforo<sup>2</sup>.

**(Preparado de acordo com as normas da Revista Cerne)**

---

<sup>1</sup> Engenheira Florestal, Mestranda em Ciências Florestais da Universidade Federal de Lavras – UFLA, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000, Lavras, MG – fleivians@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Ciências Florestais - UFLA, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000, Lavras, MG – jscolforo@ufla.br.

## 1 RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de avaliar o efeito de diferentes sistemas de manejo sustentável na estrutura, na área basal, no número de indivíduos, no volume, no peso de matéria seca e no carbono de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizado em Brasilândia de Minas (MG), onze anos após as intervenções. Em 1997, implantaram-se, na área de estudo, 30 parcelas, com delineamento em blocos casualizados, na qual instalaram-se dez tratamentos com três repetições: remoção de 50%, 60%, 70% e 80% da área basal, envolvendo redução e acréscimo de 20% no quociente de De Liocurt; corte raso e testemunha. Antes da implantação dos tratamentos foi realizado um levantamento, a fim de conhecer a vegetação original. Em 2004 e 2008, novos levantamentos foram realizados. Constatou-se que, onze anos após as intervenções, a vegetação foi capaz de manter um conjunto de espécies representativas semelhante à população anterior aos cortes, manter o padrão exponencial negativo para a distribuição diamétrica e recuperar o número de indivíduos, a área basal, o volume, o peso seco e o carbono, independentemente do nível de intervenção.

## 2 ABSTRACT

This study aimed to evaluate the effect of different sustainable management systems in the structure, basal area, number of individuals, volume, dry weight and carbon content of a cerrado vegetation, located in Brasília de Minas (MG), eleven years after the interventions. In 1997 it was implanted in the study area 30 plots in a randomized block design, in which ten treatments with three replicates were installed: removal of 50%, 60%, 70% and 80% of basal area involving reduction and an increase of 20% in the ratio of *De Liocurt*; clearcutting and control. Before the implementation of the treatments a survey was employed to ascertain the original vegetation. In 2004 and 2008 new surveys were conducted. It was observed that, eleven years after the interventions, the vegetation was able to maintain a set of representative species similar to the population prior to the cuts, maintain the standard "inverted J" for the diameter distribution and retrieve the number of individuals, basal area, volume, dry weight and carbon content, regardless of the level of intervention.

### 3 INTRODUÇÃO

O Bioma Cerrado localiza-se no Planalto Central do Brasil, abrangendo o interior dos estados de Goiás, Tocantins, Distrito Federal e parte de outros estados (Ribeiro & Walter, 1998). Em Minas Gerais, o Cerrado ocupa cerca de 20% de sua extensão territorial, predominantemente na porção central, noroeste e oeste do estado (Carvalho & Scolforo, 2008).

É uma formação complexa de vegetação, caracterizada por um mosaico de fisionomias que variam desde campos, passando por vegetação arbustiva esparsa, até matas, mostrando, assim, grande variabilidade estrutural e grandes diferenças em porte e densidade (Eiten, 1992; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1992). Esta heterogeneidade de paisagens abriga uma importante diversidade florística (Ratter et al., 2000), com mais de dez mil espécies vegetais (Walter, 2006).

Apesar de ter grande importância ecológica, esse bioma vem sendo degradado, em função da ocupação desordenada, da expansão urbana e da agropecuária, da exploração irracional e do uso indiscriminado do fogo (Fiedler et al., 2004). De acordo com Sano et al. (2008), 39,5% da vegetação original de cerrado já foram transformados em áreas agrícolas e pastagens.

Uma das maneiras de prevenir a exaustão da vegetação do cerrado é sua utilização de forma sensata. A ampliação da área sob regime de manejo sustentado evitaria a utilização indiscriminada de espécies com alto valor comercial (principalmente frutíferas e medicinais) para a produção de lenha e carvão vegetal (Oliveira et al., 2006). Segundo Pinard et al. (1999), a prática de manejo requer decisões que considerem a maximização da produção e a redução dos impactos negativos sobre a integridade biológica da floresta.

Alguns municípios de Minas Gerais, como Três Marias, Pintópolis, Brasília de Minas, Várzea da Palma, Brasilândia de Minas, Corinto, Urucuaia,

Lassance, Curvelo, Formoso, Coração de Jesus, Montes Claros, Paracatu, São Francisco, Chapada Gaúcha, São Romão, Cônego Marinho, Santa Fé de Minas, Unaí, Arinos, Bonito de Minas, Buritizeiro e João Pinheiro, apresentam mais de 50 mil hectares com vegetação de Cerrado *sensu stricto*, sendo consideradas áreas com aptidão definida para a prática do manejo florestal (Scolforo et al., 2008b). Contudo, se implantada esta prática, é de extrema importância que ela seja avaliada quanto ao seu desempenho (Gomes et al., 2004).

Para compreender o processo de sucessão e as modificações da vegetação que estão sob influência dos planos de manejo, uma ferramenta muito importante é a análise estrutural. De acordo com Scolforo (1998), por meio desta análise é possível compreender a participação, na comunidade, de cada espécie vegetal em relação às outras e a forma como ela se encontra distribuída espacialmente na área. No Cerrado, alguns trabalhos foram desenvolvidos com o objetivo de se analisar a estrutura da vegetação vinculada ao manejo, podendo-se citar os de Mello (1999) e Oliveira (2006).

Além da análise estrutural, o conhecimento do ciclo mínimo de corte é também um fator de extrema importância para o gerenciamento destas florestas, pois, por meio da sua determinação, podem-se elaborar planos de manejo mais detalhados e corretos. Este ciclo estaria condicionado ao retorno da área basal da população remanescente aos níveis desta mesma área basal antes de ocorrer a primeira intervenção (Mello, 1999), podendo também agregar outras variáveis, como número de indivíduos, volume, peso seco e, principalmente, quantidade de carbono, diante da importância das florestas como sumidouros de carbono na questão das mudanças climáticas.

Dessa forma, este trabalho foi realizado com o objetivo de avaliar o efeito de diferentes sistemas de manejo sustentável na estrutura, o número de indivíduos, a área basal, o volume, o peso de matéria seca e o estoque de

carbono de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizado em Brasilândia de Minas (MG), onze anos após as intervenções.

#### 4 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi conduzido em uma área de Cerrado *sensu stricto* com, aproximadamente, 343 ha, pertencente à empresa V&M Florestal e situada no município de Brasilândia de Minas (MG), nas coordenadas 17°02'S e 45°50'W, à altitude de 575 m. Na Figura 1A-Anexos observa-se a localização da área de estudo.

O clima da região é do tipo Aw, conforme a classificação de Köppen, caracterizando clima tropical com inverno seco. A temperatura média anual está em torno de 22,5°C, enquanto a precipitação média anual é de 1.441,5 mm. Os solos encontrados são, predominantemente, do tipo Cambissolo, Latossolo Vermelho-Amarelo e Latossolo Vermelho-Escuro (Oliveira et al., 2006).

No ano de 1997, foram demarcados, nesta área, 30 ha (600 x 500 m) contendo três blocos casualizados (200 x 500 m). Cada bloco foi subdividido em dez parcelas de 100 x 100 m e, no centro de cada parcela, foi disposta uma subparcela de 1.800 m<sup>2</sup> (30 x 60 m), onde foram feitas identificações taxonômicas e medições de circunferência a 1,30 m do solo (CAP) e altura total de todos os indivíduos que apresentavam CAP maior ou igual a 15,7 cm. A partir desse levantamento, foi possível designar os diferentes sistemas de manejo (tratamentos) a serem implantados, bem como conhecer a composição florística e a estrutura da vegetação original. Logo, foram instalados dez tratamentos por bloco, distribuídos de forma aleatória nas parcelas (100 x 100 m) correspondentes: testemunha (T), corte raso (CR), sistema de corte seletivo, com remoção de 50% (50N), 60% (60N), 70% (70N) e 80% (80N) da área basal, mantendo-se, para essas quatro situações, uma redução de 20% no valor original

do quociente de De Liocurt; e sistema de corte seletivo, com remoção de 50% (50Q), 60% (60Q), 70% (70Q) e 80% (80Q) da área basal, mantendo-se, para estas quatro situações, um acréscimo de 20% no valor original do quociente de De Liocurt. O acréscimo e o decréscimo de 20% no valor original do quociente de De Liocurt promovem, respectivamente, maior remoção dos indivíduos das maiores classes diamétricas e maior remoção dos indivíduos das menores classes diamétricas.

Nos anos de 2004 e 2008, novos levantamentos foram realizados nas subparcelas (1800 m<sup>2</sup>), a fim de monitorar as áreas submetidas aos diferentes sistemas de manejo. Nesses levantamentos, foram medidos e identificados todos os indivíduos com CAP maior ou igual a 15,7 cm. A identificação botânica desses indivíduos foi realizada *in loco* e com o auxílio de literatura especializada, consultas ao herbário da Universidade Federal de Lavras (Herbário ESAL) e a especialistas. O sistema de classificação adotado foi o Angiosperm Phylogeny Group II (2003).

Para descrever a estrutura do componente arbóreo, foram calculados os parâmetros quantitativos, como densidade, dominância e frequência, além do valor de cobertura e importância (Mueller-Dombois & Ellenberg, 1974) para cada espécie observada nos diferentes tratamentos, nas três ocasiões de medição. Estes parâmetros foram obtidos por meio do *software* Sistema de Manejo para Floresta Nativa ou SISNAT (Scolforo et al., 2003).

Como forma complementar à análise estrutural, efetuou-se a análise da distribuição diamétrica para cada tratamento, considerando os três levantamentos. O diâmetro mínimo de medição e a amplitude por classe foram fixados em 5 cm, sendo o limite inferior de cada classe condizente com o critério de inclusão de indivíduos no levantamento. O número de classes variou de tratamento para tratamento, dependendo do diâmetro máximo inventariado. Para averiguar a similaridade entre as distribuições diamétricas, antes da remoção da



vegetação e após a execução dos regimes de manejo, aplicou-se um teste estatístico não paramétrico, denominado de Kolmogorov-Smirnov (Sokal & Rohlf, 1995), a 0,05 de significância, pareando-se os tratamentos relacionados às diferentes medições.

As estimativas de volume, peso de matéria seca e carbono presente no fuste de cada árvore e CO<sub>2</sub>, para cada subparcela, foram obtidas conforme equações descritas em Scolforo et al. (2008 b, c, d) para a fisionomia cerrado *sensu stricto*, contida no grupo de subbacias SF 7, 8 e 9, referente à localização da área de estudo. Visando verificar a ocorrência de modificações nestes parâmetros, bem como no número de indivíduos e área basal ao longo do tempo, em decorrência da aplicação dos tratamentos, aplicou-se o teste T-pareado, após verificação da normalidade da diferença dos dados pelo teste Shapiro-Wilk (Ferreira, 2005), com o auxílio do *software* R versão 2.9 (R Development Core Team, 2009).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 Análise estrutural

Na Tabela 1 são apresentados os valores médios de densidade e dominância absolutos das espécies em comum nos três levantamentos. Uma apresentação mais detalhada dos parâmetros fitossociológicos, para cada ocasião de medição, pode ser vista nas Tabelas 1B, 2B e 3B dos Anexos.

No levantamento realizado em 1997, registraram-se, na área amostrada, 899 indivíduos. ha<sup>-1</sup>, correspondentes a uma área basal total igual a 8,98m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>. Verificou-se que 78% das espécies encontradas neste levantamento possuem, em média, densidade abaixo de 10 ind.ha<sup>-1</sup> e cerca de 21% apresentaram densidade igual ou superior a este valor. As espécies com mais de 10 ind.ha<sup>-1</sup> representaram 84,1% do total de indivíduos amostrados e 77,6% da área basal total.

TABELA 1 Valores médios de densidade absoluta (DA) (indivíduos.ha<sup>-1</sup>) e dominância absoluta (DoA) (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>), para as espécies comuns encontradas antes (1997) e após as intervenções (2004 e 2008).

TABLE 1 Mean values of absolute density - DA (individuals.ha<sup>-1</sup>) and absolute dominance - DoA (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>) for the common species found before (1997) and after intervention (2004 and 2008).

Espécies	DA			DoA		
	1997	2004	2008	1997	2004	2008
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	6,67	9,07	18,33	0,07	0,07	0,11
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	4,63	3,89	5,19	0,07	0,06	0,06
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	0,37	0,37	0,37	0,00	0,00	0,00
<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,30	3,15	5,00	0,01	0,01	0,02
<i>Annona coriacea</i> Mart.	7,04	7,59	9,63	0,04	0,06	0,08
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	13,33	19,26	20,00	0,15	0,24	0,26
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	2,59	3,33	4,26	0,03	0,03	0,04
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	3,33	11,85	13,89	0,10	0,23	0,28
<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	37,59	9,26	9,45	0,44	0,05	0,04
<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	1,48	1,30	0,01	0,01	0,01
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	3,15	4,26	5,37	0,17	0,20	0,23
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	5,00	1,11	1,11	0,01	0,00	0,00
<i>Connarus suberosus</i> Planch.	0,37	1,11	1,30	0,00	0,00	0,00
<i>Curatella americana</i> L.	0,37	3,33	3,89	0,01	0,02	0,03
<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	43,71	18,70	22,96	0,25	0,10	0,13

Continua...

To be continued...

TABELA 1 Continuação.

TABLE 1 Continued.

Espécies	DA			DoA		
	1997	2004	2008	1997	2004	2008
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	2,78	2,78	2,41	0,01	0,01	0,01
<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	9,26	8,15	14,63	0,10	0,07	0,12
<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	0,37	1,11	1,30	0,00	0,01	0,01
<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	1,85	0,37	0,56	0,03	0,02	0,02
<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	39,26	15,37	19,26	0,17	0,06	0,08
<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	3,89	0,37	0,56	0,01	0,00	0,00
<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	66,11	49,63	70,00	0,51	0,37	0,48
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	0,19	0,56	0,93	0,00	0,00	0,01
<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	0,19	0,37	0,37	0,00	0,00	0,00
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	0,19	0,19	1,11	0,00	0,00	0,01
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	17,96	19,63	20,00	0,31	0,38	0,39
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	74,63	47,22	65,56	0,35	0,25	0,33
<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schtdl.	50,00	37,04	50,93	0,39	0,21	0,29
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	0,19	8,52	10,93	0,00	0,12	0,15
<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	20,93	20,74	37,41	0,47	0,24	0,32
<i>Neea theifera</i> Oerst.	0,37	3,33	4,26	0,00	0,02	0,02
<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	6,67	6,48	8,70	0,05	0,05	0,06

Continua...

To be continued...

TABELA 1 Continuação.

TABLE 1 Continued.

Espécies	DA			DoA		
	1997	2004	2008	1997	2004	2008
<i>Palicourea rigida</i> Kunth	0,37	0,37	0,37	0,00	0,00	0,00
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	8,70	0,37	8,89	0,08	0,00	0,06
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	91,85	111,85	132,78	1,16	1,35	1,60
<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	6,30	11,85	14,81	0,13	0,21	0,25
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	0,19	1,11	1,11	0,01	0,02	0,03
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	61,11	60,37	81,29	0,57	0,47	0,62
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	186,85	130,18	174,26	1,95	1,29	1,64
<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	9,45	14,26	30,00	0,33	0,07	0,13
<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	1,30	6,11	10,74	0,03	0,04	0,06
<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	0,19	0,74	0,56	0,01	0,01	0,01
<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	0,37	0,19	0,37	0,00	0,00	0,00
<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	0,19	0,37	0,56	0,01	0,01	0,01
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	0,74	1,85	2,22	0,00	0,01	0,01
<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,11	1,48	1,85	0,01	0,01	0,01
<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	8,15	4,26	5,74	0,07	0,04	0,05
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	5,74	4,81	6,11	0,03	0,03	0,04
<i>Vochysia rufa</i> Mart.	32,22	9,07	10,93	0,18	0,27	0,31

A espécie *Qualea parviflora* se destacou quanto à densidade absoluta em todas as áreas referentes aos diferentes tratamentos (média de 186 ind.ha<sup>-1</sup>). Outras espécies, tais como *Byrsonima coccolobifolia*, *Davilla elliptica*, *Erythroxylum suberosum*, *Eugenia dysenterica*, *Kielmeyera coriacea*, *Lafoensia vandelliana*, *Pouteria ramiflora*, *Qualea grandiflora* e *Vochysia rufa*, também apresentaram os maiores valores de densidade (acima de 32 ind.ha<sup>-1</sup>). Estes resultados indicam que há uma predominância destas espécies no local, representando 76% do número de indivíduos amostrados.

Além da alta representatividade, a *Qualea parviflora* teve maior dominância absoluta, mostrando ser a espécie com maior valor de área basal (média de 1,94m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>). Observa-se que o mesmo ocorreu com a maioria das demais espécies de alta densidade, que apresentaram valores acima de 0,35m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>, refletindo alta taxa de ocupação do ambiente por estas espécies. Estas espécies também se apresentaram regularmente distribuídas, sendo encontradas em todas as subparcelas amostradas.

Cerca de 78% das espécies registradas tiveram densidade relativa abaixo de 1, consideradas, segundo Kageyama & Gandara (1993), raras, representando 11,12% do número total de indivíduos e 13,25% da área basal total.

Observa-se que esta comunidade caracteriza-se pela existência de poucas espécies dominantes. Conforme Felfili et al. (2000), a estrutura da vegetação lenhosa encontrada para o cerrado do presente estudo é semelhante à das formações florestais tropicais, em que grande parte da estrutura comunitária é formada por poucas espécies, de modo que as espécies pouco comuns ou raras apresentam pequena participação na ocupação do espaço.

Com relação aos resultados dos levantamentos posteriores à implantação dos tratamentos, foram encontrados 722 ind.ha<sup>-1</sup> e área basal total igual a 6,82m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>, no ano de 2004 e, em 2008, esses valores foram de 968 ind.ha<sup>-1</sup> e 8,62 m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>. Em 2008, mais de 70% das espécies apresentaram, em média,

densidade abaixo de 10 ind.ha<sup>-1</sup> e cerca de 27% apresentaram densidade igual ou superior a este valor. As espécies com mais de 10 ind.ha<sup>-1</sup> foram detentoras de 86,7% dos indivíduos e, juntas, representaram 88,5% da área basal total amostrada. Dessa forma, constatou-se que o padrão estrutural encontrado em 1997, ou seja, grande parte da estrutura horizontal da comunidade representada por poucas espécies se manteve após os distúrbios, até mesmo naqueles que envolveram maior intensidade de remoção da vegetação.

Com exceção de três tratamentos (50N, 80N e CR), na qual *Pouteria ramiflora* foi a que obteve o maior valor de densidade absoluta, a espécie *Qualea parviflora* continuou altamente representativa no segundo inventário, com média de 130 ind.ha<sup>-1</sup>. Em 2008, *Pouteria ramiflora* ficou à frente de *Qualea parviflora* apenas no tratamento em que houve total remoção (CR). Neste último levantamento, *Qualea parviflora* apresentou, em média, 174 ind.ha<sup>-1</sup>. Quanto à dominância, na segunda medição, *Pouteria ramiflora* se destacou em relação à *Qualea parviflora*, nos tratamentos 70N, 80N, 80Q e CR, com média de 1,35 m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>. Já na terceira medição, *Qualea parviflora* apresentou, em média, 1,64 m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup> e ficou atrás de *Pouteria ramiflora* apenas nos tratamentos 80N e CR.

É possível, portanto, observar que a espécie *Qualea parviflora* tendeu a retornar sua predominância na maioria dos tratamentos ao longo do tempo. O fato de a espécie *Qualea parviflora* continuar em destaque quanto à densidade e à dominância, além de ocorrer em todos os tratamentos, após as intervenções, corrobora com o que foi proposto por Haridasan & Araújo (1988), de que o gênero *Qualea* possa apresentar ampla vantagem adaptativa em relação às demais espécies do cerrado.

Verificou-se, ainda, que muitas das demais espécies que se destacaram quanto à densidade e à dominância antes de os regimes de manejo permaneceram entre as principais espécies relacionadas a estes parâmetros após

as intervenções, como *Eugenia dysenterica*, *Kielmeyera coriacea* e *Qualea grandiflora*, apresentando de 66 a 81 ind.ha<sup>-1</sup> e 0,33 a 0,62 m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>, no ano de 2008, além de ocorrer em todos os tratamentos. Ainda, espécies que, em 1997, não estavam entre as dez espécies com maior número de indivíduos, passaram a ser destaque em pelo menos um dos tratamentos após a remoção da vegetação (*Acosmium dasycarpum*, *Annona coriacea*, *Annona crassiflora*, *Diospyros coccolobifolia*, *Eriotheca gracilipes*, *Erythroxylum deciduum*, *Pouteria torta* e *Salvertia convallariodora*), enquanto *Annona crassiflora*, *Eriotheca gracilipes*, *Machaerium acutifolium*, *Pterodon emarginatus* e *Vochysia rufa* passaram a se destacar em área basal.

## 5.2 Distribuição diamétrica

A distribuição diamétrica da comunidade em estudo, antes da implantação dos regimes de manejo (1997), apresentou um comportamento tendendo a exponencial negativo (Figura 1), indicando a existência de uma grande densidade de indivíduos nas menores classes de diâmetro (aproximadamente 86% destes apresentaram diâmetros inferiores a 15 cm). Este padrão para a distribuição diamétrica é comumente encontrado no cerrado s.s. (Assunção & Felfili, 2004; Rezende et al., 2005; Amaral et al., 2006; Lindoso, 2008; Scolforo et al., 2008c).

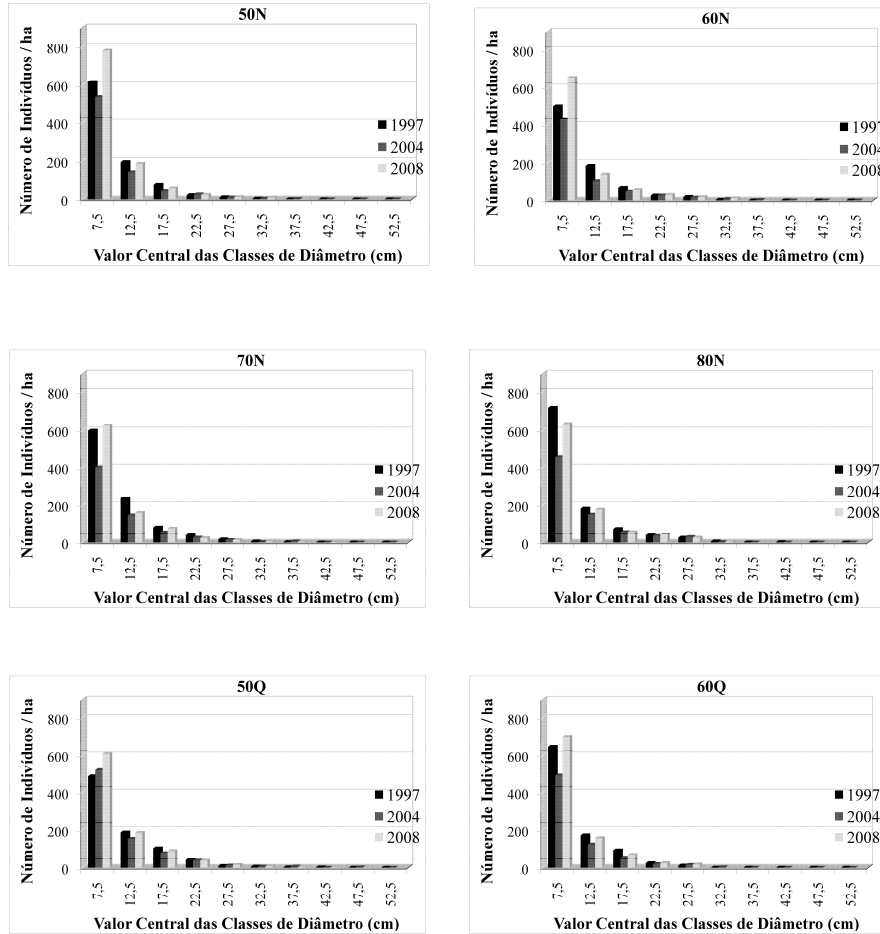


FIGURA 1 Distribuição diamétrica dos indivíduos amostrados nos diferentes tratamentos, antes (1997) e após (2004 e 2008) as intervenções.

FIGURE 1 Diameter distribution of the individuals sampled in the different treatments, before (1997) and after (2004 and 2008) interventions.

Continua...  
To be continued...



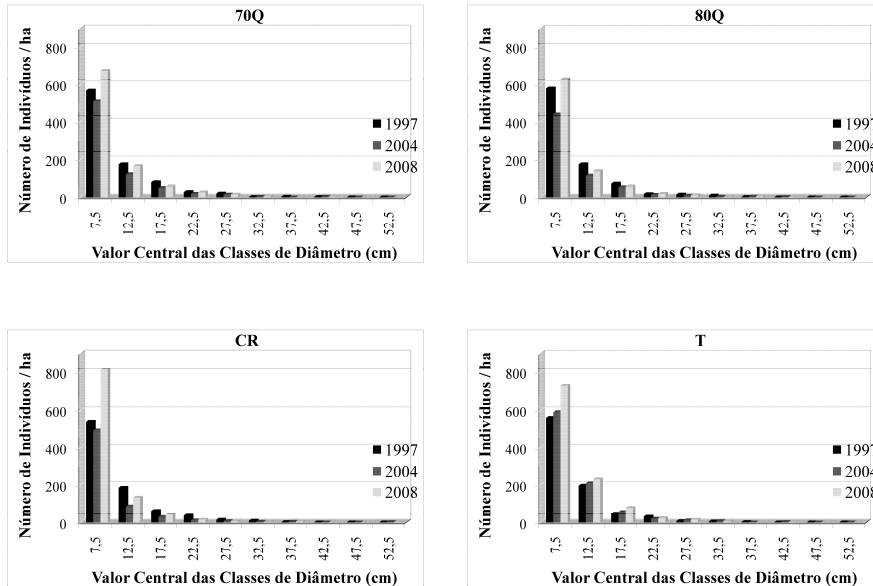


FIGURA 1 Continuação.

FIGURA 1 Continued.

Um percentual elevado de indivíduos abrigados nas primeiras classes sugere uma população autoperpetuante, ou seja, com regeneração contínua, que apresenta indivíduos capazes de fornecer parte de seus representantes para as classes subsequentes durante os períodos futuros, auxiliando na dinâmica e garantindo a continuidade arbórea da floresta (Finol, 1964; Odum, 1988; Scolforo, 2006). Contudo, Finol (1964) ressalta que a maior concentração de indivíduos nessas classes também pode estar atribuída às características inerentes às espécies de Cerrado que, devido à sua potencialidade genética, apresentam porte baixo e, por consequência, menores diâmetros.

Os maiores valores de diâmetro encontrados neste primeiro levantamento foram da espécie *Salvertia convallariodora* (44,6 cm e 44,7 cm nas áreas relacionadas aos tratamentos 50Q e 70Q, respectivamente). Verificou-

se, ainda, que a área correspondente ao tratamento 80N apresentou 8 classes diamétricas, sendo que uma delas não havia nenhum representante, o que torna a distribuição descontínua, devido à presença de um indivíduo com diâmetro desproporcional em relação aos demais (*Qualea parviflora* com DAP = 43,1 cm).

Sete e onze anos após a instalação dos tratamentos constatou-se que o comportamento tendendo a exponencial negativo se manteve (Figura 1). Em 2008, mais de 80% dos indivíduos registrados nas áreas submetidas a cada tratamento pertenciam a classes diamétricas menores que 15 cm e o diâmetro máximo encontrado foi de 54,1 cm (*Eriotheca gracilipes*) no tratamento CR. Os tratamentos 60Q, 70Q, CR e T apresentaram certa descontinuidade na distribuição.

Avaliando-se a similaridade da distribuição do número de indivíduos por classes de diâmetros antes e após as intervenções por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov, nota-se, pelos dados da Tabela 2, que sete anos após a instalação dos tratamentos, apenas a área na qual foi submetida à remoção total dos indivíduos apresentou distribuição diamétrica diferente da encontrada para a vegetação original. Em 2008, no entanto, além do CR, outros tratamentos passaram a não se correlacionar em termos de distribuição diamétrica entre os períodos considerados, como os tratamentos 50N, 60N, 70N e 70Q. Dentre estes, a maior divergência pode ser constatada entre a distribuição obtida para o tratamento CR no levantamento de 2008 e 1997 (Figura 2a). O oposto ocorre com as áreas 80N e T, que apresentam as curvas de distribuição diamétrica, antes e onze anos após a remoção da vegetação, praticamente aderidas uma à outra (Figura 2b e c) sendo, portanto, estatisticamente semelhante nas duas épocas de medição.

Nos tratamentos em que foi observada a significância do teste de Kolmogorov-Smirnov, constatou-se que a distribuição do número de indivíduos

por classes de diâmetros, após as intervenções, além de ter se recuperado ao longo do tempo, foi superior à encontrada no ano de 1997, ou seja, antes da implantação dos tratamentos.

TABELA 2 Análise comparativa das distribuições diamétricas entre as três medições para os dez tratamentos, utilizando o teste de Kolmogorov-Smirnov a um nível de significância de 0,05, em que (\*) indica significância e (ns) corresponde a não significância entre as distribuições.

TABLE 2 Comparative analysis of the diameter distributions between the three measurements for the ten treatments, using the Kolmogorov-Smirnov's test at a significance level of 0,05. Where (\*) indicates significance and (ns) corresponds to no significant differences between the distributions.

Tratamentos	Valor Ks		
	1997 / 2004	2004 / 2008	1997 / 2008
50N	0,034 (ns)	0,029 (ns)	0,063 (*)
60N	0,055 (ns)	0,039 (ns)	0,094 (*)
70N	0,009 (ns)	0,071 (*)	0,078 (*)
80N	0,060 (ns)	0,046 (ns)	0,014 (ns)
50Q	0,058 (ns)	0,006 (ns)	0,056 (ns)
60Q	0,015 (ns)	0,023 (ns)	0,039 (ns)
70Q	0,056 (ns)	0,012 (ns)	0,065 (*)
80Q	0,019 (ns)	0,042 (ns)	0,061 (ns)
CR	0,139 (*)	0,022 (ns)	0,162 (*)
T	0,009 (ns)	0,015 (ns)	0,014 (ns)

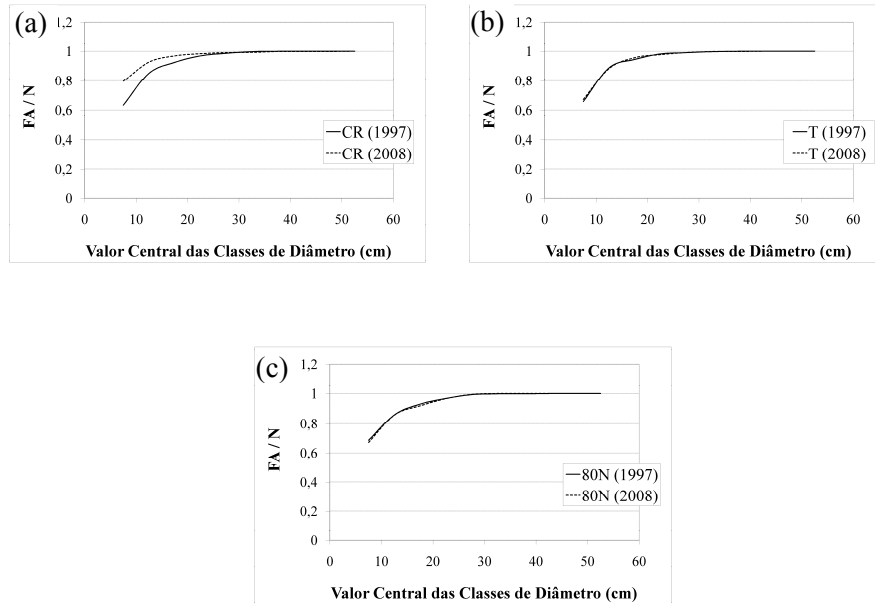


FIGURA 2 Maior (a) e menor (b e c) divergência entre as distribuições diamétricas obtidas para os diferentes tratamentos, considerando-se as três medições, a partir do teste de Kolmogorov-Smirnov (5% de probabilidade).

FIGURE 2 Largest (a) and smallest (b and c) difference between the diameter distributions obtained for the different treatments, considering the three measurements from the Kolmogorov-Smirnov's test (5% probability).

Os diferentes níveis de remoção na área não comprometeram o conceito de floresta balanceada, verificado pela ausência de lacunas nas classes inferiores de diâmetro. Os valores para o quociente de De Liocurt ( $q$ ), obtido com base na função de Meyer, em 2008, foi menor do que o valor “ $q$ ” de 1997 (Tabela 3). Como este valor é a razão entre classes diamétricas sucessivas, a diminuição desta razão no terceiro levantamento foi devido a uma maior frequência teórica nas classes diamétricas superiores, em relação ao primeiro levantamento.

Quando se obtém “q” a partir da frequência observada, nota-se que a variação deste valor entre uma classe e outra entre os anos de 1997 e 2008 é maior na primeira classe diamétrica e nas classes com diâmetros superiores a 30 cm. Isso ocorre devido a uma maior proporção de indivíduos entre a primeira e segunda classe em 2008, quando comparado a 1997, assim como nas classes de maiores diâmetros, demonstrando que não houve comprometimento da regeneração após as intervenções e indicando a migração dos indivíduos para as classes superiores de diâmetro neste período. Logo, o conceito de floresta balanceada de Meyer, utilizado como base para elaboração dos planos de manejo, pode ser uma ferramenta de grande utilidade em áreas de cerrado.

TABELA 3 Análise do quociente de De Liocurt, com base na frequência observada e estimada para os três levantamentos.

TABLE 3 Analysis of the ratio of De Liocurt based on the frequency observed and estimated for the three surveys.

Valor central da classe diamétrica	Frequência observada			Quociente de De Liocurt baseado na frequência observada			Frequência estimada*			Quociente de De Liocurt baseado na frequência estimada		
	1997	2004	2008	1997	2004	2008	1997	2004	2008	1997	2004	2008
7,5	581	488	685	3,08	3,59	4,1	576	380	494	2,67	2,43	2,48
12,5	189	136	167	2,44	2,51	2,55	216	156	199	2,67	2,43	2,48
17,5	77	54	66	2,54	2,34	2,48	81	64	80	2,67	2,43	2,48
22,5	30	23	26	2,03	1,71	1,81	30	26	32	2,67	2,43	2,48
27,5	15	14	15	3	3,32	2,73	11	11	13	2,67	2,43	2,48
32,5	5	4	5	3,86	1,83	2,23	4	4	5	2,67	2,43	2,48
37,5	1	2	2	2,33	3	2,17	2	2	2	2,67	2,43	2,48
42,5	1	1	1	-	4	6	1	1	1	2,67	2,43	2,48
47,5	0	0	0	-	1	1	0	0	0	2,67	2,43	2,48
52,5	0	0	0	-	-	-	0	0	0	-	-	-

\* Frequência estimada por meio da função de Meyer ( $\ln y_i = \ln \beta_0 + \beta_1 x_i$ ):

1997:  $y = e^{(7,83006090780784 - 0,196447592300385 \cdot x)}$ ;  $R^2 = 0,99$ ;  $S_{yx} = 0,169$

2004:  $y = e^{(7,27408433190338 - 0,177925554493506 \cdot x)}$ ;  $R^2 = 0,98$ ;  $S_{yx} = 0,280$

2008:  $y = e^{(7,56811644506539 - 0,182022844396914 \cdot x)}$ ;  $R^2 = 0,98$ ;  $S_{yx} = 0,313$

### 5.3 Resultados gerais do inventário

Na Tabela 4 são mostrados os resultados médios do número de indivíduos, área basal, diâmetro médio quadrático, altura, volume, peso de matéria seca, carbono e quantidade de CO<sub>2</sub> encontrados em cada tratamento. As Tabelas 4B, 5B e 6B, nos Anexos, mostram os resultados por subparcela para estas variáveis. Estes resultados estão próximos dos valores médios encontrados por Scolforo et al. (2008a) para diferentes fragmentos de cerrado *sensu stricto* em Minas Gerais.

No ano de 2004, a testemunha foi o único tratamento que apresentou valores superiores para o número de indivíduos, área basal, volume, peso de matéria seca e carbono em relação a 1997. Os maiores acréscimos para essas variáveis entre os levantamentos de 1997 e 2008 foram constatados também neste tratamento (média de 26,6%). Isso mostra que o experimento foi instalado em uma área de cerrado que apresentava plantas em fase de desenvolvimento, ou seja, que ainda não havia atingido o estado clímax.

Considerando apenas os tratamentos de remoção, pode-se observar que, no ano de 2008, com exceção dos tratamentos 70N, 80N e 80Q, todos superaram em, pelo menos, 2,43% o número de indivíduos existentes em 1997. O maior acréscimo foi constatado no corte raso (20%). Quanto às variáveis área basal, volume, peso de matéria seca e carbono, apenas os tratamentos menos intensivos como 50N, 60N e 50Q apresentaram valores superiores ao primeiro levantamento, destacando-se o tratamento 50Q.

TABELA 4 Valores médios para o número de indivíduos (N) (indivíduos.ha<sup>-1</sup>), área basal (G) (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>), diâmetro médio quadrático (Dg) (cm), altura (H) (m), volume (V) (m<sup>3</sup>.ha<sup>-1</sup>), peso de matéria seca (OS) (t.ha<sup>-1</sup>), carbono © (t.ha<sup>-1</sup>) e CO<sub>2</sub> (t.ha<sup>-1</sup>) antes (1997) e após as intervenções (2004 e 2008), em cada tratamento.

TABLE 4 Mean values for the number of individuals - N (individual.ha<sup>-1</sup>), basal area - G (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>), quadratic mean diameter - Dg (cm), height - H (m), volume - V (m<sup>3</sup>.ha<sup>-1</sup>), dry weight - PS (t.ha<sup>-1</sup>), carbon - C (t.ha<sup>-1</sup>) and CO<sub>2</sub> (t.ha<sup>-1</sup>) before (1997) and after intervention (2004 and 2008), in each treatment.

Trat.	1997								2004								2008							
	N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>	N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>	N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
50N	928	8,3	10,7	4,1	42,6	25,7	12,4	45,3	769	6,7	10,5	4,2	35,9	21,7	10,4	38,3	1070	8,7	10,2	4,3	45,9	27,7	13,3	48,9
60N	804	8,2	11,4	4,5	44,6	27,0	13,0	47,7	637	6,5	11,4	4,3	36,6	22,3	10,8	39,5	909	8,3	10,8	4,4	45,8	27,8	13,4	49,0
70N	980	10,1	11,5	4,5	56,7	34,4	16,5	60,6	648	6,7	11,5	4,5	38,5	23,4	11,3	41,3	911	8,6	11,0	4,6	48,8	29,6	14,2	52,2
80N	1046	10,4	11,2	4,4	59,8	36,4	17,5	64,0	733	7,7	11,6	4,7	44,1	26,8	12,8	47,1	944	9,2	11,2	4,8	52,3	31,6	15,2	55,7
50Q	841	9,7	12,1	4,7	57,6	35,0	16,8	61,7	817	8,8	11,7	4,7	53,2	32,4	15,5	57,0	948	10,4	11,8	5,0	64,3	39,2	18,7	68,7
60Q	946	8,3	10,5	4,2	42,5	25,6	12,3	45,2	707	6,1	10,5	4,2	32,6	19,8	9,5	34,8	969	7,9	10,2	4,2	40,4	24,4	11,8	43,1
70Q	880	9,4	11,7	4,5	55,4	33,7	16,2	59,4	730	6,8	10,9	4,1	37,6	22,9	11,0	40,3	950	8,4	10,6	4,4	46,8	28,4	13,6	50,0
80Q	869	8,5	11,1	4,3	47,2	28,6	13,8	50,5	648	6,0	10,9	4,3	35,1	21,4	10,2	37,5	869	7,7	10,6	4,3	43,2	26,3	12,6	46,2
CR	850	9,0	11,6	4,4	51,5	31,3	15,0	55,1	639	4,7	9,7	4,1	29,3	18,0	8,6	31,5	1020	7,2	9,5	4,6	40,7	24,8	11,9	43,6
T	850	7,8	10,8	4,2	41,3	25,0	12,0	44,1	896	8,1	10,7	4,4	43,3	26,2	12,6	46,1	1085	9,8	10,7	4,4	52,3	31,6	15,2	55,7
<b>Total</b>	899	9,0	11,3	4,4	49,9	30,3	14,6	53,4	722	6,8	10,9	4,3	38,6	23,5	11,3	41,3	967	8,6	10,7	4,5	48,1	29,1	14,0	51,3

Verificou-se, pelo teste de normalidade de Shapiro-Wilk, que as diferenças obtidas para cada parâmetro entre as medições de 1997 e 2004, assim como, 1997 e 2008, apresentaram distribuição aproximadamente normal, evidenciado pela não significância do teste (Tabela 5).

TABELA 5 Resultados do teste Shapiro-Wilk para o número de indivíduos, área basal, volume, peso seco e carbono, considerando os dados das subparcelas antes (1997) e após (2004 e 2008) a realização do manejo, em que (\*) indica significativo e (ns) corresponde a não significativo, num nível de significância igual a 0,05.

TABLE 5 Results for the Shapiro-Wilk's test for the number of individuals, basal area, volume, dry weight and carbon considering the data of the subplots before (1997) and after (2004 and 2008) the implementation of the management. Where (\*) indicates significance and (ns) not significant at a significance level of 0,05.

Levantamento	Parâmetros	Teste Shapiro-Wilk	
		Valor W	p-value
1997 - 2004	Número de indivíduos	0,9656	0,4266 (ns)
	Área basal	0,968	0,4862 (ns)
	Volume	0,9674	0,471 (ns)
	Peso seco	0,9667	0,4526 (ns)
	Carbono	0,9655	0,4247 (ns)
1997 - 2008	Número de indivíduos	0,9626	0,3613 (ns)
	Área basal	0,9474	0,1437 (ns)
	Volume	0,9557	0,2395 (ns)
	Peso seco	0,9588	0,2879 (ns)
	Carbono	0,9562	0,2468 (ns)

Assim, foi possível comparar o número de indivíduos, área basal, volume, peso seco e carbono antes e após a remoção da vegetação por meio do teste de T-pareado (Tabela 6). Observou-se que, para a avaliação sete anos após a execução dos diferentes tratamentos, todos os parâmetros sofreram alterações (teste T-pareado significativo para o ano de 2004). Já em 2008, onze anos após



as intervenções, tal diferença não foi significativa estatisticamente do primeiro levantamento. Dessa forma, pode-se dizer que houve uma recuperação em número de indivíduos, área basal, volume, peso seco e carbono, em 2008, sendo possível executar uma nova intervenção na área analisada. Considerando, portanto, que esta recuperação ocorreu independentemente do nível de intervenção, pode-se adotar a prática de manejo que utiliza o corte raso para as áreas deste experimento. No entanto, para que a realização desta prática não comprometa a fauna existente, pode-se utilizá-la empregando o sistema de manejo de talhadia simples em faixas alternadas.

Scolforo et al. (2000) analisaram a estrutura de uma área de cerrado *sensu stricto* localizado no norte do estado de Minas Gerais, que foi submetida a cinco tratamentos silviculturais, que consistiam na retirada de 50%, 70%, 80%, 90% e 100% da área basal, além da testemunha. Após 12 anos, verificou-se que todos os níveis de intervenção aplicados na vegetação proporcionaram valores para área basal e densidade, superiores aos obtidos por ocasião da instalação do experimento.

Rezende et al. (2005), ao avaliarem o efeito de diferentes tipos de corte raso no estabelecimento de uma vegetação de cerrado *sensu stricto*, localizado em Brasília, constataram que em um período de onze anos e quatro meses, o cerrado estabelecido nas áreas submetidas aos tratamentos que envolveram cortes com motosserra foram aqueles que mais se aproximaram da densidade apresentada pelo cerrado original, porém, quanto à área basal, este período não foi suficiente para o cerrado conseguir se recuperar.

TABELA 6 Resultados do teste T-pareado para o número de indivíduos, área basal, volume, peso seco e carbono considerando os dados das subparcelas antes (1997) e após (2004 e 2008) a realização do manejo, em que (\*) indica significativo e (ns) corresponde a não significativo, num nível de significância igual a 0,05.

TABLE 6 Results of paired T-test for the number of individuals, basal area, volume, dry weight and carbon considering the data of the subplots before (1997) and after (2004 and 2008) the implementation of the management. Where (\*) indicates significance and (ns) not significant at a significance level of 0,05.

Levantamento	Parâmetros	Teste T-pareado		
		Média das diferenças	Valor t	p-value
1997 - 2004	Número de indivíduos	176,85	6,4298	2,40.10 <sup>-7</sup> (*)
	Área basal	2,1566	8,1707	2,60.10 <sup>-9</sup> (*)
	Volume	11,3	7,0188	5,09.10 <sup>-8</sup> (*)
	Peso seco	6,78	6,8863	7,23.10 <sup>-8</sup> (*)
	Carbono	3,28	6,9735	5,74.10 <sup>-8</sup> (*)
1997 - 2008	Número de indivíduos	-68,32	-2,1778	0,9811 (ns)
	Área basal	0,3533	1,4478	0,0792 (ns)
	Volume	1,86	0,9909	0,1650 (ns)
	Peso seco	1,14	0,9763	0,1685 (ns)
	Carbono	0,56	1,012	0,1600 (ns)

A partir dessas informações quantitativas também é possível identificar a qual estágio sucessional estas áreas se encontram, conforme proposto por Scolforo et al. (2008a). O resultados para o número de indivíduos, área basal, diâmetro médio quadrático, média aritmética das alturas e porcentagem de indivíduos na primeira classe de diâmetro (5 a 10 cm), em relação ao número total de plantas da área analisada, se enquadram dentro do intervalo estabelecido por estes mesmos autores para áreas de cerrado *sensu stricto* estabelecido, porém, moderadamente ou não antropizado.

## 6 CONCLUSÕES

Constatou-se que as áreas de cerrado *sensu stricto*, nas condições experimentais do presente estudo, foram capazes de manter um conjunto de espécies representativas semelhantes à população anterior aos cortes, manter o padrão exponencial negativo para a distribuição diamétrica e recuperar o número de indivíduos, área basal, volume, peso seco e carbono onze anos após as intervenções.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. G.; PEREIRA, F. F. O.; MUNHOZ, C. B. R. Fitossociologia de uma área de cerrado rupestre na fazenda Sucupira, Brasília-DF. **Cerne**, Lavras, v. 12, n. 4, p. 350-359, out./dez. 2006.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the angiosperm phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, London, v. 141, n. 4, p. 399-436, Apr. 2003.
- ASSUNÇÃO, S. L.; FELFILI, J. M. Fitossociologia de um fragmento de cerrado *sensu stricto* na APA do Paranoá, DF, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 903-909, out./dez. 2004.
- CARVALHO, L. M. T. de; SCOLFORO, J. R. S. **Inventário florestal de Minas Gerais**: monitoramento da flora nativa 2005-2007. Lavras: UFLA, 2008. 357 p.
- EITEN, G. The cerrado vegetation of Brazil. **Botanical Review**, New York, v. 38, n. 2, p. 201-304, Apr./June 1972.
- FELFILI, J. M.; REZENDE, A. V.; SILVA JUNIOR, M. C.; SILVA, M. A. Changes in the floristic composition of cerrado *sensu stricto* in Brazil over a nine-year period. **Journal of Tropical Ecology**, Cambridge, v. 16, p. 579-590, Feb. 2000.

FERREIRA, D. F. **Estatística básica**. Lavras: UFLA, 2005. 664 p.

FIEDLER, N. C.; AZEVEDO, I. N. C.; REZENDE A. V.; MEDEIROS M. B.; VENTUROILI F. Efeito de Incêndios Florestais na Estrutura e Composição Florística de uma Área de Cerrado *Sensu Stricto* na Fazenda Água Limpa-DF. **Revista Árvore**, Viçosa, MG, v. 28, n. 1, p. 129-138, jan./fev. 2004.

FINOL, H. Estudio silvicultural de algunas espécies comerciales en el Bosque Universitario “El Caimital”, estado Barinas. **Revista Forestal Venezolana**, Merida, v. 12, n. 10/11, p. 17-63, jun. 1964.

GOMES, B. Z.; MARTINS, F. R.; TAMASHIRO, J. Y. Estrutura do cerradão e da transição entre cerradão e floresta paludícola num fragmento da International Paper do Brasil Ltda., em Brotas, SP. **Revista Brasileira de Botânica**. São Paulo, v. 27, n. 2, p. 249- 262, abr./jun. 2004.

HARIDASAN, M.; ARAÚJO, G. M. Aluminium-accumulating species in two forest communities in the cerrado region of central Brazil. **Forest Ecology and Management**, Amsterdam, v. 24, n. 1, p. 15-26, Apr. 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. 92 p.

KAGEYAMA, P. Y.; GANDARA, F. B. Dinâmica de populações de espécies arbóreas: implicações para o manejo e a conservação. In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS DA COSTA BRASILEIRA, 3., 1993, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Academia de Ciências do Estado de São Paulo, 1993. p. 1-9.

LINDOSO, G. S. **Cerrado *sensu stricto* sobre neossolo quartzarênico: fitogeografia e conservação**. 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

MELLO, A. A. **Estudo silvicultural e da viabilidade econômica do manejo da vegetação do cerrado**. 1999. 192 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.

MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York: J. Wiley, 1974. 574 p.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. 434 p.

OLIVEIRA, M. C. **Avaliação dos impactos de sistemas de manejo sustentável na diversidade e estrutura da flora de um cerrado *sensu stricto***. 2006. 119 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.

OLIVEIRA, M. C. de; SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de.; OLIVEIRA, A. D. de; ACERBI JÚNIOR, F. W. Avaliação de diferentes níveis de intervenção na florística, diversidade e similaridade de uma área de cerrado *stricto sensu*. **Cerne**, Lavras, v. 12, n. 4, p. 342-349, out./dez. 2006.

PINARD, M. A.; PUTZ, F. E.; RUMÍZ, D.; JARDIM, A. Ecological characterization of tree species for guiding forest management decisions in seasonally dry Forest in Molerio, Bolivia. **Forest Ecology and Management**, Amsterdam, v. 113, n. 2/3, p. 201-213, Jan. 1999.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. **R**: a language and environment for statistical computing. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2009.

RATTER, J. A.; RIBEIRO, J. F.; BRIDGWATER, S. Woody flora distribution of the cerrado biome: phytogeography and conservation priorities. In: CAVALCANTI, T. B.; WALTER, B. M. T. **Tópicos atuais em botânica**. Brasília: Embrapa/SBB, 2000. p. 340-342.

REZENDE, A. V.; SANQUETTA, C. R.; FIGUEIREDO FILHO, A. Efeito do desmatamento no estabelecimento de espécies lenhosas em um cerrado *sensu stricto*. **Revista Floresta**, Curitiba, v. 35, n. 1, p. 69-88, jan./abr. 2005.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. (Ed.). **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: EMBRAPA/CPAC, 1998. p. 89-166.

SANO, E. E.; ROSA, R.; BRITO, J. L. S.; FERREIRA, L. G. Mapeamento semidetalhado do uso da terra do bioma cerrado. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 153-156, jan. 2008.

SCOLFORO, J. R. S. **Biometria florestal: modelos de crescimento e produção florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2006. 393 p.

SCOLFORO, J. R. S. **Manejo florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998. 438 p.

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de.; OLIVEIRA, A. D. de; MELLO, A. A. de; FERREIRA, D. F. Avaliação de diferentes níveis de intervenção no desenvolvimento da área basal e número de árvores de uma área de cerrado *stricto sensu*. **Cerne**, Lavras, v. 6, n. 2, p. 25-34, jul./dez. 2000.

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de; PEREIRA, R. M.; SOUZA, F. N. de; GUEDES, I. C. de L. Volumetria, peso de matéria seca e carbono. In: SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A.D de. **Inventário florestal de Minas Gerais - cerrado**: florística, estrutura, diversidade, similaridade, distribuição diamétrica e de altura, volumetria, tendências de crescimento e áreas aptas para manejo florestal. Lavras: UFLA, 2008a. cap. 8, p. 361-439.

SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de; RESCK, D. V. S.; BORGES, L. F. R.; SILVA, C. P. C; OLIVEIRA, M. C. de; LONGUINHO, S.; MENDONÇA, A.V. R.; FERRAZ FILHO, A. C. Manejo do cerrado, uma abordagem científica. In: SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D de. **Inventário florestal de Minas Gerais - cerrado**: florística, estrutura, diversidade, similaridade, distribuição diamétrica e de altura, volumetria, tendências de crescimento e áreas aptas para manejo florestal. Lavras: UFLA, 2008b. cap. 10, p. 461-569.

SCOLFORO, J. R. S.; OLIVEIRA, A. D. de; FERRAZ FILHO, A. C.; SOUZA, F. N. de. Estrutura diamétrica e de altura no cerrado. In: SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D de. **Inventário florestal de Minas Gerais - cerrado**: florística, estrutura, diversidade, similaridade, distribuição diamétrica e de altura, volumetria, tendências de crescimento e áreas aptas para manejo florestal. Lavras: UFLA, 2008c. cap. 7, p. 267-358.

SCOLFORO, J. R. S.; RUFINI, A. L.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de; SILVA, C. P. C. Equações para estimar o volume de madeira das fisionomias, em Minas Gerais. In: SCOLFORO, J. R. S.; OLIVEIRA, A. D. de; ACERBI JÚNIOR, F. W. **Inventário florestal de Minas Gerais**: equações de volume, peso de matéria seca e carbono para diferentes fitofisionomias da flora nativa. Lavras: UFLA, 2008d. cap. 2, p. 67-101.

SCOLFORO, J. R. S.; RUFINI, A. L.; MELLO, J. M. de; OLIVEIRA, A. D. de; SILVA, C. P. C. Equações para quantidade de carbono das fisionomias florestais, em Minas Gerais. In: SCOLFORO, J. R. S.; OLIVEIRA, A. D. de; ACERBI JÚNIOR, F. W. **Inventário florestal de Minas Gerais**: equações de volume, peso de matéria seca e carbono para diferentes fitofisionomias da flora nativa. Lavras: UFLA, 2008e. cap. 9, p. 197-215.

SCOLFORO, J. R. S.; RUFINI, A. L.; MELLO, J. M. de; TRUGILHO, P. F.; OLIVEIRA, A. D. de; SILVA, C. P. C. Equações para o peso de matéria seca das fisionomias, em Minas Gerais. In: SCOLFORO, J. R. S.; OLIVEIRA, A. D. de; ACERBI JÚNIOR, F. W. **Inventário florestal de Minas Gerais**: equações de volume, peso de matéria seca e carbono para diferentes fitofisionomias da flora nativa. Lavras: UFLA, 2008f. cap. 3, p. 103-114.

SCOLFORO, J. R. S.; THIERSCH, C. R.; KANEGAE JUNIOR, H.; OLIVEIRA, A. D. de; CARVALHO, F. H. Sistema de manejo para floresta nativa - SISNAT. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 8., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBS, 2003. p. 210-229.

SOKAL, R. R; ROHLF, F. J. **Biometry**: the principles and practice of statistics in biological research. New York: W. H. Freeman, 1995. 887 p.

WALTER, B. M. T. **Fitofisionomias do bioma Cerrado**: síntese terminológica e relações florísticas. 2006. 373 p. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

## ANEXOS

ANEXO A		Página
FIGURA 1A	Localização geográfica da área de estudo.....	64
TABELA 1A	Relação das espécies amostradas em 30 subparcelas (1.800m <sup>2</sup> ) no município de Brasilândia de Minas (MG), em ordem alfabética de família, e os respectivos tratamentos nos quais elas ocorreram nos anos de 1997 (antes da aplicação dos regimes de manejo), 2004 e 2008 (sete e onze anos após as intervenções, respectivamente).....	65
TABELA 2A	Valores obtidos para o índice de similaridade de Sorensen entre os diferentes tratamentos, antes (1997) e após (2004 e 2008) a remoção da vegetação.....	72
TABELA 3A	Valores obtidos para o índice de similaridade de Bray-Curtis entre os diferentes tratamentos, antes (1997) e após (2004 e 2008) a remoção da vegetação.....	73



ANEXO B

**Página**

TABELA 1B	Parâmetros estruturais das espécies avaliadas no levantamento de 1997, em ordem decrescente de IVI, por tratamento.....	74
TABELA 2B	Parâmetros estruturais das espécies avaliadas no levantamento de 2004, em ordem decrescente de IVI, por tratamento.....	93
TABELA 3B	Parâmetros estruturais das espécies avaliadas no levantamento de 2008, em ordem decrescente de IVI, por tratamento.....	114
TABELA 4B	Valores médios para o número de indivíduos, em que N: (indivíduos.ha <sup>-1</sup> ); área basal: G (m <sup>2</sup> .ha <sup>-1</sup> ); diâmetro médio quadrático: Dg (cm); altura: H (m); volume: V(m <sup>3</sup> .ha <sup>-1</sup> ); peso de matéria seca: PS (t.ha <sup>-1</sup> ); carbono: C (t.ha <sup>-1</sup> ) e CO <sub>2</sub> (t.ha <sup>-1</sup> ), em cada subparcela, no ano de 1997.....	137
TABELA 5B	Valores médios para o número de indivíduos: N (indivíduos.ha <sup>-1</sup> ); área basal: G (m <sup>2</sup> .ha <sup>-1</sup> ); diâmetro médio quadrático: Dg (cm); altura: H (m); volume: V(m <sup>3</sup> .ha <sup>-1</sup> ); peso de matéria seca: PS (t.ha <sup>-1</sup> ); carbono: C (t.ha <sup>-1</sup> ) e CO <sub>2</sub> (t.ha <sup>-1</sup> ), em cada subparcela, no ano de 2004.....	139
TABELA 6B	Valores médios para o número de indivíduos: N (indivíduos.ha <sup>-1</sup> ); área basal: G (m <sup>2</sup> .ha <sup>-1</sup> ); diâmetro médio quadrático: Dg (cm); altura: H (m); volume: V(m <sup>3</sup> .ha <sup>-1</sup> ); peso de matéria seca: PS (t.ha <sup>-1</sup> ); carbono: C (t.ha <sup>-1</sup> ) e CO <sub>2</sub> (t.ha <sup>-1</sup> ), em cada subparcela, no ano de 2008.....	141



FIGURA 1A Localização geográfica da área de estudo.

TABELA 1A Relação das espécies amostradas em 30 subparcelas (1.800m<sup>2</sup>) no município de Brasilândia de Minas (MG), em ordem alfabética de família, e os respectivos tratamentos nos quais elas ocorreram nos anos de 1997 (antes da aplicação dos regimes de manejo), 2004 e 2008 (sete e onze anos após as intervenções, respectivamente), em que o valor 1 indica presença da espécie e o valor 0 indica ausência da espécie.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>ANACARDIACEAE</b>										
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	0;0;1	1;1;1	1;1;1	0;0;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;0;1	0;0;1	1;0;0
<b>ANNONACEAE</b>										
<i>Annona coriacea</i> Mart.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	0;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Benth. & Hook.f.	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	0;0;0	0;1;1	0;0;1	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>APOCYNACEAE</b>										
<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	1;0;0	1;0;0	1;0;0	1;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	1;0;0
<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. ex A.DC.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	1;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;1	0;0;0
<b>ARALIACEAE</b>										
<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	0;0;1	0;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	1;1;1	1;1;1

Continua...

TABELA 1A Continuação.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>ARALIACEAE</b>										
<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.	1;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>ASTERACEAE</b>										
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	1;0;1	1;0;1	1;1;1	1;0;1	1;0;1	1;0;1	1;1;1	1;0;1	1;0;1	1;0;1
<b>BIGNONIACEAE</b>										
<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0
<b>BIGNONIACEAE</b>										
<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	0;0;0	1;1;1	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	0;1;1	0;0;1	1;0;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1;1;1	0;1;1	1;1;1	0;0;1	0;0;0	0;0;0	0;0;1	1;1;1	1;1;1	0;0;0
<b>CARYOCARACEAE</b>										
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	0;0;0	0;0;0	0;1;1	1;1;1	1;1;1	0;0;0	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>CELASTRACEAE</b>										
<i>Plenckia populnea</i> Reissek	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1
<b>CLUSIACEAE</b>										
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>COMBRETACEAE</b>										
<i>Terminalia argentea</i> (Cambess.) Mart.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0

Continua...

TABELA 1A Continuação.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>CONNARACEAE</b>										
<i>Connarus suberosus</i> Planch.	0;0;0	1;1;1	0;1;1	0;0;0	1;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>DILLENIACEAE</b>										
<i>Curatella americana</i> L.	0;1;1	1;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	1;1;1	0;0;0
<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>EBENACEAE</b>										
<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;0;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>ERYTHROXYLACEAE</b>										
<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1
<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1;0;0	1;0;0	1;1;1	1;0;0	0;0;0	1;0;0	1;0;0	1;0;0	1;0;0	1;1;1
<b>FABACEAE</b>										
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	0;0;0	1;0;0	1;1;1	1;0;0	0;1;1
<i>Andira vermifuga</i> (Mart.) Benth.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Bauhinia pulchella</i> Benth.	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	0;1;1	0;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	0;1;1	1;1;1	1;1;1	0;1;1	1;1;1
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1;1;1	1;1;1	1;0;0	1;0;1	1;1;1	0;1;0	0;0;0	1;1;1	1;1;1	1;1;0
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	0;0;0	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0

Continua...

TABELA 1A Continuação.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>FABACEAE</b>										
<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	0;0;1	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;0;0	1;1;1
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	0;1;1	0;1;1	0;1;1	1;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1
<i>Machaerium opacum</i> Vogel	0;0;0	0;0;1	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Machaerium villosum</i> Vogel	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Platycamus regnellii</i> Benth.	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;0;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;0;0
<i>Platymiscium pubescens</i> Micheli	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	0;0;0	1;1;1	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	0;0;1	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	1;1;1	0;0;1	0;0;0	1;1;0	1;0;0
<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;0;0	1;1;1
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	0;0;0	0;1;1	0;0;1	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;0;1	0;0;1	0;0;0
<b>LAMIACEAE</b>										
<i>Aegiphila lhotskiana</i> Cham.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1
<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;1	0;0;1

Continua...

TABELA 1A Continuação.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>LOGANIACEAE</b>										
<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	0;0;0	0;0;0	1;1;1	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0
<b>LYTHRACEAE</b>										
<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schldl.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>MALPIGHIACEAE</b>										
<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Byrsonima sericea</i> DC.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;1
<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1;1;1	1;1;1	1;0;0	0;0;0	1;1;1	0;0;0	1;1;1	1;1;1	0;1;1	1;0;0
<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	0;1;1	0;0;1	0;0;0	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;0;0
<b>MALVACEAE</b>										
<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;1;1
<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;1;1	0;0;0	1;1;1	1;0;0
<b>MALVACEAE</b>										
<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1;0;1	1;0;1	1;0;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>MELIACEAE</b>										
<i>Trichilia pallens</i> C.DC.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0
<b>MORACEAE</b>										
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0

Continua...

TABELA 1A Continuação.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>MYRTACEAE</b>										
<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>NYCTAGINACEAE</b>										
<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	0;1;1	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	0;1;1	0;0;0
<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Neea theifera</i> Oerst.	0;1;1	0;1;0	1;1;1	0;1;1	0;1;1	0;0;0	0;1;1	1;1;1	0;1;1	0;0;1
<b>OCHNACEAE</b>										
<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>OPILIACEAE</b>										
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	1;1;1	0;0;0	1;1;1
<b>RUBIACEAE</b>										
<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1;1;1	1;1;1	0;0;1	1;1;1	1;1;1	0;0;0	0;0;0	1;1;1	0;1;1	0;0;0
<i>Palicourea rigida</i> Kunth	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	1;0;0	1;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>RUTACEAE</b>										
<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0

Continua...



TABELA 1A Continuação.

Família/Espécies	Tratamentos/Ocorrência (1997; 2004; 2008)									
	50N	60N	70N	80N	50Q	60Q	70Q	80Q	CR	T
<b>SALICACEAE</b>										
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1;1;1	1;0;0	1;0;0	1;1;1	1;0;0	1;0;0	1;0;0	1;1;1	1;0;0	1;1;1
<b>SAPINDACEAE</b>										
<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<b>SAPOTACEAE</b>										
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	1;1;1	0;1;1	0;1;1	1;1;1	1;1;1	0;1;1	0;1;1	1;1;1	1;0;0	1;1;1
<b>SIMAROUBACEAE</b>										
<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	0;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	1;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>SOLANACEAE</b>										
<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0	1;0;0	0;0;0	0;1;1	0;0;0	0;0;0	0;0;0
<b>VOCHYSIACEAE</b>										
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Qualea multiflora</i> Mart.	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;0	0;0;1	0;0;0
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1
<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	0;1;1
<i>Vochysia rufa</i> Mart.	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1	1;1;1

TABELA 2A Valores obtidos para o índice de similaridade de Sorensen entre os diferentes tratamentos, antes (1997) e após (2004 e 2008) a remoção da vegetação.

50N (1997)																														
50Q (1997)	0,806																													
60N (1997)	0,866	0,800																												
60Q (1997)	0,754	0,719	0,750																											
70N (1997)	0,857	0,795	0,795	0,746																										
70Q (1997)	0,794	0,848	0,788	0,800	0,783																									
80N (1997)	0,875	0,896	0,806	0,754	0,800	0,825																								
80Q (1997)	0,882	0,845	0,817	0,738	0,838	0,836	0,882																							
CR (1997)	0,831	0,824	0,765	0,742	0,761	0,813	0,862	0,812																						
T (1997)	0,788	0,841	0,754	0,762	0,778	0,831	0,848	0,857	0,836																					
50N (2004)	0,722	0,693	0,667	0,580	0,692	0,648	0,722	0,737	0,685	0,622																				
50Q (2004)	0,649	0,753	0,675	0,592	0,650	0,685	0,730	0,718	0,693	0,684	0,805																			
60N (2004)	0,658	0,709	0,709	0,548	0,659	0,613	0,684	0,700	0,675	0,667	0,810	0,884																		
60Q (2004)	0,597	0,657	0,600	0,625	0,603	0,606	0,687	0,620	0,676	0,696	0,747	0,779	0,785																	
70N (2004)	0,623	0,675	0,675	0,622	0,675	0,658	0,701	0,691	0,718	0,658	0,753	0,782	0,854	0,750																
70Q (2004)	0,620	0,730	0,622	0,647	0,649	0,743	0,704	0,693	0,667	0,712	0,734	0,790	0,747	0,730	0,762															
80N (2004)	0,687	0,743	0,629	0,594	0,685	0,697	0,806	0,732	0,706	0,667	0,827	0,805	0,759	0,743	0,775	0,784														
80Q (2004)	0,732	0,757	0,676	0,559	0,701	0,686	0,789	0,800	0,750	0,740	0,861	0,815	0,843	0,784	0,762	0,744	0,838													
CR (2004)	0,667	0,694	0,639	0,576	0,667	0,676	0,725	0,712	0,743	0,704	0,805	0,835	0,790	0,778	0,732	0,763	0,806	0,842												
T (2004)	0,727	0,754	0,667	0,635	0,694	0,738	0,848	0,771	0,776	0,794	0,730	0,737	0,718	0,783	0,709	0,712	0,841	0,849	0,732											
50N (2008)	0,718	0,716	0,691	0,613	0,738	0,649	0,718	0,732	0,709	0,700	0,930	0,818	0,844	0,790	0,791	0,753	0,790	0,847	0,795	0,725										
50Q (2008)	0,641	0,741	0,667	0,587	0,643	0,675	0,718	0,707	0,684	0,700	0,791	0,955	0,889	0,790	0,791	0,800	0,790	0,824	0,819	0,725	0,848									
60N (2008)	0,667	0,690	0,714	0,538	0,667	0,600	0,667	0,659	0,659	0,651	0,787	0,835	0,925	0,762	0,830	0,750	0,714	0,773	0,744	0,675	0,863	0,863								
60Q (2008)	0,618	0,676	0,620	0,677	0,622	0,657	0,706	0,639	0,696	0,714	0,737	0,769	0,775	0,958	0,790	0,773	0,761	0,773	0,767	0,771	0,805	0,805	0,776							
70N (2008)	0,619	0,667	0,667	0,568	0,667	0,602	0,667	0,659	0,659	0,605	0,739	0,787	0,854	0,690	0,928	0,747	0,736	0,725	0,697	0,651	0,796	0,796	0,871	0,727						
70Q (2008)	0,613	0,692	0,590	0,639	0,642	0,703	0,667	0,684	0,684	0,701	0,771	0,800	0,782	0,718	0,795	0,951	0,769	0,732	0,775	0,675	0,809	0,809	0,783	0,759	0,779					
80N (2008)	0,722	0,773	0,667	0,638	0,744	0,704	0,806	0,789	0,740	0,703	0,850	0,805	0,786	0,747	0,800	0,810	0,933	0,835	0,805	0,811	0,860	0,814	0,764	0,763	0,761	0,819				
80Q (2008)	0,692	0,741	0,667	0,560	0,714	0,675	0,744	0,780	0,709	0,725	0,814	0,795	0,822	0,741	0,791	0,753	0,790	0,918	0,771	0,775	0,848	0,826	0,779	0,756	0,796	0,742	0,837			
CR (2008)	0,640	0,692	0,641	0,556	0,667	0,676	0,693	0,709	0,684	0,675	0,795	0,824	0,782	0,718	0,727	0,780	0,769	0,780	0,900	0,675	0,809	0,831	0,761	0,734	0,716	0,814	0,819	0,787		
T (2008)	0,686	0,740	0,630	0,627	0,684	0,725	0,800	0,784	0,732	0,750	0,718	0,700	0,683	0,712	0,723	0,727	0,822	0,805	0,693	0,917	0,738	0,714	0,644	0,757	0,667	0,716	0,795	0,762	0,691	
	50N	50Q	60N	60Q	70N	70Q	80N	80Q	CR	T	50N	50Q	60N	60Q	70N	70Q	80N	80Q	CR	T	50N	50Q	60N	60Q	70N	70Q	80N	80Q	CR	T
	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)

TABELA 3A Valores obtidos para o índice de similaridade de Bray-Curtis entre os diferentes tratamentos, antes (1997) e após (2004 e 2008) a remoção da vegetação.

50N (1997)																														
50Q (1997)	0,774																													
60N (1997)	0,796	0,808																												
60Q (1997)	0,846	0,742	0,786																											
70N (1997)	0,833	0,778	0,797	0,834																										
70Q (1997)	0,822	0,784	0,805	0,834	0,873																									
80N (1997)	0,798	0,775	0,774	0,771	0,820	0,840																								
80Q (1997)	0,836	0,819	0,835	0,810	0,787	0,838	0,804																							
CR (1997)	0,806	0,774	0,801	0,796	0,775	0,815	0,749	0,797																						
T (1997)	0,839	0,802	0,809	0,845	0,833	0,847	0,805	0,875	0,817																					
50N (2004)	0,745	0,726	0,678	0,696	0,660	0,676	0,685	0,666	0,694	0,648																				
50Q (2004)	0,705	0,819	0,726	0,706	0,667	0,683	0,685	0,705	0,671	0,679	0,739																			
60N (2004)	0,687	0,770	0,704	0,661	0,647	0,648	0,606	0,688	0,672	0,648	0,712	0,803																		
60Q (2004)	0,817	0,813	0,756	0,793	0,739	0,777	0,713	0,775	0,778	0,774	0,763	0,756	0,766																	
70N (2004)	0,729	0,808	0,719	0,705	0,700	0,705	0,673	0,714	0,691	0,710	0,739	0,815	0,826	0,813																
70Q (2004)	0,798	0,783	0,801	0,752	0,749	0,790	0,741	0,737	0,745	0,768	0,767	0,760	0,732	0,796	0,765															
80N (2004)	0,698	0,749	0,672	0,657	0,643	0,644	0,710	0,643	0,649	0,646	0,781	0,793	0,739	0,725	0,769	0,760														
80Q (2004)	0,735	0,807	0,736	0,701	0,669	0,672	0,650	0,735	0,701	0,697	0,718	0,802	0,841	0,747	0,778	0,743	0,791													
CR (2004)	0,614	0,577	0,557	0,572	0,517	0,549	0,544	0,544	0,641	0,545	0,675	0,649	0,630	0,635	0,626	0,644	0,640	0,649												
T (2004)	0,776	0,765	0,787	0,783	0,768	0,806	0,791	0,780	0,728	0,827	0,687	0,746	0,681	0,756	0,720	0,811	0,718	0,698	0,568											
50N (2008)	0,772	0,697	0,709	0,714	0,700	0,703	0,746	0,673	0,706	0,672	0,827	0,707	0,651	0,720	0,671	0,768	0,721	0,664	0,611	0,727										
50Q (2008)	0,706	0,800	0,757	0,725	0,679	0,685	0,702	0,712	0,701	0,698	0,743	0,907	0,752	0,732	0,756	0,767	0,775	0,766	0,643	0,761	0,755									
60N (2008)	0,729	0,779	0,772	0,734	0,706	0,704	0,676	0,729	0,744	0,700	0,737	0,803	0,811	0,789	0,769	0,747	0,710	0,738	0,641	0,752	0,746	0,830								
60Q (2008)	0,815	0,766	0,777	0,831	0,757	0,801	0,787	0,766	0,768	0,780	0,769	0,741	0,685	0,833	0,714	0,788	0,721	0,667	0,620	0,816	0,813	0,774	0,789							
70N (2008)	0,755	0,793	0,787	0,778	0,753	0,734	0,753	0,732	0,730	0,746	0,758	0,819	0,746	0,758	0,811	0,796	0,770	0,736	0,622	0,788	0,786	0,855	0,827	0,804						
70Q (2008)	0,761	0,749	0,766	0,760	0,779	0,795	0,774	0,716	0,756	0,751	0,721	0,727	0,671	0,740	0,704	0,864	0,699	0,674	0,609	0,815	0,780	0,757	0,760	0,797	0,790					
80N (2008)	0,731	0,747	0,710	0,715	0,676	0,697	0,761	0,703	0,711	0,704	0,763	0,761	0,678	0,709	0,709	0,753	0,868	0,718	0,619	0,767	0,779	0,810	0,762	0,781	0,778	0,776				
80Q (2008)	0,775	0,835	0,786	0,765	0,718	0,736	0,723	0,769	0,742	0,752	0,724	0,829	0,763	0,760	0,763	0,762	0,770	0,847	0,639	0,769	0,749	0,840	0,822	0,770	0,813	0,760	0,797			
CR (2008)	0,635	0,615	0,597	0,616	0,573	0,585	0,609	0,573	0,663	0,578	0,717	0,692	0,628	0,641	0,627	0,660	0,706	0,647	0,752	0,616	0,708	0,714	0,691	0,697	0,686	0,687	0,733	0,706		
T (2008)	0,732	0,714	0,734	0,750	0,743	0,765	0,794	0,729	0,680	0,764	0,680	0,710	0,611	0,697	0,659	0,748	0,696	0,644	0,545	0,897	0,749	0,761	0,728	0,793	0,763	0,824	0,774	0,738	0,636	
	50N	50Q	60N	60Q	70N	70Q	80N	80Q	CR	T	50N	50Q	60N	60Q	70N	70Q	80N	80Q	CR	T	50N	50Q	60N	60Q	70N	70Q	80N	80Q	CR	T
	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(1997)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2004)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)	(2008)

TABELA 1B Parâmetros estruturais das espécies avaliadas no levantamento de 1997, em ordem decrescente de IVI, por tratamento. Em que, DA: densidade absoluta (indivíduos.ha<sup>-1</sup>); DR: densidade relativa (%); DoA: dominância absoluta (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>); DoR: dominância relativa (%); FA: frequência absoluta; FR: frequência relativa (%); IVC: índice de valor de cobertura (%); IVI: índice de valor de importância (%).

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	181,48	19,56	1,84	22,02	100,00	4,00	20,79	15,19
50N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	90,74	9,78	0,85	10,23	100,00	4,00	10,01	8,00
50N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	92,59	9,98	0,79	9,44	100,00	4,00	9,71	7,81
50N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	59,26	6,39	0,80	9,56	100,00	4,00	7,97	6,65
50N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	81,48	8,78	0,36	4,34	100,00	4,00	6,56	5,71
50N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	57,41	6,19	0,56	6,75	100,00	4,00	6,47	5,65
50N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	44,44	4,79	0,39	4,65	100,00	4,00	4,72	4,48
50N	Morta	31,48	3,39	0,49	5,82	100,00	4,00	4,61	4,41
50N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	48,15	5,19	0,22	2,65	100,00	4,00	3,92	3,95
50N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	46,30	4,99	0,21	2,50	100,00	4,00	3,74	3,83
50N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	37,04	3,99	0,25	3,01	100,00	4,00	3,50	3,67
50N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	18,52	2,00	0,31	3,66	100,00	4,00	2,83	3,22
50N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	16,67	1,80	0,20	2,45	100,00	4,00	2,12	2,75
50N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	16,67	1,80	0,12	1,39	100,00	4,00	1,59	2,39
50N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	11,11	1,20	0,08	1,02	100,00	4,00	1,11	2,07
50N	Morfo-espécie 1	12,96	1,40	0,03	0,37	100,00	4,00	0,88	1,92
50N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	5,56	0,60	0,16	1,87	66,67	2,67	1,24	1,71

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	9,26	1,00	0,09	1,11	66,67	2,67	1,05	1,59
50N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	7,41	0,80	0,06	0,74	66,67	2,67	0,77	1,40
50N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	5,56	0,60	0,15	1,76	33,33	1,33	1,18	1,23
50N	Morfoespécie 2	5,56	0,60	0,03	0,33	66,67	2,67	0,46	1,20
50N	Morfoespécie 3	5,56	0,60	0,02	0,24	66,67	2,67	0,42	1,17
50N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schldl.) K.Schum.	3,70	0,40	0,02	0,25	66,67	2,67	0,32	1,11
50N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,40	0,02	0,19	66,67	2,67	0,29	1,09
50N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,60	0,09	1,09	33,33	1,33	0,85	1,01
50N	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	3,70	0,40	0,05	0,59	33,33	1,33	0,50	0,77
50N	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1,85	0,20	0,05	0,56	33,33	1,33	0,38	0,70
50N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	3,70	0,40	0,03	0,32	33,33	1,33	0,36	0,69
50N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,40	0,02	0,21	33,33	1,33	0,31	0,65
50N	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	3,70	0,40	0,01	0,15	33,33	1,33	0,28	0,63
50N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,40	0,01	0,11	33,33	1,33	0,25	0,62
50N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	1,85	0,20	0,01	0,17	33,33	1,33	0,19	0,57
50N	<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.	1,85	0,20	0,01	0,15	33,33	1,33	0,17	0,56
50N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,20	0,01	0,15	33,33	1,33	0,17	0,56
50N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	1,85	0,20	0,01	0,11	33,33	1,33	0,16	0,55
50N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	1,33	0,13	0,53
50Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	144,44	17,18	2,04	20,94	100,00	3,33	19,06	13,82

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	90,74	10,79	1,35	13,87	100,00	3,33	12,33	9,33
50Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	66,67	7,93	0,58	5,97	100,00	3,33	6,95	5,75
50Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	53,70	6,39	0,47	4,83	100,00	3,33	5,61	4,85
50Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	61,11	7,27	0,31	3,15	100,00	3,33	5,21	4,58
50Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	55,56	6,61	0,25	2,59	100,00	3,33	4,60	4,18
50Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	29,63	3,52	0,51	5,26	100,00	3,33	4,39	4,04
50Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	29,63	3,52	0,31	3,23	100,00	3,33	3,38	3,36
50Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	20,37	2,42	0,39	4,02	100,00	3,33	3,22	3,26
50Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	11,11	1,32	0,45	4,66	100,00	3,33	2,99	3,11
50Q	Morta	22,22	2,64	0,31	3,23	100,00	3,33	2,93	3,07
50Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	27,78	3,30	0,19	1,92	100,00	3,33	2,62	2,85
50Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	18,52	2,20	0,27	2,78	100,00	3,33	2,49	2,77
50Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	7,41	0,88	0,42	4,36	66,67	2,22	2,62	2,49
50Q	Morfo-espécie 1	31,48	3,74	0,12	1,28	66,67	2,22	2,51	2,41
50Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	14,81	1,76	0,18	1,80	100,00	3,33	1,78	2,30
50Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	16,67	1,98	0,15	1,58	100,00	3,33	1,78	2,30
50Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	20,37	2,42	0,11	1,11	100,00	3,33	1,76	2,29
50Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	14,81	1,76	0,15	1,57	100,00	3,33	1,66	2,22
50Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	12,96	1,54	0,08	0,82	100,00	3,33	1,18	1,90
50Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	9,26	1,10	0,09	0,97	100,00	3,33	1,03	1,80

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	11,11	1,32	0,06	0,62	100,00	3,33	0,97	1,76
50Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	5,56	0,66	0,30	3,06	33,33	1,11	1,86	1,61
50Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	1,10	0,10	1,02	66,67	2,22	1,06	1,45
50Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,66	0,10	1,01	66,67	2,22	0,83	1,30
50Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	7,41	0,88	0,05	0,53	66,67	2,22	0,70	1,21
50Q	Morfoespécie 2	3,70	0,44	0,09	0,89	66,67	2,22	0,67	1,18
50Q	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	3,70	0,44	0,06	0,59	66,67	2,22	0,51	1,08
50Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	5,56	0,66	0,03	0,34	66,67	2,22	0,50	1,08
50Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	5,56	0,66	0,02	0,18	66,67	2,22	0,42	1,02
50Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	3,70	0,44	0,02	0,25	66,67	2,22	0,34	0,97
50Q	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	3,70	0,44	0,01	0,14	66,67	2,22	0,29	0,93
50Q	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,44	0,01	0,08	66,67	2,22	0,26	0,92
50Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	1,85	0,22	0,09	0,90	33,33	1,11	0,56	0,74
50Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	5,56	0,66	0,02	0,19	33,33	1,11	0,43	0,65
50Q	<i>Aegiphila lhotskiana</i> Cham.	1,85	0,22	0,02	0,17	33,33	1,11	0,19	0,50
50Q	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	1,85	0,22	0,01	0,05	33,33	1,11	0,14	0,46
50Q	<i>Andira vermifuga</i> (Mart.) Benth.	1,85	0,22	0,01	0,05	33,33	1,11	0,14	0,46
60N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	181,48	22,58	1,86	22,73	100,00	3,75	22,66	16,35
60N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	77,78	9,68	0,83	10,11	100,00	3,75	9,89	7,84
60N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	87,04	10,83	0,69	8,40	100,00	3,75	9,61	7,66

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	51,85	6,45	0,85	10,43	100,00	3,75	8,44	6,88
60N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	55,56	6,91	0,31	3,79	100,00	3,75	5,36	4,82
60N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	29,63	3,69	0,49	5,98	100,00	3,75	4,84	4,47
60N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	27,78	3,46	0,47	5,76	100,00	3,75	4,61	4,32
60N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltldl.	31,48	3,92	0,36	4,43	100,00	3,75	4,18	4,03
60N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	42,59	5,30	0,18	2,14	100,00	3,75	3,72	3,73
60N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	31,48	3,92	0,19	2,29	100,00	3,75	3,11	3,32
60N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	33,33	4,15	0,16	1,95	100,00	3,75	3,05	3,28
60N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	14,81	1,84	0,32	3,93	100,00	3,75	2,88	3,17
60N	Morta	14,81	1,84	0,14	1,68	100,00	3,75	1,76	2,42
60N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	11,11	1,38	0,19	2,35	66,67	2,50	1,87	2,08
60N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	12,96	1,61	0,07	0,84	100,00	3,75	1,23	2,07
60N	Morfo-espécie 1	12,96	1,61	0,05	0,56	100,00	3,75	1,09	1,98
60N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	11,11	1,38	0,06	0,69	100,00	3,75	1,03	1,94
60N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	5,56	0,69	0,01	0,15	100,00	3,75	0,42	1,53
60N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	3,70	0,46	0,12	1,48	66,67	2,50	0,97	1,48
60N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	5,56	0,69	0,04	0,52	66,67	2,50	0,61	1,24
60N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	5,56	0,69	0,03	0,36	66,67	2,50	0,52	1,18
60N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	3,70	0,46	0,05	0,59	66,67	2,50	0,52	1,18
60N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	3,70	0,46	0,05	0,55	66,67	2,50	0,50	1,17

Continua...



TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	Morfoespécie 2	5,56	0,69	0,12	1,43	33,33	1,25	1,06	1,12
60N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	5,56	0,69	0,11	1,39	33,33	1,25	1,04	1,11
60N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,46	0,02	0,25	66,67	2,50	0,35	1,07
60N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,46	0,02	0,22	66,67	2,50	0,34	1,06
60N	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	1,85	0,23	0,13	1,63	33,33	1,25	0,93	1,04
60N	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1,85	0,23	0,11	1,30	33,33	1,25	0,76	0,93
60N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	7,41	0,92	0,04	0,44	33,33	1,25	0,68	0,87
60N	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	3,70	0,46	0,07	0,80	33,33	1,25	0,63	0,84
60N	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	3,70	0,46	0,01	0,15	33,33	1,25	0,31	0,62
60N	<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell	1,85	0,23	0,03	0,32	33,33	1,25	0,28	0,60
60N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,23	0,01	0,09	33,33	1,25	0,16	0,52
60N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,23	0,01	0,08	33,33	1,25	0,16	0,52
60N	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	1,85	0,23	0,01	0,07	33,33	1,25	0,15	0,52
60N	<i>Curatella americana</i> L.	1,85	0,23	0,00	0,06	33,33	1,25	0,14	0,51
60N	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	1,85	0,23	0,00	0,05	33,33	1,25	0,14	0,51
60Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	174,07	18,36	1,79	21,68	100,00	4,23	20,02	14,75
60Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	81,48	8,59	0,97	11,73	100,00	4,23	10,16	8,18
60Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	75,93	8,01	0,60	7,25	100,00	4,23	7,63	6,49
60Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	75,93	8,01	0,41	4,98	100,00	4,23	6,49	5,74
60Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	77,78	8,20	0,37	4,44	100,00	4,23	6,32	5,62

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	48,15	5,08	0,56	6,78	100,00	4,23	5,93	5,36
60Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	61,11	6,45	0,44	5,31	100,00	4,23	5,88	5,33
60Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	55,56	5,86	0,45	5,50	100,00	4,23	5,68	5,19
60Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	27,78	2,93	0,58	7,05	100,00	4,23	4,99	4,74
60Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	50,00	5,27	0,29	3,54	100,00	4,23	4,41	4,35
60Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	40,74	4,30	0,16	1,97	100,00	4,23	3,13	3,50
60Q	Morta	22,22	2,34	0,31	3,71	100,00	4,23	3,03	3,43
60Q	Morfoespécie 1	33,33	3,52	0,09	1,15	100,00	4,23	2,33	2,96
60Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	16,67	1,76	0,19	2,31	100,00	4,23	2,03	2,76
60Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	18,52	1,95	0,26	3,16	66,67	2,82	2,56	2,64
60Q	Morfo-espécie 2	7,41	0,78	0,11	1,36	100,00	4,23	1,07	2,12
60Q	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	7,41	0,78	0,07	0,89	100,00	4,23	0,83	1,97
60Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	11,11	1,17	0,14	1,71	66,67	2,82	1,44	1,90
60Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	9,26	0,98	0,12	1,46	66,67	2,82	1,22	1,75
60Q	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	16,67	1,76	0,04	0,53	66,67	2,82	1,14	1,70
60Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	7,41	0,78	0,09	1,13	66,67	2,82	0,95	1,57
60Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,39	0,02	0,24	66,67	2,82	0,31	1,15
60Q	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	1,85	0,20	0,08	0,95	33,33	1,41	0,57	0,85
60Q	<i>Bauhinia pulchella</i> Benth.	3,70	0,39	0,01	0,10	33,33	1,41	0,25	0,63
60Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	3,70	0,39	0,01	0,10	33,33	1,41	0,25	0,63

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60Q	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,39	0,01	0,10	33,33	1,41	0,25	0,63
60Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,20	0,02	0,21	33,33	1,41	0,20	0,61
60Q	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	1,85	0,20	0,02	0,21	33,33	1,41	0,20	0,60
60Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	1,85	0,20	0,01	0,16	33,33	1,41	0,18	0,59
60Q	Morfoespécie 3	1,85	0,20	0,01	0,08	33,33	1,41	0,14	0,56
60Q	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,20	0,01	0,08	33,33	1,41	0,14	0,56
60Q	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	1,85	0,20	0,01	0,08	33,33	1,41	0,14	0,56
60Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	1,85	0,20	0,01	0,06	33,33	1,41	0,13	0,56
70N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	229,63	23,44	2,45	24,23	100,00	3,37	23,83	17,01
70N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	92,59	9,45	1,25	12,29	100,00	3,37	10,87	8,37
70N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	64,81	6,62	0,50	4,97	100,00	3,37	5,80	4,99
70N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	55,56	5,67	0,40	3,99	100,00	3,37	4,84	4,35
70N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	55,56	5,67	0,40	3,94	100,00	3,37	4,80	4,33
70N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	57,41	5,86	0,32	3,18	100,00	3,37	4,52	4,14
70N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	20,37	2,08	0,64	6,36	100,00	3,37	4,22	3,94
70N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	55,56	5,67	0,25	2,44	100,00	3,37	4,05	3,83
70N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	18,52	1,89	0,69	6,77	66,67	2,25	4,33	3,64
70N	Morta	27,78	2,84	0,45	4,49	100,00	3,37	3,66	3,57
70N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	37,04	3,78	0,25	2,50	100,00	3,37	3,14	3,22
70N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	42,59	4,35	0,17	1,63	100,00	3,37	2,99	3,12

Continua...

TABELA 1B Continuação.

<b>Tratamento</b>	<b>Espécie</b>	<b>DA</b>	<b>DR</b>	<b>DoA</b>	<b>DoR</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>	<b>IVC</b>	<b>IVI</b>
70N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	16,67	1,70	0,49	4,86	66,67	2,25	3,29	2,94
70N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	29,63	3,02	0,16	1,59	100,00	3,37	2,31	2,66
70N	Morfoespécie 1	20,37	2,08	0,09	0,89	100,00	3,37	1,49	2,11
70N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	14,81	1,51	0,14	1,39	100,00	3,37	1,45	2,09
70N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	16,67	1,70	0,12	1,16	100,00	3,37	1,43	2,08
70N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	14,81	1,51	0,10	1,01	100,00	3,37	1,26	1,97
70N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	9,26	0,95	0,12	1,16	100,00	3,37	1,05	1,83
70N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	9,26	0,95	0,09	0,92	100,00	3,37	0,94	1,75
70N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	11,11	1,13	0,16	1,61	66,67	2,25	1,37	1,66
70N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	5,56	0,57	0,16	1,62	66,67	2,25	1,10	1,48
70N	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	7,41	0,76	0,12	1,22	66,67	2,25	0,99	1,41
70N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	5,56	0,57	0,11	1,07	66,67	2,25	0,82	1,30
70N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	7,41	0,76	0,08	0,78	66,67	2,25	0,76	1,26
70N	Morfoespécie 2	7,41	0,76	0,06	0,63	66,67	2,25	0,69	1,21
70N	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	7,41	0,76	0,02	0,19	66,67	2,25	0,47	1,06
70N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	5,56	0,57	0,03	0,27	66,67	2,25	0,42	1,03
70N	Morfoespécie 3	3,70	0,38	0,01	0,12	66,67	2,25	0,25	0,91
70N	<i>Bauhinia pulchella</i> Benth.	7,41	0,76	0,02	0,22	33,33	1,12	0,49	0,70
70N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	1,85	0,19	0,07	0,71	33,33	1,12	0,45	0,68
70N	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	1,85	0,19	0,05	0,52	33,33	1,12	0,35	0,61

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70N	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1,85	0,19	0,04	0,41	33,33	1,12	0,30	0,57
70N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,19	0,02	0,19	33,33	1,12	0,19	0,50
70N	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	1,85	0,19	0,02	0,15	33,33	1,12	0,17	0,49
70N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	1,85	0,19	0,01	0,12	33,33	1,12	0,16	0,48
70N	<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.	1,85	0,19	0,01	0,11	33,33	1,12	0,15	0,47
70N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,19	0,01	0,07	33,33	1,12	0,13	0,46
70N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,19	0,01	0,06	33,33	1,12	0,13	0,46
70N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	1,85	0,19	0,00	0,05	33,33	1,12	0,12	0,45
70N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,19	0,00	0,04	33,33	1,12	0,12	0,45
70N	<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Benth. & Hook.f.	1,85	0,19	0,00	0,04	33,33	1,12	0,12	0,45
70Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	218,52	24,84	2,10	22,30	100,00	4,17	23,57	17,10
70Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	101,85	11,58	1,13	11,95	100,00	4,17	11,77	9,23
70Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	64,81	7,37	0,58	6,18	100,00	4,17	6,78	5,91
70Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	16,67	1,89	0,91	9,67	100,00	4,17	5,78	5,24
70Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	72,22	8,21	0,30	3,20	100,00	4,17	5,70	5,19
70Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	24,07	2,74	0,72	7,64	100,00	4,17	5,19	4,85
70Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	44,44	5,05	0,43	4,61	100,00	4,17	4,83	4,61
70Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	48,15	5,47	0,36	3,80	100,00	4,17	4,64	4,48
70Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	50,00	5,68	0,28	2,97	100,00	4,17	4,32	4,27
70Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	33,33	3,79	0,44	4,64	100,00	4,17	4,22	4,20

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	Morta	22,22	2,53	0,37	3,89	100,00	4,17	3,21	3,53
70Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	35,19	4,00	0,18	1,94	100,00	4,17	2,97	3,37
70Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	27,78	3,16	0,26	2,74	100,00	4,17	2,95	3,35
70Q	Morfoespécie 1	24,07	2,74	0,10	1,04	100,00	4,17	1,89	2,65
70Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	11,11	1,26	0,22	2,34	100,00	4,17	1,80	2,59
70Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	9,26	1,05	0,09	0,98	100,00	4,17	1,02	2,07
70Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	1,05	0,04	0,43	100,00	4,17	0,74	1,88
70Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	11,11	1,26	0,22	2,32	33,33	1,39	1,79	1,66
70Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	9,26	1,05	0,11	1,13	66,67	2,78	1,09	1,65
70Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	11,11	1,26	0,07	0,72	66,67	2,78	1,00	1,59
70Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	3,70	0,42	0,03	0,37	66,67	2,78	0,40	1,19
70Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	3,70	0,42	0,01	0,09	66,67	2,78	0,25	1,10
70Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	3,70	0,42	0,11	1,20	33,33	1,39	0,81	1,00
70Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,63	0,08	0,90	33,33	1,39	0,76	0,97
70Q	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	1,85	0,21	0,12	1,26	33,33	1,39	0,74	0,95
70Q	Morfoespécie 2	1,85	0,21	0,04	0,48	33,33	1,39	0,34	0,69
70Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	1,85	0,21	0,04	0,44	33,33	1,39	0,32	0,68
70Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	1,85	0,21	0,03	0,35	33,33	1,39	0,28	0,65
70Q	<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. ex A.DC.	1,85	0,21	0,01	0,10	33,33	1,39	0,16	0,57
70Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,21	0,01	0,10	33,33	1,39	0,16	0,57

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,21	0,01	0,09	33,33	1,39	0,15	0,56
70Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K.Schum.	1,85	0,21	0,00	0,05	33,33	1,39	0,13	0,55
70Q	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,21	0,00	0,04	33,33	1,39	0,13	0,55
70Q	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	1,85	0,21	0,00	0,04	33,33	1,39	0,13	0,55
80N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	233,33	22,30	2,19	20,96	100,00	3,80	21,63	15,69
80N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	175,93	16,81	2,10	20,15	100,00	3,80	18,49	13,59
80N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	88,89	8,50	0,42	4,03	100,00	3,80	6,26	5,44
80N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	61,11	5,84	0,60	5,79	100,00	3,80	5,82	5,14
80N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	70,37	6,73	0,45	4,34	100,00	3,80	5,53	4,96
80N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltld.	46,30	4,42	0,43	4,10	100,00	3,80	4,26	4,11
80N	Morta	37,04	3,54	0,51	4,85	100,00	3,80	4,20	4,06
80N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	24,07	2,30	0,57	5,46	66,67	2,53	3,88	3,43
80N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	31,48	3,01	0,32	3,06	100,00	3,80	3,04	3,29
80N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	44,44	4,25	0,17	1,61	100,00	3,80	2,93	3,22
80N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	27,78	2,65	0,32	3,05	100,00	3,80	2,86	3,17
80N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	37,04	3,54	0,14	1,33	100,00	3,80	2,43	2,89
80N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	12,96	1,24	0,36	3,46	100,00	3,80	2,35	2,83
80N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	27,78	2,65	0,11	1,03	100,00	3,80	1,84	2,49
80N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	16,67	1,59	0,32	3,05	66,67	2,53	2,33	2,39
80N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	5,56	0,53	0,23	2,23	100,00	3,80	1,38	2,19

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80N	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	7,41	0,71	0,13	1,27	100,00	3,80	0,99	1,93
80N	Morfoespécie 1	11,11	1,06	0,04	0,36	100,00	3,80	0,71	1,74
80N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	12,96	1,24	0,15	1,41	66,67	2,53	1,33	1,73
80N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	7,41	0,71	0,07	0,64	100,00	3,80	0,68	1,71
80N	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	7,41	0,71	0,32	3,09	33,33	1,27	1,90	1,69
80N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	11,11	1,06	0,07	0,67	66,67	2,53	0,87	1,42
80N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,53	0,09	0,88	66,67	2,53	0,70	1,31
80N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	3,70	0,35	0,09	0,89	66,67	2,53	0,62	1,26
80N	Morfoespécie 2	3,70	0,35	0,08	0,73	66,67	2,53	0,55	1,21
80N	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	7,41	0,71	0,02	0,24	66,67	2,53	0,47	1,16
80N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	7,41	0,71	0,02	0,23	66,67	2,53	0,47	1,16
80N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	3,70	0,35	0,02	0,19	66,67	2,53	0,27	1,02
80N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	3,70	0,35	0,04	0,38	33,33	1,27	0,37	0,67
80N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,35	0,02	0,15	33,33	1,27	0,25	0,59
80N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	1,85	0,18	0,02	0,17	33,33	1,27	0,17	0,54
80N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,18	0,01	0,06	33,33	1,27	0,12	0,50
80N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	1,85	0,18	0,01	0,05	33,33	1,27	0,12	0,50
80N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,18	0,00	0,04	33,33	1,27	0,10	0,49
80N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,18	0,00	0,04	33,33	1,27	0,11	0,49
80Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	175,93	20,21	1,35	15,98	100,00	3,70	18,09	13,30

Continua...



TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	70,37	8,09	0,83	9,83	100,00	3,70	8,95	7,21
80Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	94,44	10,85	0,51	6,02	100,00	3,70	8,44	6,86
80Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	66,67	7,66	0,39	4,61	100,00	3,70	6,14	5,32
80Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltld.	55,56	6,38	0,44	5,21	100,00	3,70	5,80	5,10
80Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	44,44	5,11	0,46	5,48	100,00	3,70	5,30	4,76
80Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	35,19	4,04	0,50	5,90	100,00	3,70	4,97	4,55
80Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	18,52	2,13	0,53	6,24	66,67	2,47	4,18	3,61
80Q	Morta	22,22	2,55	0,39	4,59	100,00	3,70	3,57	3,61
80Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	38,89	4,47	0,23	2,66	100,00	3,70	3,57	3,61
80Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	20,37	2,34	0,37	4,40	100,00	3,70	3,37	3,48
80Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	33,33	3,83	0,19	2,20	100,00	3,70	3,02	3,24
80Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	27,78	3,19	0,17	2,03	100,00	3,70	2,61	2,97
80Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	12,96	1,49	0,36	4,24	66,67	2,47	2,87	2,73
80Q	Morfoespécie 1	27,78	3,19	0,08	0,98	100,00	3,70	2,09	2,62
80Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	14,81	1,70	0,20	2,35	100,00	3,70	2,03	2,59
80Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	7,41	0,85	0,47	5,56	33,33	1,23	3,20	2,55
80Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	12,96	1,49	0,07	0,81	100,00	3,70	1,15	2,00
80Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	9,26	1,06	0,13	1,56	66,67	2,47	1,32	1,70
80Q	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	7,41	0,85	0,02	0,20	100,00	3,70	0,52	1,59
80Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	3,70	0,43	0,12	1,38	66,67	2,47	0,90	1,43

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	7,41	0,85	0,07	0,85	66,67	2,47	0,85	1,39
80Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,64	0,08	0,90	66,67	2,47	0,76	1,33
80Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,64	0,06	0,68	66,67	2,47	0,66	1,26
80Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	5,56	0,64	0,05	0,62	66,67	2,47	0,63	1,24
80Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	3,70	0,43	0,06	0,70	66,67	2,47	0,56	1,20
80Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K.Schum.	11,11	1,28	0,05	0,63	33,33	1,23	0,95	1,05
80Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	3,70	0,43	0,08	0,99	33,33	1,23	0,70	0,88
80Q	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	3,70	0,43	0,03	0,33	33,33	1,23	0,38	0,66
80Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,43	0,03	0,32	33,33	1,23	0,38	0,66
80Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,21	0,04	0,48	33,33	1,23	0,35	0,64
80Q	Morfoespécie 4	1,85	0,21	0,03	0,40	33,33	1,23	0,31	0,62
80Q	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	3,70	0,43	0,01	0,12	33,33	1,23	0,28	0,59
80Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,21	0,02	0,18	33,33	1,23	0,20	0,54
80Q	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	1,85	0,21	0,01	0,17	33,33	1,23	0,19	0,54
80Q	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,21	0,01	0,17	33,33	1,23	0,19	0,54
80Q	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	1,85	0,21	0,01	0,07	33,33	1,23	0,14	0,51
80Q	Morfoespécie 3	1,85	0,21	0,01	0,06	33,33	1,23	0,14	0,50
80Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	1,85	0,21	0,00	0,06	33,33	1,23	0,14	0,50
80Q	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,21	0,00	0,04	33,33	1,23	0,13	0,50
CR	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	157,41	18,52	2,26	25,24	100,00	3,90	21,88	15,88

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
CR	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	94,44	11,11	0,99	10,99	100,00	3,90	11,05	8,67
CR	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	79,63	9,37	1,09	12,11	100,00	3,90	10,74	8,46
CR	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltldl.	74,07	8,71	0,45	4,99	100,00	3,90	6,86	5,87
CR	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	57,41	6,75	0,42	4,68	100,00	3,90	5,72	5,11
CR	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	57,41	6,75	0,25	2,77	100,00	3,90	4,76	4,47
CR	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	31,48	3,70	0,41	4,57	100,00	3,90	4,14	4,06
CR	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	14,81	1,74	0,55	6,09	100,00	3,90	3,91	3,91
CR	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	37,04	4,36	0,22	2,46	100,00	3,90	3,41	3,57
CR	Morta	24,07	2,83	0,34	3,82	100,00	3,90	3,33	3,51
CR	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	25,93	3,05	0,40	4,47	66,67	2,60	3,76	3,37
CR	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	22,22	2,61	0,07	0,76	100,00	3,90	1,68	2,42
CR	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	20,37	2,40	0,08	0,90	100,00	3,90	1,65	2,40
CR	Morfoespécie 1	18,52	2,18	0,10	1,09	100,00	3,90	1,63	2,39
CR	Morfoespécie 2	9,26	1,09	0,18	2,02	100,00	3,90	1,55	2,33
CR	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	12,96	1,53	0,12	1,38	100,00	3,90	1,45	2,27
CR	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	9,26	1,09	0,06	0,62	100,00	3,90	0,86	1,87
CR	<i>Annona coriacea</i> Mart.	12,96	1,53	0,10	1,13	66,67	2,60	1,33	1,75
CR	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	5,56	0,65	0,25	2,84	33,33	1,30	1,75	1,60
CR	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	9,26	1,09	0,07	0,78	66,67	2,60	0,94	1,49
CR	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	9,26	1,09	0,05	0,61	66,67	2,60	0,85	1,43

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
CR	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	9,26	1,09	0,03	0,38	66,67	2,60	0,74	1,36
CR	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	14,81	1,74	0,09	0,97	33,33	1,30	1,36	1,34
CR	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,44	0,05	0,60	66,67	2,60	0,51	1,21
CR	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,44	0,01	0,14	66,67	2,60	0,29	1,06
CR	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	3,70	0,44	0,01	0,14	66,67	2,60	0,29	1,06
CR	<i>Curatella americana</i> L.	1,85	0,22	0,14	1,53	33,33	1,30	0,88	1,02
CR	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,65	0,02	0,22	33,33	1,30	0,44	0,72
CR	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	3,70	0,44	0,04	0,40	33,33	1,30	0,42	0,71
CR	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	3,70	0,44	0,02	0,19	33,33	1,30	0,31	0,64
CR	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,44	0,02	0,18	33,33	1,30	0,31	0,64
CR	<i>Terminalia argentea</i> (Cambess.) Mart.	1,85	0,22	0,03	0,39	33,33	1,30	0,30	0,63
CR	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,44	0,01	0,12	33,33	1,30	0,28	0,62
CR	Morfoespécie 3	1,85	0,22	0,02	0,19	33,33	1,30	0,20	0,57
CR	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	1,85	0,22	0,01	0,10	33,33	1,30	0,16	0,54
CR	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	1,85	0,22	0,01	0,08	33,33	1,30	0,15	0,53
CR	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	1,85	0,22	0,01	0,07	33,33	1,30	0,14	0,53
T	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	172,22	20,26	1,57	19,97	100,00	4,17	20,11	14,80
T	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	83,33	9,80	1,22	15,50	100,00	4,17	12,65	9,82
T	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	101,85	11,98	0,46	5,92	100,00	4,17	8,95	7,36
T	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	66,67	7,84	0,53	6,81	100,00	4,17	7,32	6,27

Continua...

TABELA 1B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
T	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	62,96	7,41	0,46	5,91	100,00	4,17	6,66	5,83
T	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	51,85	6,10	0,34	4,31	100,00	4,17	5,20	4,86
T	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	38,89	4,58	0,29	3,74	100,00	4,17	4,16	4,16
T	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	20,37	2,40	0,43	5,43	100,00	4,17	3,91	4,00
T	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	37,04	4,36	0,27	3,43	100,00	4,17	3,89	3,98
T	Morta	22,22	2,61	0,51	6,47	66,67	2,78	4,54	3,95
T	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	29,63	3,49	0,18	2,23	100,00	4,17	2,86	3,30
T	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	29,63	3,49	0,13	1,72	100,00	4,17	2,61	3,12
T	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	16,67	1,96	0,11	1,41	100,00	4,17	1,68	2,51
T	Morfoespécie 1	12,96	1,53	0,04	0,51	100,00	4,17	1,01	2,07
T	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	3,70	0,44	0,34	4,36	33,33	1,39	2,39	2,06
T	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	11,11	1,31	0,12	1,54	66,67	2,78	1,42	1,88
T	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	9,26	1,09	0,13	1,66	66,67	2,78	1,38	1,84
T	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	7,41	0,87	0,09	1,13	66,67	2,78	1,00	1,59
T	Morfoespécie 2	5,56	0,65	0,08	1,07	66,67	2,78	0,86	1,50
T	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	5,56	0,65	0,05	0,64	66,67	2,78	0,64	1,36
T	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	7,41	0,87	0,03	0,41	66,67	2,78	0,64	1,35
T	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	7,41	0,87	0,03	0,34	66,67	2,78	0,61	1,33
T	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,44	0,01	0,11	66,67	2,78	0,28	1,11
T	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	1,85	0,22	0,13	1,70	33,33	1,39	0,95	1,10

Continua...

TABELA 1B Continuação.

<b>Tratamento</b>	<b>Espécie</b>	<b>DA</b>	<b>DR</b>	<b>DoA</b>	<b>DoR</b>	<b>FA</b>	<b>FR</b>	<b>IVC</b>	<b>IVI</b>
T	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,65	0,06	0,74	33,33	1,39	0,69	0,93
T	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	5,56	0,65	0,03	0,39	33,33	1,39	0,52	0,81
T	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	5,56	0,65	0,02	0,28	33,33	1,39	0,47	0,77
T	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,22	0,04	0,47	33,33	1,39	0,34	0,69
T	<i>Annona coriacea</i> Mart.	3,70	0,44	0,02	0,22	33,33	1,39	0,33	0,68
T	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	1,85	0,22	0,03	0,43	33,33	1,39	0,32	0,68
T	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	3,70	0,44	0,02	0,19	33,33	1,39	0,31	0,67
T	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,44	0,01	0,13	33,33	1,39	0,28	0,65
T	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	1,85	0,22	0,02	0,29	33,33	1,39	0,25	0,63
T	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	1,85	0,22	0,02	0,23	33,33	1,39	0,22	0,61
T	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,22	0,01	0,13	33,33	1,39	0,17	0,58
T	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	1,85	0,22	0,01	0,10	33,33	1,39	0,16	0,57
T	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,22	0,01	0,09	33,33	1,39	0,16	0,57

TABELA 2B Parâmetros estruturais das espécies avaliadas no levantamento de 2004, em ordem decrescente de IVI, por tratamento, em que, DA: densidade absoluta (indivíduos.ha<sup>-1</sup>); DR: densidade relativa (%); DoA: dominância absoluta (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>); DoR: dominância relativa (%); FA: frequência absoluta; FR: frequência relativa (%); IVC: índice de valor de cobertura (%); IVI: índice de valor de importância (%).

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	144,44	18,80	1,76	25,29	100,00	3,57	22,04	15,89
50N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	150,00	19,52	1,37	19,65	100,00	3,57	19,58	14,25
50N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schldtl.	68,52	8,92	0,30	4,29	100,00	3,57	6,61	5,59
50N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	53,70	6,99	0,35	5,03	100,00	3,57	6,01	5,20
50N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	37,04	4,82	0,22	3,11	100,00	3,57	3,96	3,83
50N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	25,93	3,37	0,29	4,18	100,00	3,57	3,78	3,71
50N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	14,81	1,93	0,34	4,96	100,00	3,57	3,44	3,48
50N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	16,67	2,17	0,29	4,16	100,00	3,57	3,16	3,30
50N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	16,67	2,17	0,29	4,15	100,00	3,57	3,16	3,30
50N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	29,63	3,86	0,11	1,60	100,00	3,57	2,73	3,01
50N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	16,67	2,17	0,19	2,75	100,00	3,57	2,45	2,83
50N	Morfoespécie 1	9,26	1,20	0,23	3,35	100,00	3,57	2,28	2,71
50N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	16,67	2,17	0,11	1,55	100,00	3,57	1,86	2,43
50N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	14,81	1,93	0,18	2,65	66,67	2,38	2,29	2,32
50N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	14,81	1,93	0,09	1,30	100,00	3,57	1,62	2,27
50N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	22,22	2,89	0,09	1,26	66,67	2,38	2,08	2,18
50N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	9,26	1,20	0,04	0,52	100,00	3,57	0,87	1,77

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	9,26	1,20	0,03	0,48	100,00	3,57	0,85	1,75
50N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	7,41	0,96	0,05	0,67	100,00	3,57	0,82	1,74
50N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	9,26	1,20	0,16	2,29	33,33	1,19	1,75	1,56
50N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	11,11	1,45	0,04	0,58	66,67	2,38	1,01	1,47
50N	<i>Curatella americana</i> L.	14,81	1,93	0,09	1,27	33,33	1,19	1,60	1,46
50N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,72	0,03	0,50	66,67	2,38	0,61	1,20
50N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	5,56	0,72	0,03	0,47	66,67	2,38	0,60	1,19
50N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	5,56	0,72	0,03	0,37	66,67	2,38	0,55	1,16
50N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,48	0,02	0,35	66,67	2,38	0,42	1,07
50N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,48	0,02	0,29	66,67	2,38	0,39	1,05
50N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	3,70	0,48	0,03	0,49	33,33	1,19	0,49	0,72
50N	Morfoespécie 2	1,85	0,24	0,03	0,41	33,33	1,19	0,32	0,61
50N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,48	0,01	0,12	33,33	1,19	0,31	0,60
50N	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	1,85	0,24	0,02	0,30	33,33	1,19	0,27	0,58
50N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	1,85	0,24	0,02	0,27	33,33	1,19	0,25	0,57
50N	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	1,85	0,24	0,02	0,24	33,33	1,19	0,24	0,56
50N	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,24	0,01	0,20	33,33	1,19	0,22	0,54
50N	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	1,85	0,24	0,01	0,19	33,33	1,19	0,22	0,54
50N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,24	0,01	0,18	33,33	1,19	0,21	0,54
50N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,24	0,01	0,13	33,33	1,19	0,19	0,52

Continua...



TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	1,85	0,24	0,01	0,12	33,33	1,19	0,18	0,52
50N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,24	0,01	0,10	33,33	1,19	0,17	0,51
50N	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	1,85	0,24	0,00	0,07	33,33	1,19	0,16	0,50
50N	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	1,85	0,24	0,00	0,05	33,33	1,19	0,15	0,50
50N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,24	0,00	0,05	33,33	1,19	0,15	0,50
50Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	133,33	16,33	1,59	17,73	100,00	3,13	17,03	12,39
50Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	116,67	14,29	1,49	16,71	100,00	3,13	15,50	11,37
50Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	64,81	7,94	0,55	6,13	100,00	3,13	7,03	5,73
50Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	57,41	7,03	0,52	5,86	100,00	3,13	6,45	5,34
50Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	37,04	4,54	0,63	7,05	100,00	3,13	5,80	4,90
50Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	27,78	3,40	0,42	4,73	100,00	3,13	4,07	3,75
50Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	20,37	2,49	0,46	5,11	100,00	3,13	3,80	3,58
50Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	38,89	4,76	0,23	2,62	100,00	3,13	3,69	3,50
50Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	22,22	2,72	0,41	4,61	100,00	3,13	3,66	3,49
50Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	7,41	0,91	0,44	4,88	100,00	3,13	2,89	2,97
50Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	33,33	4,08	0,24	2,69	66,67	2,08	3,38	2,95
50Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	22,22	2,72	0,08	0,85	100,00	3,13	1,78	2,23
50Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	20,37	2,49	0,09	1,01	100,00	3,13	1,75	2,21
50Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schlttdl.	20,37	2,49	0,09	0,98	100,00	3,13	1,74	2,20
50Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	12,96	1,59	0,14	1,53	100,00	3,13	1,55	2,08

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	11,11	1,36	0,15	1,64	100,00	3,13	1,50	2,04
50Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	12,96	1,59	0,10	1,08	100,00	3,13	1,34	1,93
50Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	7,41	0,91	0,16	1,76	100,00	3,13	1,33	1,93
50Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	7,41	0,91	0,33	3,74	33,33	1,04	2,32	1,90
50Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	11,11	1,36	0,06	0,65	100,00	3,13	1,00	1,71
50Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	11,11	1,36	0,05	0,52	100,00	3,13	0,94	1,67
50Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	16,67	2,04	0,08	0,86	66,67	2,08	1,45	1,66
50Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	7,41	0,91	0,03	0,32	100,00	3,13	0,62	1,45
50Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	1,13	0,09	1,04	66,67	2,08	1,09	1,42
50Q	Morfoespécie 2	7,41	0,91	0,08	0,91	66,67	2,08	0,90	1,30
50Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	7,41	0,91	0,08	0,87	66,67	2,08	0,89	1,29
50Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	9,26	1,13	0,05	0,52	66,67	2,08	0,83	1,25
50Q	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	7,41	0,91	0,04	0,47	66,67	2,08	0,69	1,15
50Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	5,56	0,68	0,02	0,22	66,67	2,08	0,45	0,99
50Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	3,70	0,45	0,02	0,20	66,67	2,08	0,33	0,91
50Q	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	3,70	0,45	0,02	0,20	66,67	2,08	0,32	0,91
50Q	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,45	0,02	0,18	66,67	2,08	0,31	0,90
50Q	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,45	0,01	0,13	66,67	2,08	0,29	0,89
50Q	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	7,41	0,91	0,03	0,28	33,33	1,04	0,60	0,74
50Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	3,70	0,45	0,05	0,58	33,33	1,04	0,52	0,69

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50Q	Morfoespécie 1	3,70	0,45	0,04	0,39	33,33	1,04	0,43	0,63
50Q	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	3,70	0,45	0,03	0,29	33,33	1,04	0,37	0,59
50Q	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	3,70	0,45	0,01	0,16	33,33	1,04	0,31	0,55
50Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	3,70	0,45	0,01	0,08	33,33	1,04	0,27	0,53
50Q	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	1,85	0,23	0,01	0,13	33,33	1,04	0,18	0,47
50Q	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	1,85	0,23	0,01	0,12	33,33	1,04	0,17	0,46
50Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	1,85	0,23	0,01	0,06	33,33	1,04	0,14	0,44
50Q	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,23	0,00	0,05	33,33	1,04	0,14	0,44
50Q	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	1,85	0,23	0,00	0,05	33,33	1,04	0,14	0,44
60N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	94,44	14,83	1,17	17,38	100,00	3,41	16,10	11,87
60N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	87,04	13,66	1,00	14,80	100,00	3,41	14,23	10,62
60N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	51,85	8,14	0,55	8,17	100,00	3,41	8,15	6,57
60N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	55,56	8,72	0,39	5,86	100,00	3,41	7,29	6,00
60N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	35,19	5,52	0,60	9,00	100,00	3,41	7,26	5,98
60N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	38,89	6,10	0,17	2,51	100,00	3,41	4,31	4,01
60N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	25,93	4,07	0,24	3,59	100,00	3,41	3,83	3,69
60N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	11,11	1,74	0,32	4,72	66,67	2,27	3,23	2,91
60N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	16,67	2,62	0,12	1,78	100,00	3,41	2,20	2,60
60N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	9,26	1,45	0,17	2,51	100,00	3,41	1,98	2,46
60N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	16,67	2,62	0,08	1,25	100,00	3,41	1,93	2,42

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	18,52	2,91	0,06	0,92	100,00	3,41	1,91	2,41
60N	Morfoespécie 1	9,26	1,45	0,15	2,20	100,00	3,41	1,83	2,35
60N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	9,26	1,45	0,20	2,97	66,67	2,27	2,21	2,23
60N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	14,81	2,33	0,06	0,93	100,00	3,41	1,63	2,22
60N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	11,11	1,74	0,08	1,26	100,00	3,41	1,50	2,14
60N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	7,41	1,16	0,09	1,40	100,00	3,41	1,28	1,99
60N	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	9,26	1,45	0,09	1,27	66,67	2,27	1,37	1,67
60N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	7,41	1,16	0,10	1,41	66,67	2,27	1,29	1,62
60N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	5,56	0,87	0,02	0,23	100,00	3,41	0,55	1,50
60N	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	3,70	0,58	0,19	2,78	33,33	1,14	1,68	1,50
60N	Morfoespécie 2	7,41	1,16	0,06	0,91	66,67	2,27	1,03	1,45
60N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	5,56	0,87	0,15	2,25	33,33	1,14	1,57	1,42
60N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	9,26	1,45	0,11	1,65	33,33	1,14	1,55	1,41
60N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	12,96	2,03	0,06	0,90	33,33	1,14	1,47	1,36
60N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	3,70	0,58	0,05	0,67	66,67	2,27	0,63	1,18
60N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	3,70	0,58	0,04	0,64	66,67	2,27	0,61	1,17
60N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	5,56	0,87	0,02	0,28	66,67	2,27	0,58	1,14
60N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	3,70	0,58	0,03	0,52	66,67	2,27	0,55	1,12
60N	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	1,85	0,29	0,12	1,85	33,33	1,14	1,08	1,09
60N	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,58	0,02	0,27	66,67	2,27	0,43	1,04

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,87	0,04	0,61	33,33	1,14	0,74	0,87
60N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,87	0,04	0,53	33,33	1,14	0,70	0,85
60N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	5,56	0,87	0,02	0,31	33,33	1,14	0,59	0,77
60N	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,58	0,03	0,38	33,33	1,14	0,48	0,70
60N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	1,85	0,29	0,02	0,24	33,33	1,14	0,26	0,56
60N	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	1,85	0,29	0,02	0,22	33,33	1,14	0,26	0,55
60N	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	1,85	0,29	0,01	0,18	33,33	1,14	0,23	0,54
60N	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	1,85	0,29	0,01	0,13	33,33	1,14	0,21	0,52
60N	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	1,85	0,29	0,01	0,09	33,33	1,14	0,19	0,51
60N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,29	0,01	0,09	33,33	1,14	0,19	0,50
60N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,29	0,00	0,07	33,33	1,14	0,18	0,50
60N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,29	0,01	0,08	33,33	1,14	0,19	0,50
60N	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	1,85	0,29	0,00	0,06	33,33	1,14	0,17	0,50
60N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	1,85	0,29	0,00	0,07	33,33	1,14	0,18	0,50
60N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,29	0,00	0,06	33,33	1,14	0,17	0,50
60Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	138,89	19,63	1,35	21,05	100,00	4,05	20,34	14,91
60Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	100,00	14,14	1,14	17,76	100,00	4,05	15,95	11,98
60Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	50,00	7,07	0,51	7,90	100,00	4,05	7,49	6,34
60Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	51,85	7,33	0,46	7,15	100,00	4,05	7,24	6,18
60Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	57,41	8,12	0,27	4,26	100,00	4,05	6,18	5,48

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	55,56	7,85	0,27	4,28	100,00	4,05	6,07	5,40
60Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	33,33	4,71	0,17	2,71	100,00	4,05	3,71	3,82
60Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	37,04	5,24	0,19	3,02	66,67	2,70	4,13	3,65
60Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	18,52	2,62	0,20	3,17	100,00	4,05	2,89	3,28
60Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	11,11	1,57	0,20	3,20	100,00	4,05	2,38	2,94
60Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	9,26	1,31	0,21	3,28	66,67	2,70	2,30	2,43
60Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	12,96	1,83	0,09	1,40	100,00	4,05	1,62	2,43
60Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	16,67	2,36	0,05	0,73	100,00	4,05	1,54	2,38
60Q	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	9,26	1,31	0,10	1,52	100,00	4,05	1,41	2,29
60Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	9,26	1,31	0,17	2,63	66,67	2,70	1,97	2,21
60Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	11,11	1,57	0,14	2,15	66,67	2,70	1,86	2,14
60Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	7,41	1,05	0,23	3,58	33,33	1,35	2,32	1,99
60Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	7,41	1,05	0,12	1,90	66,67	2,70	1,48	1,88
60Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,79	0,10	1,53	66,67	2,70	1,15	1,67
60Q	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	3,70	0,52	0,10	1,50	66,67	2,70	1,01	1,58
60Q	Morfoespécie 2	3,70	0,52	0,08	1,26	66,67	2,70	0,89	1,49
60Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	7,41	1,05	0,04	0,63	66,67	2,70	0,84	1,46
60Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	5,56	0,79	0,03	0,45	66,67	2,70	0,62	1,31
60Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K.Schum.	3,70	0,52	0,02	0,28	66,67	2,70	0,40	1,17
60Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	3,70	0,52	0,01	0,23	66,67	2,70	0,38	1,15

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	3,70	0,52	0,01	0,17	66,67	2,70	0,34	1,13
60Q	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,52	0,01	0,15	66,67	2,70	0,34	1,12
60Q	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	7,41	1,05	0,02	0,38	33,33	1,35	0,71	0,93
60Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	3,70	0,52	0,03	0,47	33,33	1,35	0,50	0,78
60Q	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,52	0,02	0,31	33,33	1,35	0,41	0,73
60Q	<i>Machaerium villosum</i> Vogel	3,70	0,52	0,01	0,20	33,33	1,35	0,37	0,69
60Q	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	3,70	0,52	0,01	0,13	33,33	1,35	0,32	0,67
60Q	<i>Plenckia populnea</i> Reissek	1,85	0,26	0,02	0,31	33,33	1,35	0,28	0,64
60Q	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,26	0,01	0,11	33,33	1,35	0,19	0,58
60Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	1,85	0,26	0,01	0,10	33,33	1,35	0,19	0,57
60Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,26	0,01	0,09	33,33	1,35	0,17	0,57
70N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	122,22	18,86	1,16	16,63	100,00	3,33	17,74	12,94
70N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	100,00	15,43	1,20	17,30	100,00	3,33	16,36	12,02
70N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	61,11	9,43	0,42	5,99	100,00	3,33	7,71	6,25
70N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	44,44	6,86	0,31	4,47	100,00	3,33	5,66	4,89
70N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	16,67	2,57	0,63	9,09	66,67	2,22	5,83	4,63
70N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	16,67	2,57	0,60	8,59	66,67	2,22	5,58	4,46
70N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	24,07	3,71	0,24	3,41	100,00	3,33	3,57	3,49
70N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	16,67	2,57	0,30	4,33	100,00	3,33	3,45	3,41
70N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	29,63	4,57	0,15	2,21	100,00	3,33	3,39	3,37

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	12,96	2,00	0,23	3,33	66,67	2,22	2,66	2,52
70N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	20,37	3,14	0,10	1,44	66,67	2,22	2,30	2,27
70N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	16,67	2,57	0,06	0,81	100,00	3,33	1,70	2,24
70N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	11,11	1,71	0,10	1,45	100,00	3,33	1,58	2,17
70N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	18,52	2,86	0,07	0,99	66,67	2,22	1,92	2,02
70N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	7,41	1,14	0,06	0,92	100,00	3,33	1,03	1,80
70N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	5,56	0,86	0,16	2,24	66,67	2,22	1,55	1,77
70N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	7,41	1,14	0,05	0,78	100,00	3,33	0,96	1,75
70N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	7,41	1,14	0,05	0,71	100,00	3,33	0,93	1,73
70N	Morfoespécie 1	7,41	1,14	0,10	1,49	66,67	2,22	1,32	1,62
70N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	7,41	1,14	0,09	1,35	66,67	2,22	1,25	1,57
70N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	5,56	0,86	0,03	0,47	100,00	3,33	0,67	1,55
70N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	9,26	1,43	0,06	0,80	66,67	2,22	1,11	1,48
70N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	5,56	0,86	0,09	1,28	66,67	2,22	1,07	1,45
70N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	3,70	0,57	0,11	1,51	66,67	2,22	1,04	1,43
70N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,86	0,15	2,16	33,33	1,11	1,50	1,38
70N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	7,41	1,14	0,04	0,51	66,67	2,22	0,83	1,29
70N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	5,56	0,86	0,04	0,54	66,67	2,22	0,70	1,21
70N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	5,56	0,86	0,03	0,44	66,67	2,22	0,64	1,17
70N	Morfoespécie 2	5,56	0,86	0,01	0,20	66,67	2,22	0,52	1,09

Continua...



TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70N	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,57	0,03	0,37	66,67	2,22	0,47	1,06
70N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	3,70	0,57	0,02	0,31	66,67	2,22	0,44	1,04
70N	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	1,85	0,29	0,06	0,84	33,33	1,11	0,56	0,75
70N	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	1,85	0,29	0,05	0,66	33,33	1,11	0,47	0,69
70N	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	1,85	0,29	0,04	0,65	33,33	1,11	0,47	0,68
70N	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	3,70	0,57	0,01	0,21	33,33	1,11	0,39	0,63
70N	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	3,70	0,57	0,01	0,21	33,33	1,11	0,39	0,63
70N	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	1,85	0,29	0,02	0,27	33,33	1,11	0,28	0,56
70N	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	1,85	0,29	0,01	0,16	33,33	1,11	0,22	0,52
70N	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	1,85	0,29	0,01	0,14	33,33	1,11	0,22	0,51
70N	<i>Curatella americana</i> L.	1,85	0,29	0,01	0,12	33,33	1,11	0,20	0,51
70N	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	1,85	0,29	0,01	0,11	33,33	1,11	0,20	0,50
70N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	1,85	0,29	0,01	0,11	33,33	1,11	0,20	0,50
70N	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,29	0,01	0,08	33,33	1,11	0,19	0,49
70N	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	1,85	0,29	0,01	0,08	33,33	1,11	0,19	0,49
70N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,29	0,01	0,08	33,33	1,11	0,19	0,49
70N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,29	0,00	0,07	33,33	1,11	0,17	0,49
70N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	1,85	0,29	0,00	0,06	33,33	1,11	0,17	0,48
70Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	192,59	26,40	1,64	23,31	100,00	3,80	24,85	17,84
70Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	107,41	14,72	1,20	17,15	100,00	3,80	15,94	11,89

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	68,52	9,39	0,41	5,80	100,00	3,80	7,59	6,33
70Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	12,96	1,78	0,65	9,32	100,00	3,80	5,55	4,97
70Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	40,74	5,58	0,34	4,81	100,00	3,80	5,20	4,73
70Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	50,00	6,85	0,23	3,21	100,00	3,80	5,03	4,62
70Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	29,63	4,06	0,18	2,56	100,00	3,80	3,31	3,47
70Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	14,81	2,03	0,28	4,05	100,00	3,80	3,04	3,29
70Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	25,93	3,55	0,17	2,35	100,00	3,80	2,95	3,24
70Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	11,11	1,52	0,27	3,79	100,00	3,80	2,65	3,04
70Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	16,67	2,28	0,19	2,77	100,00	3,80	2,53	2,95
70Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	20,37	2,79	0,07	1,00	100,00	3,80	1,90	2,53
70Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	11,11	1,52	0,33	4,68	33,33	1,27	3,11	2,49
70Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	12,96	1,78	0,12	1,67	100,00	3,80	1,73	2,42
70Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	12,96	1,78	0,18	2,55	66,67	2,53	2,16	2,29
70Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	1,27	0,06	0,81	100,00	3,80	1,04	1,96
70Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	7,41	1,02	0,06	0,82	100,00	3,80	0,92	1,88
70Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	14,81	2,03	0,07	1,04	66,67	2,53	1,53	1,87
70Q	Morfoespécie 2	5,56	0,76	0,06	0,89	66,67	2,53	0,82	1,40
70Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	7,41	1,02	0,04	0,54	66,67	2,53	0,78	1,36
70Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	7,41	1,02	0,03	0,38	66,67	2,53	0,70	1,31
70Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	7,41	1,02	0,02	0,30	66,67	2,53	0,65	1,28

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	1,85	0,25	0,12	1,66	33,33	1,27	0,96	1,06
70Q	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	3,70	0,51	0,01	0,12	66,67	2,53	0,31	1,05
70Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	3,70	0,51	0,01	0,11	66,67	2,53	0,31	1,05
70Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	1,85	0,25	0,08	1,07	33,33	1,27	0,66	0,86
70Q	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	1,85	0,25	0,04	0,63	33,33	1,27	0,44	0,72
70Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	1,85	0,25	0,04	0,62	33,33	1,27	0,44	0,71
70Q	Morfoespécie 1	3,70	0,51	0,02	0,35	33,33	1,27	0,43	0,71
70Q	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	3,70	0,51	0,02	0,29	33,33	1,27	0,40	0,69
70Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	1,85	0,25	0,02	0,25	33,33	1,27	0,25	0,59
70Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	1,85	0,25	0,01	0,19	33,33	1,27	0,22	0,57
70Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,25	0,01	0,18	33,33	1,27	0,22	0,57
70Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	1,85	0,25	0,01	0,17	33,33	1,27	0,22	0,56
70Q	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	1,85	0,25	0,01	0,11	33,33	1,27	0,18	0,54
70Q	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	1,85	0,25	0,01	0,09	33,33	1,27	0,17	0,54
70Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,25	0,01	0,08	33,33	1,27	0,17	0,53
70Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	1,85	0,25	0,01	0,07	33,33	1,27	0,17	0,53
70Q	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,25	0,00	0,06	33,33	1,27	0,16	0,53
70Q	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	1,85	0,25	0,00	0,06	33,33	1,27	0,16	0,53
70Q	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	1,85	0,25	0,00	0,06	33,33	1,27	0,16	0,53
80N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	153,70	20,96	2,20	27,46	100,00	3,85	24,21	17,42

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	116,67	15,91	0,80	10,00	100,00	3,85	12,95	9,92
80N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	59,26	8,08	0,35	4,34	100,00	3,85	6,21	5,42
80N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	35,19	4,80	0,59	7,38	100,00	3,85	6,09	5,34
80N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	33,33	4,55	0,49	6,12	100,00	3,85	5,33	4,84
80N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	51,85	7,07	0,26	3,29	100,00	3,85	5,18	4,74
80N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	42,59	5,81	0,26	3,22	100,00	3,85	4,51	4,29
80N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltldl.	29,63	4,04	0,32	4,03	100,00	3,85	4,03	3,97
80N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	12,96	1,77	0,40	4,97	100,00	3,85	3,37	3,53
80N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	16,67	2,27	0,35	4,34	100,00	3,85	3,31	3,49
80N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	7,41	1,01	0,38	4,75	66,67	2,56	2,88	2,78
80N	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	9,26	1,26	0,35	4,38	33,33	1,28	2,82	2,31
80N	<i>Platycamus regnellii</i> Benth.	5,56	0,76	0,13	1,64	100,00	3,85	1,20	2,08
80N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	14,81	2,02	0,13	1,64	66,67	2,56	1,83	2,08
80N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	18,52	2,53	0,09	1,12	66,67	2,56	1,82	2,07
80N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	9,26	1,26	0,03	0,43	100,00	3,85	0,85	1,85
80N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,76	0,07	0,93	100,00	3,85	0,85	1,84
80N	Morfoespécie 2	7,41	1,01	0,03	0,37	100,00	3,85	0,69	1,74
80N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	11,11	1,52	0,06	0,77	66,67	2,56	1,14	1,62
80N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	5,56	0,76	0,12	1,53	66,67	2,56	1,14	1,62
80N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	3,70	0,51	0,13	1,66	66,67	2,56	1,09	1,58

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	11,11	1,52	0,04	0,45	66,67	2,56	0,99	1,51
80N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	9,26	1,26	0,03	0,39	66,67	2,56	0,82	1,41
80N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,76	0,06	0,69	66,67	2,56	0,73	1,34
80N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	7,41	1,01	0,02	0,25	66,67	2,56	0,63	1,27
80N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	5,56	0,76	0,02	0,31	66,67	2,56	0,54	1,21
80N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	5,56	0,76	0,02	0,22	66,67	2,56	0,49	1,18
80N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,76	0,02	0,21	66,67	2,56	0,49	1,18
80N	Morta	3,70	0,51	0,11	1,39	33,33	1,28	0,94	1,06
80N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	7,41	1,01	0,02	0,26	33,33	1,28	0,63	0,85
80N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	5,56	0,76	0,02	0,31	33,33	1,28	0,54	0,78
80N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	5,56	0,76	0,02	0,25	33,33	1,28	0,50	0,76
80N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	3,70	0,51	0,02	0,22	33,33	1,28	0,37	0,67
80N	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	1,85	0,25	0,03	0,42	33,33	1,28	0,34	0,65
80N	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,25	0,01	0,14	33,33	1,28	0,19	0,56
80N	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	1,85	0,25	0,00	0,06	33,33	1,28	0,16	0,53
80N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,25	0,00	0,05	33,33	1,28	0,15	0,53
80Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	92,59	14,29	0,91	14,42	100,00	3,49	14,35	10,73
80Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	79,63	12,29	0,97	15,38	100,00	3,49	13,84	10,39
80Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	53,70	8,29	0,44	6,93	100,00	3,49	7,61	6,23
80Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	37,04	5,71	0,56	8,86	100,00	3,49	7,28	6,02

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	53,70	8,29	0,35	5,52	100,00	3,49	6,90	5,76
80Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	46,30	7,14	0,29	4,65	100,00	3,49	5,89	5,09
80Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	27,78	4,29	0,29	4,65	100,00	3,49	4,47	4,14
80Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	9,26	1,43	0,56	8,94	33,33	1,16	5,18	3,84
80Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	20,37	3,14	0,21	3,41	66,67	2,33	3,28	2,96
80Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltld.	24,07	3,71	0,10	1,55	100,00	3,49	2,63	2,92
80Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	11,11	1,71	0,20	3,19	100,00	3,49	2,45	2,80
80Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	16,67	2,57	0,07	1,19	100,00	3,49	1,88	2,42
80Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	16,67	2,57	0,06	0,92	100,00	3,49	1,75	2,33
80Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	7,41	1,14	0,13	2,00	100,00	3,49	1,58	2,21
80Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	9,26	1,43	0,10	1,61	100,00	3,49	1,52	2,18
80Q	Morfoespécie 1	9,26	1,43	0,09	1,51	100,00	3,49	1,47	2,14
80Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	1,43	0,07	1,17	100,00	3,49	1,30	2,03
80Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	9,26	1,43	0,14	2,17	66,67	2,33	1,80	1,98
80Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	7,41	1,14	0,13	2,03	66,67	2,33	1,59	1,83
80Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,86	0,07	1,12	100,00	3,49	0,99	1,82
80Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	12,96	2,00	0,07	1,05	66,67	2,33	1,52	1,79
80Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	9,26	1,43	0,09	1,39	66,67	2,33	1,40	1,71
80Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltld.) Frodin	7,41	1,14	0,02	0,37	66,67	2,33	0,75	1,28
80Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	5,56	0,86	0,03	0,42	66,67	2,33	0,63	1,20

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	5,56	0,86	0,02	0,38	66,67	2,33	0,62	1,19
80Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	5,56	0,86	0,02	0,25	66,67	2,33	0,56	1,15
80Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,86	0,09	1,37	33,33	1,16	1,12	1,13
80Q	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,57	0,03	0,44	66,67	2,33	0,50	1,11
80Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	9,26	1,43	0,04	0,70	33,33	1,16	1,07	1,10
80Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	3,70	0,57	0,01	0,16	66,67	2,33	0,37	1,02
80Q	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,57	0,01	0,14	66,67	2,33	0,35	1,01
80Q	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,57	0,01	0,12	66,67	2,33	0,34	1,01
80Q	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	7,41	1,14	0,03	0,46	33,33	1,16	0,80	0,92
80Q	Morfoespécie 2	3,70	0,57	0,01	0,16	33,33	1,16	0,37	0,63
80Q	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	3,70	0,57	0,01	0,14	33,33	1,16	0,35	0,62
80Q	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	1,85	0,29	0,02	0,36	33,33	1,16	0,32	0,60
80Q	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	1,85	0,29	0,02	0,33	33,33	1,16	0,31	0,59
80Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,29	0,02	0,30	33,33	1,16	0,29	0,58
80Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,29	0,01	0,09	33,33	1,16	0,19	0,51
80Q	<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.	1,85	0,29	0,00	0,08	33,33	1,16	0,18	0,51
80Q	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	1,85	0,29	0,00	0,07	33,33	1,16	0,18	0,51
CR	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	112,96	17,68	1,45	26,84	100,00	3,75	22,26	16,09
CR	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	92,59	14,49	0,60	11,07	100,00	3,75	12,78	9,77
CR	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	57,41	8,99	0,62	11,39	100,00	3,75	10,19	8,04

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
CR	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltl.	66,67	10,43	0,29	5,38	100,00	3,75	7,91	6,52
CR	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	25,93	4,06	0,58	10,70	33,33	1,25	7,38	5,33
CR	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	55,56	8,70	0,17	3,21	100,00	3,75	5,95	5,22
CR	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	16,67	2,61	0,32	5,95	100,00	3,75	4,28	4,10
CR	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	9,26	1,45	0,33	6,18	33,33	1,25	3,82	2,96
CR	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	14,81	2,32	0,12	2,16	100,00	3,75	2,24	2,74
CR	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	18,52	2,90	0,05	0,97	100,00	3,75	1,93	2,54
CR	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	14,81	2,32	0,05	0,85	100,00	3,75	1,59	2,31
CR	<i>Annona coriacea</i> Mart.	11,11	1,74	0,12	2,27	66,67	2,50	2,01	2,17
CR	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	11,11	1,74	0,04	0,83	100,00	3,75	1,28	2,11
CR	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	11,11	1,74	0,10	1,91	66,67	2,50	1,83	2,05
CR	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	9,26	1,45	0,05	0,86	100,00	3,75	1,15	2,02
CR	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	11,11	1,74	0,03	0,50	100,00	3,75	1,12	2,00
CR	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltl.) Frodin	7,41	1,16	0,02	0,33	100,00	3,75	0,75	1,75
CR	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	5,56	0,87	0,01	0,23	100,00	3,75	0,55	1,62
CR	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	7,41	1,16	0,05	0,97	66,67	2,50	1,07	1,54
CR	Morfoespécie 1	7,41	1,16	0,05	0,84	66,67	2,50	1,00	1,50
CR	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	7,41	1,16	0,02	0,44	66,67	2,50	0,80	1,37
CR	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,58	0,06	1,02	66,67	2,50	0,80	1,37
CR	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	7,41	1,16	0,02	0,30	66,67	2,50	0,73	1,32

Continua...



TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
CR	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	5,56	0,87	0,02	0,31	66,67	2,50	0,58	1,22
CR	Morfoespécie 2	3,70	0,58	0,02	0,32	66,67	2,50	0,45	1,13
CR	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,58	0,02	0,28	66,67	2,50	0,43	1,12
CR	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	3,70	0,58	0,01	0,25	66,67	2,50	0,41	1,11
CR	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	3,70	0,58	0,01	0,17	66,67	2,50	0,38	1,08
CR	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	7,41	1,16	0,03	0,47	33,33	1,25	0,81	0,96
CR	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	5,56	0,87	0,03	0,52	33,33	1,25	0,69	0,88
CR	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	1,85	0,29	0,04	0,74	33,33	1,25	0,51	0,76
CR	<i>Neea theifera</i> Oerst.	3,70	0,58	0,02	0,43	33,33	1,25	0,50	0,75
CR	<i>Curatella americana</i> L.	1,85	0,29	0,03	0,58	33,33	1,25	0,44	0,71
CR	Morta	1,85	0,29	0,01	0,16	33,33	1,25	0,22	0,57
CR	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	1,85	0,29	0,01	0,13	33,33	1,25	0,21	0,56
CR	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	1,85	0,29	0,01	0,12	33,33	1,25	0,20	0,55
CR	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,29	0,00	0,09	33,33	1,25	0,19	0,54
CR	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	1,85	0,29	0,00	0,08	33,33	1,25	0,19	0,54
CR	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	1,85	0,29	0,00	0,08	33,33	1,25	0,19	0,54
CR	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	1,85	0,29	0,00	0,07	33,33	1,25	0,18	0,54
T	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	209,26	23,35	1,93	23,54	100,00	4,17	23,44	17,02
T	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	111,11	12,40	1,51	18,36	100,00	4,17	15,38	11,64
T	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	88,89	9,92	0,66	8,08	100,00	4,17	9,00	7,39

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
T	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	101,85	11,36	0,54	6,56	100,00	4,17	8,96	7,36
T	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	72,22	8,06	0,62	7,54	100,00	4,17	7,80	6,59
T	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	46,30	5,17	0,27	3,25	100,00	4,17	4,20	4,19
T	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	14,81	1,65	0,40	4,84	100,00	4,17	3,25	3,55
T	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	27,78	3,10	0,21	2,56	100,00	4,17	2,83	3,28
T	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	20,37	2,27	0,19	2,32	100,00	4,17	2,30	2,92
T	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	25,93	2,89	0,12	1,44	100,00	4,17	2,17	2,83
T	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	22,22	2,48	0,11	1,32	100,00	4,17	1,90	2,65
T	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	18,52	2,07	0,07	0,83	100,00	4,17	1,45	2,36
T	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	18,52	2,07	0,06	0,71	100,00	4,17	1,38	2,31
T	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	14,81	1,65	0,17	2,03	66,67	2,78	1,85	2,15
T	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	3,70	0,41	0,37	4,57	33,33	1,39	2,49	2,12
T	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	11,11	1,24	0,15	1,85	66,67	2,78	1,54	1,95
T	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	9,26	1,03	0,12	1,49	66,67	2,78	1,26	1,77
T	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	7,41	0,83	0,10	1,23	66,67	2,78	1,03	1,61
T	<i>Annona coriacea</i> Mart.	7,41	0,83	0,08	1,00	66,67	2,78	0,92	1,53
T	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,62	0,06	0,78	66,67	2,78	0,70	1,39
T	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	7,41	0,83	0,05	0,58	66,67	2,78	0,70	1,39
T	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	7,41	0,83	0,04	0,47	66,67	2,78	0,65	1,36
T	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	11,11	1,24	0,07	0,80	33,33	1,39	1,01	1,14

Continua...

TABELA 2B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
T	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	3,70	0,41	0,02	0,21	66,67	2,78	0,31	1,13
T	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	3,70	0,41	0,01	0,13	66,67	2,78	0,27	1,11
T	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	3,70	0,41	0,01	0,12	66,67	2,78	0,26	1,10
T	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	1,85	0,21	0,14	1,66	33,33	1,39	0,93	1,08
T	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	3,70	0,41	0,04	0,44	33,33	1,39	0,43	0,75
T	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	1,85	0,21	0,05	0,57	33,33	1,39	0,39	0,72
T	<i>Plenckia populnea</i> Reissek	3,70	0,41	0,02	0,26	33,33	1,39	0,34	0,69
T	Morfoespécie 2	3,70	0,41	0,02	0,19	33,33	1,39	0,31	0,67
T	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	1,85	0,21	0,01	0,09	33,33	1,39	0,15	0,56
T	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,21	0,00	0,06	33,33	1,39	0,14	0,55
T	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,21	0,01	0,06	33,33	1,39	0,14	0,55
T	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,21	0,00	0,05	33,33	1,39	0,13	0,55

TABELA 3B Parâmetros estruturais das espécies avaliadas no levantamento de 2008, em ordem decrescente de IVI, por tratamento, em que DA: densidade absoluta (indivíduos.ha<sup>-1</sup>); DR: densidade relativa (%); DoA:dominância absoluta (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>); DoR: dominância relativa (%); FA: frequência absoluta; FR: frequência relativa (%); IVC: índice de valor de cobertura (%); IVI: índice de valor de importância (%).

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	196,30	18,34	2,15	23,87	100,00	3,03	21,10	15,08
50N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	192,59	17,99	1,73	19,21	100,00	3,03	18,60	13,41
50N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	100,00	9,34	0,48	5,38	100,00	3,03	7,36	5,92
50N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	70,37	6,57	0,48	5,36	100,00	3,03	5,97	4,99
50N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	51,85	4,84	0,41	4,52	100,00	3,03	4,68	4,13
50N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	55,56	5,19	0,31	3,45	100,00	3,03	4,32	3,89
50N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	37,04	3,46	0,27	3,01	100,00	3,03	3,23	3,17
50N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	16,67	1,56	0,42	4,72	100,00	3,03	3,14	3,10
50N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	42,59	3,98	0,17	1,89	100,00	3,03	2,93	2,96
50N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	18,52	1,73	0,33	3,72	100,00	3,03	2,72	2,83
50N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	16,67	1,56	0,33	3,65	100,00	3,03	2,61	2,75
50N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	33,33	3,11	0,12	1,35	100,00	3,03	2,23	2,50
50N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	27,78	2,60	0,11	1,25	100,00	3,03	1,92	2,29
50N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	16,67	1,56	0,14	1,54	100,00	3,03	1,54	2,04
50N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	18,52	1,73	0,12	1,28	100,00	3,03	1,50	2,01
50N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	14,81	1,38	0,21	2,29	66,67	2,02	1,84	1,90
50N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	14,81	1,38	0,06	0,69	100,00	3,03	1,04	1,70

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	7,41	0,69	0,20	2,21	66,67	2,02	1,45	1,64
50N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	11,11	1,04	0,05	0,58	100,00	3,03	0,81	1,55
50N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	16,67	1,56	0,07	0,76	66,67	2,02	1,15	1,45
50N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	11,11	1,04	0,09	1,03	66,67	2,02	1,03	1,36
50N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	5,56	0,52	0,04	0,47	100,00	3,03	0,50	1,34
50N	<i>Curatella americana</i> L.	16,67	1,56	0,11	1,24	33,33	1,01	1,39	1,27
50N	Morta	5,56	0,52	0,11	1,23	66,67	2,02	0,88	1,26
50N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	7,41	0,69	0,04	0,49	66,67	2,02	0,59	1,07
50N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,52	0,05	0,51	66,67	2,02	0,51	1,02
50N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	5,56	0,52	0,03	0,37	66,67	2,02	0,44	0,97
50N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	3,70	0,35	0,03	0,34	66,67	2,02	0,34	0,90
50N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	3,70	0,35	0,03	0,28	66,67	2,02	0,31	0,88
50N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,35	0,03	0,28	66,67	2,02	0,31	0,88
50N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	3,70	0,35	0,01	0,16	66,67	2,02	0,25	0,84
50N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	3,70	0,35	0,01	0,13	66,67	2,02	0,24	0,83
50N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	3,70	0,35	0,01	0,14	66,67	2,02	0,24	0,83
50N	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,35	0,01	0,11	66,67	2,02	0,23	0,83
50N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,35	0,01	0,10	66,67	2,02	0,22	0,82
50N	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1,85	0,17	0,05	0,59	33,33	1,01	0,38	0,59
50N	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	3,70	0,35	0,03	0,29	33,33	1,01	0,31	0,55

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50N	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	1,85	0,17	0,03	0,38	33,33	1,01	0,28	0,52
50N	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	1,85	0,17	0,03	0,29	33,33	1,01	0,23	0,49
50N	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,17	0,02	0,20	33,33	1,01	0,19	0,46
50N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,17	0,02	0,19	33,33	1,01	0,18	0,46
50N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,17	0,01	0,13	33,33	1,01	0,16	0,44
50N	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	1,85	0,17	0,01	0,09	33,33	1,01	0,14	0,43
50N	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	1,85	0,17	0,01	0,08	33,33	1,01	0,13	0,42
50N	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	1,85	0,17	0,01	0,07	33,33	1,01	0,12	0,42
50N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,17	0,00	0,04	33,33	1,01	0,11	0,41
50N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,17	0,00	0,05	33,33	1,01	0,11	0,41
50Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	151,85	16,02	1,89	18,07	100,00	2,94	17,05	12,34
50Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	122,22	12,89	1,76	16,86	100,00	2,94	14,88	10,90
50Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	77,78	8,20	0,64	6,09	100,00	2,94	7,14	5,74
50Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	74,07	7,81	0,66	6,27	100,00	2,94	7,04	5,67
50Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	37,04	3,91	0,69	6,62	100,00	2,94	5,26	4,49
50Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	50,00	5,27	0,30	2,83	100,00	2,94	4,05	3,68
50Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	29,63	3,13	0,46	4,36	100,00	2,94	3,74	3,48
50Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	20,37	2,15	0,52	4,95	100,00	2,94	3,55	3,35
50Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	22,22	2,34	0,46	4,37	100,00	2,94	3,36	3,22
50Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	37,04	3,91	0,30	2,85	66,67	1,96	3,38	2,91

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	9,26	0,98	0,46	4,38	100,00	2,94	2,67	2,76
50Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltldl.	33,33	3,52	0,13	1,27	100,00	2,94	2,39	2,58
50Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	29,63	3,13	0,10	0,99	100,00	2,94	2,06	2,35
50Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltldl.) Frodin	18,52	1,95	0,20	1,95	100,00	2,94	1,95	2,28
50Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	14,81	1,56	0,15	1,43	100,00	2,94	1,50	1,98
50Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	11,11	1,17	0,19	1,80	100,00	2,94	1,49	1,97
50Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltldl.) K.Schum.	14,81	1,56	0,11	1,07	100,00	2,94	1,32	1,86
50Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	12,96	1,37	0,11	1,02	100,00	2,94	1,20	1,78
50Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	11,11	1,17	0,12	1,12	100,00	2,94	1,14	1,74
50Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	7,41	0,78	0,35	3,33	33,33	0,98	2,06	1,70
50Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	12,96	1,37	0,06	0,54	100,00	2,94	0,95	1,61
50Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	18,52	1,95	0,10	0,92	66,67	1,96	1,44	1,61
50Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	9,26	0,98	0,09	0,87	100,00	2,94	0,93	1,60
50Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	11,11	1,17	0,07	0,67	100,00	2,94	0,92	1,59
50Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	9,26	0,98	0,05	0,44	100,00	2,94	0,70	1,45
50Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	14,81	1,56	0,06	0,54	66,67	1,96	1,05	1,35
50Q	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	12,96	1,37	0,07	0,62	66,67	1,96	1,00	1,32
50Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	7,41	0,78	0,03	0,29	66,67	1,96	0,54	1,01
50Q	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	5,56	0,59	0,04	0,40	66,67	1,96	0,49	0,98
50Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	5,56	0,59	0,03	0,25	66,67	1,96	0,42	0,93

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
50Q	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,39	0,02	0,22	66,67	1,96	0,31	0,86
50Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,39	0,02	0,21	66,67	1,96	0,30	0,85
50Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	3,70	0,39	0,02	0,17	66,67	1,96	0,28	0,84
50Q	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,39	0,02	0,17	66,67	1,96	0,28	0,84
50Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,59	0,06	0,58	33,33	0,98	0,58	0,72
50Q	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	7,41	0,78	0,03	0,33	33,33	0,98	0,56	0,70
50Q	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	3,70	0,39	0,03	0,27	33,33	0,98	0,33	0,55
50Q	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	3,70	0,39	0,02	0,17	33,33	0,98	0,28	0,51
50Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	3,70	0,39	0,01	0,12	33,33	0,98	0,26	0,50
50Q	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	3,70	0,39	0,01	0,07	33,33	0,98	0,23	0,48
50Q	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	1,85	0,20	0,02	0,15	33,33	0,98	0,17	0,44
50Q	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	1,85	0,20	0,01	0,12	33,33	0,98	0,16	0,43
50Q	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,20	0,01	0,06	33,33	0,98	0,13	0,41
50Q	Morta	1,85	0,20	0,01	0,05	33,33	0,98	0,13	0,41
50Q	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F. Macbr.	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	0,98	0,12	0,41
50Q	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	1,85	0,20	0,00	0,04	33,33	0,98	0,12	0,41
50Q	<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	1,85	0,20	0,00	0,04	33,33	0,98	0,12	0,40
60N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	137,04	15,07	1,50	17,65	100,00	3,00	16,36	11,91
60N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	100,00	11,00	1,10	12,90	100,00	3,00	11,95	8,97
60N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	81,48	8,96	0,77	9,04	100,00	3,00	9,00	7,00

Continua...



TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	87,04	9,57	0,54	6,30	100,00	3,00	7,93	6,29
60N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	37,04	4,07	0,63	7,40	100,00	3,00	5,74	4,82
60N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	53,70	5,91	0,36	4,19	100,00	3,00	5,05	4,37
60N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	55,56	6,11	0,25	2,99	100,00	3,00	4,55	4,03
60N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	31,48	3,46	0,16	1,89	100,00	3,00	2,67	2,78
60N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	12,96	1,43	0,37	4,36	66,67	2,00	2,89	2,60
60N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	20,37	2,24	0,17	1,97	100,00	3,00	2,11	2,40
60N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	20,37	2,24	0,15	1,76	100,00	3,00	2,00	2,33
60N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	24,07	2,65	0,09	1,07	100,00	3,00	1,86	2,24
60N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	18,52	2,04	0,14	1,61	100,00	3,00	1,83	2,22
60N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	20,37	2,24	0,08	0,95	100,00	3,00	1,60	2,06
60N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	11,11	1,22	0,22	2,58	66,67	2,00	1,90	1,94
60N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	12,96	1,43	0,11	1,27	100,00	3,00	1,35	1,90
60N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	14,81	1,63	0,07	0,78	100,00	3,00	1,21	1,80
60N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	12,96	1,43	0,16	1,84	66,67	2,00	1,63	1,76
60N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	7,41	0,81	0,11	1,24	100,00	3,00	1,02	1,68
60N	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	12,96	1,43	0,11	1,24	66,67	2,00	1,34	1,56
60N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	9,26	1,02	0,05	0,54	100,00	3,00	0,78	1,52
60N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	9,26	1,02	0,04	0,50	100,00	3,00	0,76	1,51
60N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	11,11	1,22	0,11	1,28	66,67	2,00	1,25	1,50

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	7,41	0,81	0,05	0,61	100,00	3,00	0,71	1,47
60N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	9,26	1,02	0,02	0,25	100,00	3,00	0,63	1,42
60N	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	3,70	0,41	0,14	1,66	66,67	2,00	1,03	1,36
60N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	11,11	1,22	0,06	0,73	66,67	2,00	0,98	1,32
60N	Morta	3,70	0,41	0,12	1,38	66,67	2,00	0,89	1,26
60N	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	3,70	0,41	0,20	2,33	33,33	1,00	1,37	1,25
60N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	5,56	0,61	0,17	2,01	33,33	1,00	1,32	1,21
60N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	14,81	1,63	0,07	0,83	33,33	1,00	1,23	1,15
60N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	3,70	0,41	0,06	0,65	66,67	2,00	0,53	1,02
60N	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	3,70	0,41	0,01	0,14	66,67	2,00	0,28	0,85
60N	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1,85	0,20	0,11	1,31	33,33	1,00	0,75	0,84
60N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,61	0,04	0,45	33,33	1,00	0,53	0,69
60N	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,41	0,04	0,50	33,33	1,00	0,46	0,64
60N	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,41	0,02	0,25	33,33	1,00	0,33	0,55
60N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	3,70	0,41	0,01	0,14	33,33	1,00	0,28	0,52
60N	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	1,85	0,20	0,03	0,31	33,33	1,00	0,25	0,50
60N	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	1,85	0,20	0,02	0,27	33,33	1,00	0,23	0,49
60N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	1,85	0,20	0,02	0,21	33,33	1,00	0,21	0,47
60N	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	1,85	0,20	0,01	0,10	33,33	1,00	0,15	0,43
60N	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	1,85	0,20	0,01	0,09	33,33	1,00	0,14	0,43

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,20	0,01	0,07	33,33	1,00	0,14	0,43
60N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	1,85	0,20	0,01	0,07	33,33	1,00	0,14	0,42
60N	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,20	0,01	0,07	33,33	1,00	0,14	0,42
60N	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	1,00	0,13	0,42
60N	<i>Platymiscium pubescens</i> Micheli	1,85	0,20	0,01	0,06	33,33	1,00	0,13	0,42
60N	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	1,85	0,20	0,00	0,04	33,33	1,00	0,13	0,42
60N	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	1,00	0,13	0,42
60Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	181,48	18,74	1,70	21,00	100,00	3,70	19,87	14,48
60Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	144,44	14,91	1,42	17,48	100,00	3,70	16,20	12,03
60Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	70,37	7,27	0,60	7,37	100,00	3,70	7,32	6,11
60Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	72,22	7,46	0,53	6,51	100,00	3,70	6,99	5,89
60Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltld.	70,37	7,27	0,37	4,60	100,00	3,70	5,93	5,19
60Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	68,52	7,07	0,38	4,68	100,00	3,70	5,88	5,15
60Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	51,85	5,35	0,26	3,15	100,00	3,70	4,25	4,07
60Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	40,74	4,21	0,22	2,76	100,00	3,70	3,48	3,56
60Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	31,48	3,25	0,27	3,29	100,00	3,70	3,27	3,41
60Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	16,67	1,72	0,27	3,33	100,00	3,70	2,53	2,92
60Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	14,81	1,53	0,25	3,05	100,00	3,70	2,29	2,76
60Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	27,78	2,87	0,11	1,31	100,00	3,70	2,09	2,63
60Q	<i>Platycamus regnellii</i> Benth.	12,96	1,34	0,12	1,47	100,00	3,70	1,40	2,17

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	9,26	0,96	0,12	1,45	100,00	3,70	1,21	2,04
60Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	11,11	1,15	0,16	1,93	66,67	2,47	1,53	1,85
60Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	11,11	1,15	0,26	3,15	33,33	1,23	2,15	1,84
60Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	11,11	1,15	0,05	0,64	100,00	3,70	0,89	1,83
60Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	9,26	0,96	0,15	1,83	66,67	2,47	1,39	1,75
60Q	Morta	5,56	0,57	0,16	1,98	66,67	2,47	1,28	1,68
60Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	14,81	1,53	0,06	0,70	66,67	2,47	1,12	1,57
60Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,57	0,10	1,29	66,67	2,47	0,93	1,44
60Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	9,26	0,96	0,07	0,82	66,67	2,47	0,89	1,42
60Q	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	3,70	0,38	0,11	1,37	66,67	2,47	0,88	1,41
60Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	5,56	0,57	0,09	1,12	66,67	2,47	0,85	1,39
60Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	7,41	0,76	0,02	0,26	66,67	2,47	0,51	1,17
60Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	7,41	0,76	0,02	0,26	66,67	2,47	0,51	1,17
60Q	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	5,56	0,57	0,03	0,37	66,67	2,47	0,47	1,14
60Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	5,56	0,57	0,02	0,27	66,67	2,47	0,42	1,10
60Q	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	12,96	1,34	0,05	0,58	33,33	1,23	0,95	1,05
60Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,38	0,02	0,24	66,67	2,47	0,31	1,03
60Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	3,70	0,38	0,02	0,21	66,67	2,47	0,30	1,02
60Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	5,56	0,57	0,04	0,49	33,33	1,23	0,53	0,76
60Q	<i>Curatella americana</i> L.	7,41	0,76	0,02	0,27	33,33	1,23	0,52	0,76

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
60Q	<i>Machaerium villosum</i> Vogel	3,70	0,38	0,02	0,23	33,33	1,23	0,31	0,61
60Q	<i>Plenckia populnea</i> Reissek	1,85	0,19	0,03	0,34	33,33	1,23	0,26	0,59
60Q	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,19	0,01	0,13	33,33	1,23	0,16	0,52
60Q	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	1,85	0,19	0,01	0,07	33,33	1,23	0,13	0,50
70N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	168,52	18,50	1,49	16,82	100,00	2,83	17,66	12,72
70N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	120,37	13,21	1,43	16,08	100,00	2,83	14,65	10,71
70N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	81,48	8,94	0,55	6,14	100,00	2,83	7,55	5,97
70N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	62,96	6,91	0,45	5,12	100,00	2,83	6,01	4,95
70N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	24,07	2,64	0,74	8,35	66,67	1,89	5,49	4,29
70N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	53,70	5,89	0,25	2,87	100,00	2,83	4,38	3,86
70N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	38,89	4,27	0,39	4,37	100,00	2,83	4,32	3,82
70N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	14,81	1,63	0,65	7,28	66,67	1,89	4,45	3,60
70N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	24,07	2,64	0,26	2,95	100,00	2,83	2,80	2,81
70N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	16,67	1,83	0,27	3,05	100,00	2,83	2,43	2,57
70N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	27,78	3,05	0,16	1,75	100,00	2,83	2,40	2,54
70N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	25,93	2,85	0,09	1,02	100,00	2,83	1,93	2,23
70N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	24,07	2,64	0,09	1,07	100,00	2,83	1,86	2,18
70N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	9,26	1,02	0,20	2,28	100,00	2,83	1,65	2,04
70N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	20,37	2,24	0,09	0,97	100,00	2,83	1,60	2,01
70N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	16,67	1,83	0,09	0,97	100,00	2,83	1,40	1,88

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	14,81	1,63	0,09	1,06	100,00	2,83	1,35	1,84
70N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	14,81	1,63	0,05	0,55	100,00	2,83	1,09	1,67
70N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	12,96	1,42	0,06	0,71	100,00	2,83	1,07	1,65
70N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	11,11	1,22	0,11	1,25	66,67	1,89	1,24	1,45
70N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	12,96	1,42	0,09	1,02	66,67	1,89	1,22	1,44
70N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,61	0,06	0,73	100,00	2,83	0,67	1,39
70N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	7,41	0,81	0,11	1,20	66,67	1,89	1,01	1,30
70N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	5,56	0,61	0,03	0,35	100,00	2,83	0,48	1,26
70N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	9,26	1,02	0,06	0,71	66,67	1,89	0,87	1,20
70N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	3,70	0,41	0,11	1,28	66,67	1,89	0,84	1,19
70N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,61	0,17	1,97	33,33	0,94	1,29	1,17
70N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	5,56	0,61	0,06	0,68	66,67	1,89	0,64	1,06
70N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	7,41	0,81	0,04	0,45	66,67	1,89	0,63	1,05
70N	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	3,70	0,41	0,04	0,44	66,67	1,89	0,43	0,91
70N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	3,70	0,41	0,01	0,13	66,67	1,89	0,27	0,81
70N	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	3,70	0,41	0,01	0,12	66,67	1,89	0,26	0,80
70N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	3,70	0,41	0,01	0,09	66,67	1,89	0,25	0,80
70N	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	5,56	0,61	0,04	0,40	33,33	0,94	0,50	0,65
70N	Morta	3,70	0,41	0,05	0,54	33,33	0,94	0,47	0,63
70N	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	3,70	0,41	0,05	0,52	33,33	0,94	0,47	0,62

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70N	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	1,85	0,20	0,06	0,67	33,33	0,94	0,44	0,60
70N	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	1,85	0,20	0,05	0,62	33,33	0,94	0,41	0,59
70N	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	1,85	0,20	0,05	0,58	33,33	0,94	0,39	0,58
70N	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	1,85	0,20	0,05	0,58	33,33	0,94	0,39	0,57
70N	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	1,85	0,20	0,04	0,50	33,33	0,94	0,35	0,55
70N	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	3,70	0,41	0,03	0,29	33,33	0,94	0,35	0,55
70N	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	1,85	0,20	0,02	0,21	33,33	0,94	0,20	0,45
70N	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	1,85	0,20	0,02	0,20	33,33	0,94	0,20	0,45
70N	<i>Curatella americana</i> L.	1,85	0,20	0,02	0,19	33,33	0,94	0,19	0,44
70N	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	1,85	0,20	0,01	0,14	33,33	0,94	0,17	0,43
70N	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	1,85	0,20	0,01	0,11	33,33	0,94	0,16	0,42
70N	Morfoespécie 8	1,85	0,20	0,01	0,10	33,33	0,94	0,31	1,25
70N	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	1,85	0,20	0,01	0,10	33,33	0,94	0,30	1,24
70N	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	1,85	0,20	0,01	0,09	33,33	0,94	0,29	1,24
70N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,20	0,01	0,09	33,33	0,94	0,30	1,24
70N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,20	0,01	0,08	33,33	0,94	0,29	1,23
70N	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	1,85	0,20	0,01	0,06	33,33	0,94	0,26	1,20
70N	Morfoespécie 9	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	0,94	0,26	1,20
70N	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	1,85	0,20	0,00	0,04	33,33	0,94	0,25	1,19
70Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	251,85	26,51	2,04	23,72	100,00	3,33	50,23	53,56

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	116,67	12,28	1,39	16,11	100,00	3,33	28,39	31,72
70Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	92,59	9,75	0,59	6,80	100,00	3,33	16,55	19,88
70Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	57,41	6,04	0,43	5,03	100,00	3,33	11,07	14,41
70Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	68,52	7,21	0,33	3,79	100,00	3,33	11,00	14,33
70Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	14,81	1,56	0,75	8,72	100,00	3,33	10,28	13,62
70Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltldl.	35,19	3,70	0,20	2,27	100,00	3,33	5,97	9,31
70Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	16,67	1,75	0,33	3,79	100,00	3,33	5,55	8,88
70Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	29,63	3,12	0,19	2,18	100,00	3,33	5,29	8,63
70Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	27,78	2,92	0,20	2,33	100,00	3,33	5,26	8,59
70Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	14,81	1,56	0,32	3,69	100,00	3,33	5,25	8,58
70Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	18,52	1,95	0,23	2,70	100,00	3,33	4,64	7,98
70Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	25,93	2,73	0,11	1,23	100,00	3,33	3,96	7,30
70Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	24,07	2,53	0,11	1,24	100,00	3,33	3,77	7,10
70Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	12,96	1,36	0,20	2,28	66,67	2,22	3,64	5,86
70Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	12,96	1,36	0,05	0,54	100,00	3,33	1,91	5,24
70Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	14,81	1,56	0,12	1,41	66,67	2,22	2,97	5,19
70Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	0,97	0,07	0,83	100,00	3,33	1,80	5,14
70Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	18,52	1,95	0,08	0,94	66,67	2,22	2,89	5,11
70Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	9,26	0,97	0,23	2,72	33,33	1,11	3,70	4,81
70Q	Morta	5,56	0,58	0,07	0,80	66,67	2,22	1,39	3,61

Continua...



TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	3,70	0,39	0,07	0,78	66,67	2,22	1,17	3,39
70Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	7,41	0,78	0,03	0,37	66,67	2,22	1,15	3,37
70Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	7,41	0,78	0,03	0,30	66,67	2,22	1,08	3,31
70Q	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	5,56	0,58	0,04	0,45	66,67	2,22	1,03	3,26
70Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	3,70	0,39	0,02	0,26	66,67	2,22	0,65	2,87
70Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	3,70	0,39	0,02	0,22	66,67	2,22	0,61	2,84
70Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	3,70	0,39	0,02	0,20	66,67	2,22	0,59	2,82
70Q	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	3,70	0,39	0,02	0,21	66,67	2,22	0,60	2,82
70Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	3,70	0,39	0,01	0,16	66,67	2,22	0,55	2,77
70Q	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	1,85	0,19	0,12	1,37	33,33	1,11	1,56	2,67
70Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	1,85	0,19	0,09	0,99	33,33	1,11	1,18	2,29
70Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	1,85	0,19	0,04	0,45	33,33	1,11	0,65	1,76
70Q	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	3,70	0,39	0,01	0,13	33,33	1,11	0,52	1,63
70Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,19	0,01	0,16	33,33	1,11	0,36	1,47
70Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,19	0,01	0,12	33,33	1,11	0,32	1,43
70Q	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	1,85	0,19	0,01	0,10	33,33	1,11	0,30	1,41
70Q	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,19	0,01	0,10	33,33	1,11	0,30	1,41
70Q	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	1,85	0,19	0,01	0,11	33,33	1,11	0,30	1,41
70Q	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,19	0,01	0,09	33,33	1,11	0,28	1,39
70Q	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	1,85	0,19	0,01	0,08	33,33	1,11	0,28	1,39

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
70Q	Morfoespécie 2	1,85	0,19	0,01	0,06	33,33	1,11	0,25	1,37
70Q	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	1,85	0,19	0,00	0,05	33,33	1,11	0,25	1,36
70Q	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Cov.	1,85	0,19	0,01	0,06	33,33	1,11	0,25	1,36
70Q	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,19	0,00	0,05	33,33	1,11	0,24	1,35
80N	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	157,41	16,67	2,47	26,14	100,00	3,26	42,81	46,07
80N	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	161,11	17,06	1,07	11,34	100,00	3,26	28,40	31,66
80N	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	83,33	8,82	0,50	5,24	100,00	3,26	14,06	17,32
80N	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	44,44	4,71	0,66	7,02	100,00	3,26	11,72	14,98
80N	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	75,93	8,04	0,34	3,62	100,00	3,26	11,66	14,92
80N	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	55,56	5,88	0,32	3,43	100,00	3,26	9,32	12,58
80N	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	33,33	3,53	0,52	5,54	100,00	3,26	9,06	12,33
80N	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltldl.	44,44	4,71	0,40	4,26	100,00	3,26	8,97	12,23
80N	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	16,67	1,76	0,42	4,44	100,00	3,26	6,20	9,47
80N	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	35,19	3,73	0,19	2,05	100,00	3,26	5,77	9,03
80N	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	12,96	1,37	0,42	4,39	100,00	3,26	5,76	9,02
80N	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	24,07	2,55	0,15	1,60	100,00	3,26	4,15	7,41
80N	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	9,26	0,98	0,40	4,19	66,67	2,17	5,17	7,34
80N	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	9,26	0,98	0,38	4,00	33,33	1,09	4,98	6,07
80N	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltldl.) Frodin	16,67	1,76	0,07	0,72	100,00	3,26	2,49	5,75
80N	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	5,56	0,59	0,14	1,44	100,00	3,26	2,03	5,29

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80N	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	9,26	0,98	0,09	0,91	100,00	3,26	1,89	5,15
80N	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	12,96	1,37	0,05	0,50	100,00	3,26	1,88	5,14
80N	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	12,96	1,37	0,04	0,43	100,00	3,26	1,80	5,06
80N	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	9,26	0,98	0,04	0,43	100,00	3,26	1,41	4,67
80N	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	9,26	0,98	0,04	0,39	100,00	3,26	1,37	4,63
80N	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	9,26	0,98	0,02	0,26	100,00	3,26	1,24	4,50
80N	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	14,81	1,57	0,05	0,57	66,67	2,17	2,14	4,32
80N	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	5,56	0,59	0,14	1,44	66,67	2,17	2,03	4,21
80N	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	11,11	1,18	0,08	0,84	66,67	2,17	2,02	4,20
80N	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	3,70	0,39	0,15	1,58	66,67	2,17	1,98	4,15
80N	<i>Annona coriacea</i> Mart.	9,26	0,98	0,03	0,32	66,67	2,17	1,30	3,47
80N	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	9,26	0,98	0,03	0,31	66,67	2,17	1,29	3,47
80N	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	5,56	0,59	0,06	0,60	66,67	2,17	1,19	3,36
80N	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	7,41	0,78	0,03	0,27	66,67	2,17	1,06	3,23
80N	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	7,41	0,78	0,02	0,26	66,67	2,17	1,04	3,22
80N	<i>Neea theifera</i> Oerst.	5,56	0,59	0,02	0,26	66,67	2,17	0,85	3,02
80N	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	1,85	0,20	0,03	0,36	33,33	1,09	0,55	1,64
80N	Morta	1,85	0,20	0,03	0,34	33,33	1,09	0,53	1,62
80N	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	1,85	0,20	0,02	0,19	33,33	1,09	0,38	1,47
80N	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	1,85	0,20	0,01	0,08	33,33	1,09	0,27	1,36

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80N	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,20	0,01	0,05	33,33	1,09	0,25	1,34
80N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,20	0,01	0,05	33,33	1,09	0,25	1,34
80N	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	1,85	0,20	0,01	0,05	33,33	1,09	0,25	1,34
80N	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	1,09	0,24	1,33
80N	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	1,85	0,20	0,00	0,05	33,33	1,09	0,24	1,33
80Q	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	135,19	15,57	1,23	15,51	100,00	3,13	31,08	34,20
80Q	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	94,44	10,87	1,19	14,99	100,00	3,13	25,86	28,99
80Q	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	68,52	7,89	0,58	7,32	100,00	3,13	15,21	18,33
80Q	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	74,07	8,53	0,41	5,22	100,00	3,13	13,75	16,88
80Q	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	68,52	7,89	0,39	4,95	100,00	3,13	12,84	15,96
80Q	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	38,89	4,48	0,60	7,51	100,00	3,13	11,99	15,11
80Q	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	29,63	3,41	0,34	4,23	100,00	3,13	7,64	10,77
80Q	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	11,11	1,28	0,63	7,98	33,33	1,04	9,26	10,30
80Q	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	37,04	4,26	0,28	3,57	66,67	2,08	7,83	9,91
80Q	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	33,33	3,84	0,14	1,79	100,00	3,13	5,63	8,75
80Q	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	12,96	1,49	0,26	3,33	100,00	3,13	4,83	7,95
80Q	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	27,78	3,20	0,12	1,55	100,00	3,13	4,75	7,88
80Q	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	20,37	2,35	0,15	1,90	100,00	3,13	4,25	7,37
80Q	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	16,67	1,92	0,17	2,12	100,00	3,13	4,04	7,17
80Q	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	22,22	2,56	0,07	0,87	100,00	3,13	3,42	6,55

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80Q	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	16,67	1,92	0,09	1,07	100,00	3,13	2,99	6,12
80Q	<i>Annona coriacea</i> Mart.	11,11	1,28	0,10	1,27	100,00	3,13	2,55	5,67
80Q	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	9,26	1,07	0,08	1,00	100,00	3,13	2,07	5,19
80Q	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	9,26	1,07	0,16	1,95	66,67	2,08	3,02	5,10
80Q	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	12,96	1,49	0,11	1,32	66,67	2,08	2,82	4,90
80Q	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	7,41	0,85	0,14	1,82	66,67	2,08	2,67	4,75
80Q	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltld.) Frodin	9,26	1,07	0,04	0,52	100,00	3,13	1,58	4,71
80Q	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	7,41	0,85	0,02	0,23	100,00	3,13	1,08	4,20
80Q	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	7,41	0,85	0,02	0,30	66,67	2,08	1,15	3,23
80Q	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	7,41	0,85	0,02	0,27	66,67	2,08	1,12	3,21
80Q	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	5,56	0,64	0,11	1,42	33,33	1,04	2,06	3,10
80Q	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	5,56	0,64	0,02	0,26	66,67	2,08	0,90	2,98
80Q	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,43	0,03	0,44	66,67	2,08	0,87	2,95
80Q	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	3,70	0,43	0,03	0,33	66,67	2,08	0,76	2,84
80Q	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K.Schum.	9,26	1,07	0,05	0,69	33,33	1,04	1,76	2,80
80Q	<i>Curatella americana</i> L.	3,70	0,43	0,02	0,24	66,67	2,08	0,66	2,75
80Q	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,43	0,01	0,18	66,67	2,08	0,61	2,69
80Q	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3,70	0,43	0,01	0,12	66,67	2,08	0,55	2,63
80Q	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	7,41	0,85	0,05	0,58	33,33	1,04	1,44	2,48
80Q	<i>Neea theifera</i> Oerst.	5,56	0,64	0,04	0,46	33,33	1,04	1,10	2,14

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
80Q	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	3,70	0,43	0,03	0,43	33,33	1,04	0,86	1,90
80Q	Morfoespécie 5	1,85	0,21	0,04	0,56	33,33	1,04	0,78	1,82
80Q	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	3,70	0,43	0,01	0,18	33,33	1,04	0,61	1,65
80Q	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	1,85	0,21	0,02	0,28	33,33	1,04	0,50	1,54
80Q	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,21	0,02	0,28	33,33	1,04	0,49	1,54
80Q	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	1,85	0,21	0,02	0,23	33,33	1,04	0,45	1,49
80Q	Morfoespécie 3	1,85	0,21	0,02	0,23	33,33	1,04	0,44	1,48
80Q	<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.	1,85	0,21	0,01	0,10	33,33	1,04	0,31	1,36
80Q	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	1,85	0,21	0,01	0,09	33,33	1,04	0,31	1,35
80Q	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	1,85	0,21	0,01	0,08	33,33	1,04	0,30	1,34
80Q	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,21	0,01	0,07	33,33	1,04	0,29	1,33
80Q	<i>Trichilia pallens</i> C.DC.	1,85	0,21	0,01	0,07	33,33	1,04	0,29	1,33
80Q	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	1,85	0,21	0,00	0,05	33,33	1,04	0,27	1,31
CR	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	146,30	14,34	1,76	22,80	100,00	3,33	37,13	40,47
CR	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	131,48	12,89	0,95	12,31	100,00	3,33	25,19	28,52
CR	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	112,96	11,07	0,88	11,45	100,00	3,33	22,52	25,85
CR	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	125,93	12,34	0,46	6,04	100,00	3,33	18,38	21,71
CR	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schltdl.	72,22	7,08	0,43	5,64	100,00	3,33	12,71	16,05
CR	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	31,48	3,09	0,72	9,31	33,33	1,11	12,39	13,50
CR	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	50,00	4,90	0,17	2,25	100,00	3,33	7,15	10,48

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
CR	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	18,52	1,81	0,34	4,44	100,00	3,33	6,26	9,59
CR	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	38,89	3,81	0,13	1,67	100,00	3,33	5,48	8,82
CR	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	31,48	3,09	0,15	1,94	100,00	3,33	5,02	8,35
CR	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	12,96	1,27	0,36	4,73	33,33	1,11	6,00	7,11
CR	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	27,78	2,72	0,08	1,04	100,00	3,33	3,76	7,09
CR	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	18,52	1,81	0,15	1,92	100,00	3,33	3,73	7,07
CR	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltl.) Frodin	18,52	1,81	0,06	0,73	100,00	3,33	2,55	5,88
CR	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	11,11	1,09	0,08	1,00	100,00	3,33	2,08	5,42
CR	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	11,11	1,09	0,07	0,96	100,00	3,33	2,04	5,38
CR	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	12,96	1,27	0,04	0,58	100,00	3,33	1,85	5,18
CR	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	12,96	1,27	0,12	1,53	66,67	2,22	2,80	5,02
CR	<i>Annona coriacea</i> Mart.	11,11	1,09	0,13	1,69	66,67	2,22	2,78	5,01
CR	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	18,52	1,81	0,07	0,87	66,67	2,22	2,69	4,91
CR	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	11,11	1,09	0,04	0,48	100,00	3,33	1,56	4,90
CR	<i>Alibertia edulis</i> (L.C.Rich.) A.Rich. ex DC.	7,41	0,73	0,03	0,32	100,00	3,33	1,05	4,38
CR	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	7,41	0,73	0,02	0,21	100,00	3,33	0,93	4,27
CR	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	12,96	1,27	0,05	0,63	66,67	2,22	1,90	4,12
CR	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	7,41	0,73	0,05	0,66	66,67	2,22	1,39	3,61
CR	<i>Neea theifera</i> Oerst.	7,41	0,73	0,04	0,46	66,67	2,22	1,18	3,40
CR	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	3,70	0,36	0,06	0,72	66,67	2,22	1,09	3,31

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
CR	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	7,41	0,73	0,02	0,31	66,67	2,22	1,04	3,26
CR	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	5,56	0,54	0,02	0,29	66,67	2,22	0,83	3,05
CR	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A.Juss.	3,70	0,36	0,02	0,27	66,67	2,22	0,64	2,86
CR	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	3,70	0,36	0,06	0,74	33,33	1,11	1,10	2,21
CR	<i>Curatella americana</i> L.	1,85	0,18	0,05	0,69	33,33	1,11	0,87	1,98
CR	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	3,70	0,36	0,02	0,28	33,33	1,11	0,64	1,76
CR	<i>Guapira graciliflora</i> (Schmidt) Lundell	3,70	0,36	0,01	0,16	33,33	1,11	0,52	1,63
CR	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	1,85	0,18	0,02	0,23	33,33	1,11	0,42	1,53
CR	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth.	1,85	0,18	0,01	0,13	33,33	1,11	0,32	1,43
CR	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	1,85	0,18	0,01	0,09	33,33	1,11	0,27	1,38
CR	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	1,85	0,18	0,01	0,07	33,33	1,11	0,26	1,37
CR	Morfoespécie 10	1,85	0,18	0,01	0,07	33,33	1,11	0,25	1,37
CR	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	1,85	0,18	0,01	0,07	33,33	1,11	0,25	1,36
CR	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	1,85	0,18	0,01	0,07	33,33	1,11	0,25	1,36
CR	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	1,85	0,18	0,00	0,05	33,33	1,11	0,23	1,35
CR	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	1,85	0,18	0,00	0,06	33,33	1,11	0,24	1,35
CR	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	1,85	0,18	0,00	0,05	33,33	1,11	0,23	1,35
T	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	246,30	22,70	2,44	24,55	100,00	3,61	47,25	50,86
T	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	133,33	12,29	1,74	17,45	100,00	3,61	29,74	33,35
T	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	114,81	10,58	0,64	6,46	100,00	3,61	17,04	20,65

Continua...



TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
T	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	100,00	9,22	0,77	7,77	100,00	3,61	16,99	20,60
T	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	75,93	7,00	0,68	6,85	100,00	3,61	13,84	17,46
T	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	55,56	5,12	0,33	3,32	100,00	3,61	8,43	12,05
T	<i>Lafoensia vandelliana</i> Cham. & Schtdl.	38,89	3,58	0,27	2,71	100,00	3,61	6,29	9,91
T	<i>Salvertia convallariodora</i> A.St.-Hil.	42,59	3,92	0,22	2,19	100,00	3,61	6,12	9,73
T	<i>Magonia pubescens</i> A.St.-Hil.	18,52	1,71	0,43	4,29	100,00	3,61	6,00	9,61
T	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	22,22	2,05	0,23	2,36	100,00	3,61	4,41	8,02
T	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	7,41	0,68	0,43	4,33	66,67	2,41	5,01	7,42
T	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.	25,93	2,39	0,09	0,94	100,00	3,61	3,33	6,95
T	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	18,52	1,71	0,12	1,25	100,00	3,61	2,96	6,57
T	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	14,81	1,37	0,23	2,26	66,67	2,41	3,63	6,04
T	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	16,67	1,54	0,07	0,72	100,00	3,61	2,25	5,87
T	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schtdl.) Frodin	14,81	1,37	0,08	0,83	100,00	3,61	2,20	5,81
T	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	11,11	1,02	0,09	0,93	100,00	3,61	1,95	5,57
T	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	12,96	1,19	0,16	1,63	66,67	2,41	2,82	5,23
T	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	16,67	1,54	0,10	1,03	66,67	2,41	2,56	4,97
T	Morta	12,96	1,19	0,11	1,09	66,67	2,41	2,28	4,69
T	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.	16,67	1,54	0,06	0,64	66,67	2,41	2,18	4,59
T	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	9,26	0,85	0,11	1,11	66,67	2,41	1,97	4,38
T	<i>Annona coriacea</i> Mart.	7,41	0,68	0,10	0,97	66,67	2,41	1,65	4,06

Continua...

TABELA 3B Continuação.

Tratamento	Espécie	DA	DR	DoA	DoR	FA	FR	IVC	IVI
T	<i>Tachigali subvelutina</i> (Benth.) Oliveira-Filho	7,41	0,68	0,03	0,27	66,67	2,41	0,96	3,37
T	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K.Schum.	5,56	0,51	0,03	0,31	66,67	2,41	0,83	3,24
T	<i>Diospyros coccolobifolia</i> Mart. ex Miq.	3,70	0,34	0,03	0,27	66,67	2,41	0,61	3,02
T	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	3,70	0,34	0,02	0,16	66,67	2,41	0,50	2,91
T	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	3,70	0,34	0,01	0,13	66,67	2,41	0,47	2,88
T	<i>Neea theifera</i> Oerst.	3,70	0,34	0,01	0,10	66,67	2,41	0,44	2,85
T	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns	1,85	0,17	0,14	1,41	33,33	1,20	1,58	2,79
T	<i>Plenckia populnea</i> Reissek	5,56	0,51	0,04	0,39	33,33	1,20	0,90	2,10
T	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.	3,70	0,34	0,04	0,43	33,33	1,20	0,77	1,98
T	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	1,85	0,17	0,05	0,50	33,33	1,20	0,67	1,87
T	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.	1,85	0,17	0,01	0,09	33,33	1,20	0,26	1,46
T	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	1,85	0,17	0,01	0,07	33,33	1,20	0,24	1,44
T	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	1,85	0,17	0,01	0,06	33,33	1,20	0,23	1,43
T	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	1,85	0,17	0,01	0,05	33,33	1,20	0,22	1,43
T	<i>Aegiphila lhotskiana</i> Cham.	1,85	0,17	0,00	0,04	33,33	1,20	0,21	1,42
T	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	1,85	0,17	0,00	0,04	33,33	1,20	0,21	1,42

TABELA 4B Valores médios para o número de indivíduos, em que N: (indivíduos.ha<sup>-1</sup>); área basal: G (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>); diâmetro médio quadrático: Dg (cm); altura: H (m); volume: V(m<sup>3</sup>.ha<sup>-1</sup>); peso de matéria seca: PS (t.ha<sup>-1</sup>); carbono: C (t.ha<sup>-1</sup>) e CO<sub>2</sub>(t.ha<sup>-1</sup>), em cada subparcela, no ano de 1997.

Tratamento	Subparcela	1997							
		N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
50N	1	933	9,1	11,1	4,4	48,9	29,6	14,2	52,1
	2	1083	8,2	9,8	3,9	37,6	22,5	10,9	40,0
	3	767	7,7	11,3	4,2	41,2	25,0	12,0	44,0
50Q	4	1022	12,4	12,4	4,6	75,0	45,8	22,0	80,7
	5	789	7,5	11,0	4,3	39,4	23,8	11,5	42,2
	6	711	9,3	12,9	5,4	58,3	35,4	17,0	62,3
60N	7	522	5,9	12,0	4,1	30,7	18,6	9,0	33,0
	8	856	11,0	12,8	5,2	67,3	40,9	19,6	71,9
	9	1033	7,7	9,7	4,1	35,9	21,5	10,4	38,1
60Q	10	950	8,7	10,8	4,1	45,3	27,3	13,2	48,4
	11	883	8,0	10,7	4,4	40,8	24,5	11,8	43,3
	12	1006	8,1	10,1	4,1	41,5	25,0	12,0	44,0
70N	13	839	8,7	11,5	4,4	48,5	29,5	14,2	52,1
	14	900	9,8	11,8	4,2	53,8	32,6	15,7	57,6
	15	1200	11,9	11,2	4,8	67,9	41,1	19,7	72,2

Continua....

TABELA 4B Continuação.

Tratamento	Subparcela	1997							
		N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
70Q	16	900	10,9	12,4	4,3	66,7	40,9	19,6	71,9
	17	778	8,3	11,7	4,7	48,1	29,1	14,0	51,3
	18	961	9,1	11,0	4,3	51,4	31,2	15,0	55,0
80N	19	1061	9,9	10,9	4,0	59,6	36,5	17,5	64,2
	20	1294	11,5	10,6	4,7	63,8	38,5	18,5	67,8
	21	783	9,8	12,6	4,6	56,1	34,1	16,4	60,1
80Q	22	928	8,3	10,7	4,3	44,7	27,0	13,0	47,7
	23	1028	8,5	10,3	4,0	45,7	27,6	13,3	48,8
	24	650	8,6	13,0	4,8	51,2	31,3	15,0	55,0
CR	25	950	8,7	10,8	4,3	46,6	28,2	13,6	49,9
	26	939	10,0	11,6	4,3	57,8	35,2	16,9	62,0
	27	661	8,2	12,6	4,7	50,1	30,5	14,6	53,5
T	28	1083	7,6	9,5	3,7	32,3	19,3	9,3	34,1
	29	672	8,4	12,6	4,6	52,2	31,9	15,3	56,1
	30	794	7,5	11,0	4,5	39,5	23,9	11,5	42,2

TABELA 5B Valores médios para o número de indivíduos: N (indivíduos.ha<sup>-1</sup>); área basal: G (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>); diâmetro médio quadrático: Dg (cm); altura: H (m); volume: V(m<sup>3</sup>.ha<sup>-1</sup>); peso de matéria seca: PS (t.ha<sup>-1</sup>); carbono: C (t.ha<sup>-1</sup>) e CO<sub>2</sub> (t.ha<sup>-1</sup>), em cada subparcela, no ano de 2004.

Tratamento	Subparcela	2004							
		N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
50N	1	672	6,9	11,4	4,4	40,1	24,3	11,7	42,9
	2	872	6,8	10,0	4,1	33,3	20,0	9,6	35,2
	3	761	6,3	10,3	4,2	34,5	20,9	10,0	36,7
50Q	4	939	10,4	11,9	4,7	64,6	39,5	18,9	69,3
	5	683	6,6	11,1	4,4	36,9	22,4	10,8	39,6
	6	828	9,4	12,0	5,0	58,0	35,4	16,9	62,0
60N	7	433	4,1	11,0	4,0	23,1	14,1	6,8	24,9
	8	733	9,8	13,0	4,8	60,1	36,8	17,7	64,9
	9	744	5,5	9,7	4,0	26,6	16,1	7,8	28,6
60Q	10	661	6,5	11,2	4,4	37,0	22,5	10,8	39,6
	11	672	5,7	10,4	4,3	30,2	18,3	8,8	32,3
	12	789	6,2	10,0	4,1	30,7	18,5	8,9	32,6
70N	13	506	4,5	10,6	4,0	24,6	15,0	7,2	26,4
	14	578	7,3	12,7	4,6	41,9	25,6	12,3	45,1
	15	861	8,4	11,1	4,8	49,0	29,7	14,3	52,4

Continua...

TABELA 5B Continuação.

Tratamento	Subparcela	2004							
		N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
70Q	16	739	8,4	12,0	4,1	49,8	30,6	14,7	53,9
	17	622	5,5	10,6	4,0	30,9	18,8	9,0	33,0
	18	828	6,5	10,0	4,3	32,0	19,3	9,3	34,1
80N	19	756	6,2	10,2	4,2	33,8	20,5	9,8	35,9
	20	911	8,4	10,8	4,9	47,4	28,6	13,7	50,2
	21	533	8,6	14,3	4,9	51,2	31,3	15,0	55,0
80Q	22	489	5,3	11,7	4,5	30,3	18,4	8,8	32,3
	23	856	6,1	9,5	4,1	34,1	20,7	9,9	36,3
	24	600	6,7	11,9	4,5	41,0	25,1	12,0	44,0
CR	25	522	4,3	10,2	4,2	29,8	18,4	8,8	32,3
	26	833	4,4	8,2	4,0	22,6	13,7	6,6	24,2
	27	561	5,4	11,1	4,1	35,4	21,8	10,4	38,1
T	28	978	7,2	9,7	4,2	31,7	18,9	9,1	33,4
	29	783	7,7	11,2	4,6	47,0	28,7	13,7	50,2
	30	928	9,5	11,4	4,5	51,3	31,0	14,9	54,6

TABELA 6B Valores médios para o número de indivíduos: N (indivíduos.ha<sup>-1</sup>); área basal: G (m<sup>2</sup>.ha<sup>-1</sup>); diâmetro médio quadrático: Dg (cm); altura: H (m); volume: V(m<sup>3</sup>.ha<sup>-1</sup>); peso de matéria seca: PS (t.ha<sup>-1</sup>); carbono: C (t.ha<sup>-1</sup>) e CO<sub>2</sub> (t.ha<sup>-1</sup>), em cada subparcela, no ano de 2008.

Tratamento	Subparcela	2008							
		N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
50N	1	994	9,0	10,7	4,3	49,7	30,1	14,5	53,2
	2	1094	8,5	9,9	4,3	42,7	25,6	12,3	45,1
	3	1122	8,6	9,9	4,2	45,4	27,4	13,2	48,4
50Q	4	1044	12,2	12,2	5,0	78,8	48,2	23,0	84,3
	5	817	7,6	10,9	4,8	43,3	26,3	12,6	46,2
	6	983	11,3	12,1	5,2	70,9	43,1	20,6	75,5
60N	7	633	5,5	10,5	4,4	30,2	18,3	8,8	32,3
	8	1033	12,0	12,2	4,7	72,7	44,4	21,3	78,1
	9	1061	7,3	9,4	4,1	34,6	20,8	10,0	36,7
60Q	10	894	8,6	11,1	4,4	47,3	28,7	13,8	50,6
	11	1022	7,8	9,9	4,2	39,0	23,5	11,3	41,4
	12	989	7,4	9,8	3,9	35,0	21,0	10,2	37,4
70N	13	844	6,2	9,7	4,2	32,5	19,7	9,5	34,8
	14	794	8,8	11,9	4,6	50,6	30,8	14,8	54,3
	15	1094	10,8	11,2	4,9	63,3	38,3	18,4	67,5

Continua...

TABELA 6B Continuação.

Tratamento	Subparcela	2008							
		N	G	Dg	H	V	PS	C	CO <sub>2</sub>
70Q	16	867	10,0	12,1	4,3	61,4	37,6	18,0	66,0
	17	939	7,3	9,9	4,6	39,9	24,1	11,6	42,5
	18	1044	7,9	9,8	4,5	39,2	23,5	11,3	41,4
80N	19	1039	7,7	9,7	4,4	40,8	24,6	11,8	43,3
	20	1144	10,1	10,6	5,0	55,2	33,2	16,0	58,7
	21	650	9,9	13,9	4,9	60,8	37,1	17,8	65,3
80Q	22	644	6,8	11,6	4,7	38,2	23,1	11,1	40,7
	23	1233	8,2	9,2	4,0	42,3	25,6	12,3	45,1
	24	728	8,1	11,9	4,5	49,1	30,1	14,4	52,8
CR	25	900	6,9	9,9	4,7	43,3	26,5	12,7	46,6
	26	1344	7,4	8,4	4,6	35,2	21,1	10,2	37,4
	27	817	7,3	10,7	4,5	43,7	26,7	12,8	46,9
T	28	1094	11,2	11,4	4,6	60,9	36,8	17,7	64,9
	29	1200	8,9	9,7	4,2	39,8	23,7	11,5	42,2
	30	961	9,4	11,2	4,5	56,3	34,3	16,4	60,1